

HISTÓRIA
DA VIDA PRIVADA
NO BRASIL

2

*Império: a corte e a
modernidade nacional*

CADERNO DE IMAGENS

Coordenação geral da coleção
FERNANDO A. NOVAIS

Organizador do volume
LUIZ FELIPE DE ALENCASTRO

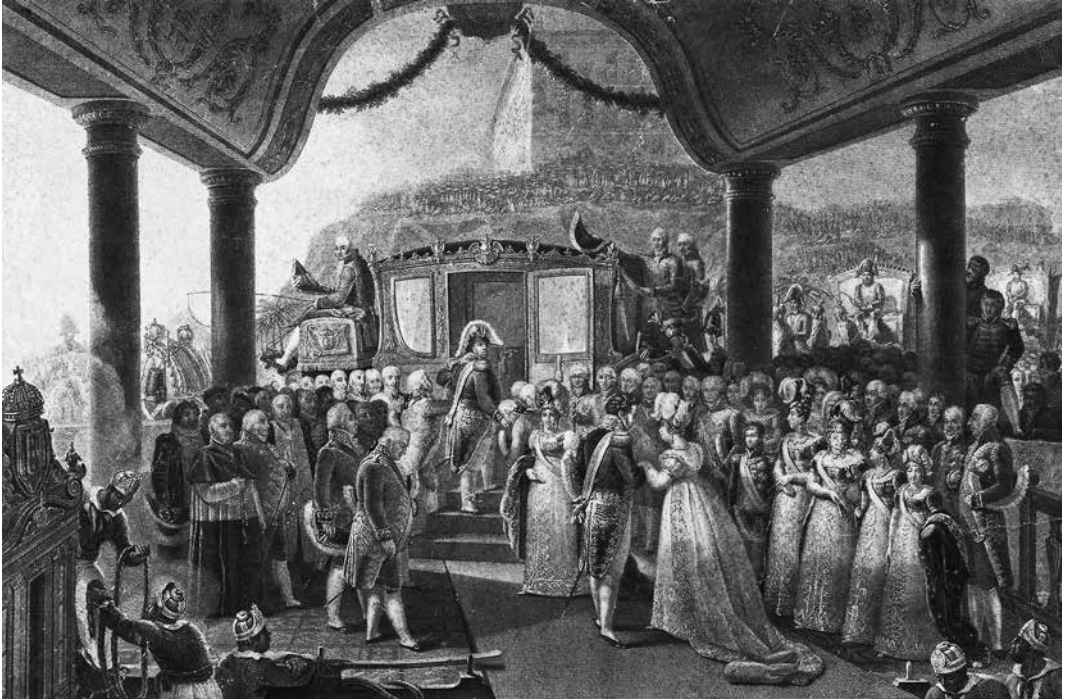


COMPANHIA DAS LETRAS

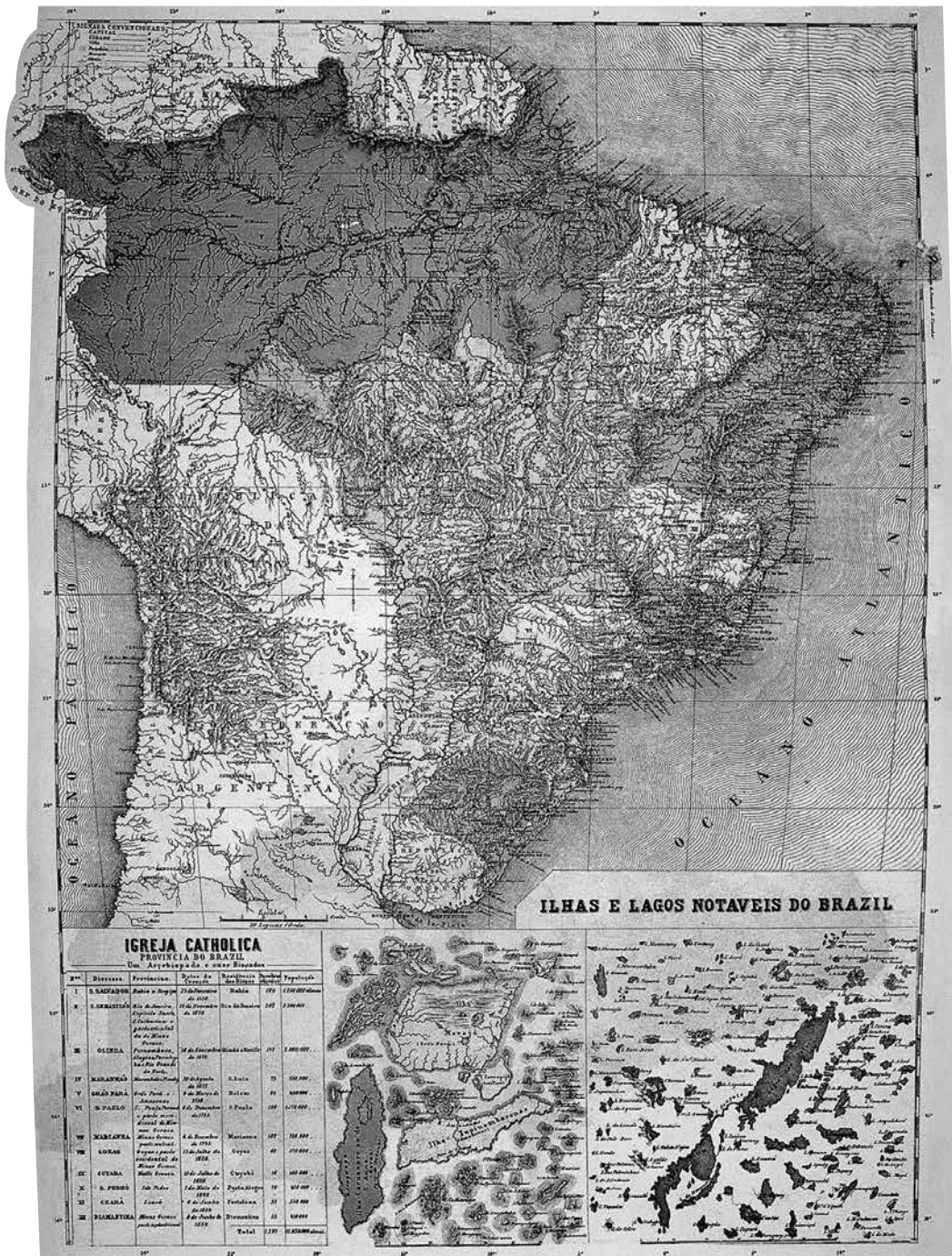
1

VIDA PRIVADA E ORDEM
PRIVADA NO IMPÉRIO

Luiz Felipe de Alencastro



1. Esposa do então príncipe d. Pedro e futura primeira imperatriz do Brasil, d. Carolina Leopoldina desembarcou no Rio de Janeiro em 1817. Filha do imperador da Áustria, d. Carolina foi cedida em casamento depois de um minucioso tratado luso-austriaco, no qual d. João VI pagava ao sogro de seu filho dotes e contradotes avultados que o obrigavam a hipotecar as rendas da Casa de Bragança. O casamento assegurava aos Bragança o apoio do Império Austríaco. (Charles Simon Pradier, Desembarque da arquiduquesa d. Carolina Leopoldina no Rio de Janeiro, 1818)



2. Divisão eclesiástica do Império: o catolicismo era a religião oficial e as sedes das paróquias funcionavam como cartórios em que os párocos — funcionários públicos — exerciam as atividades cartorárias. Note-se que o mapa, como todos os subsequentes, não inclui zonas do Norte brasileiro e o Acre, posteriormente incorporados ao território nacional. (Atlas do Império do Brazil, Cândido Mendes, 1868)



3. *Organizando a legislação nacional, o Código Criminal do Império do Brasil (1830) adaptou a escravidão à modernidade oitocentista.* (Código Criminal do Império do Brasil, 1831)



4. *A ordem privada escravista. O homem branco é o senhor, dono, proprietário dos cinco outros homens negros e mulatos. Está na frente, na posição de autoridade e domínio. Os outros se encontram atrás.*

O primeiro à esquerda do senhor é mulato, está bem vestido. Ao contrário dos outros, deixou o cabelo meio liso crescer, penteou-o, fez uma risca no lado esquerdo, como o seu senhor. Mas não pode usar sapatos, privilégio e marca distintiva dos livres e libertos. Tirar fotografia era uma operação demorada. Ninguém podia se mexer durante quase dois minutos. Outras tentativas já podiam ter falhado. O fotógrafo Militão, que fez essa foto em São Paulo, deve ter reclamado. Por isso ou por outras razões mais secretas, o senhor está zangado, de cara amarrada. O escravo situado à sua direita, assustado, encolheu-se.

Na extrema esquerda, o homem com a varimba na mão — pastor de cabras ou de vaca leiteira na cidade — tem um olhar altivo, talvez porque traga nas mãos o objeto de seu ofício, que o distingue dos outros cativos, paus para toda obra. Na extrema direita, o homem de branco se mexeu: estragou a foto da ordem escravista programada pelo seu senhor. Vai apanhar. No seu rosto fora de foco vislumbra-se o medo. Vai apanhar. (Foto de Militão Augusto de Azevedo, São Paulo, c. 1870)



5. Recife, teatro da Revolução Praieira (1848-9), o levante político mais radical ocorrido no Império. (Emil Bauch, Largo do Corpo Santo, meados do século XIX)



6. De longe o maior porto do Brasil, o Rio de Janeiro constituía o ponto de convergência dos mercados provinciais e de redistribuição das mercadorias importadas. (Foto de Revert Henrique Klumb, Vista do largo do Paço e do porto, 1860)



7. Com damas de sombrinhas, militares e o jeito de Washington emprestado pelo prédio copiado do Capitólio, então situado no Campo de Santana, o Rio de Janeiro festeja o final da Guerra do Paraguai em 1870. (Foto de Marc Ferrez, Campo de Santana na festa pelo fim da guerra, 1870)

10. "Gentes, você já viu já?"
 Mexendo na concordância
 verbal e no ritmo das modinhas,
 o lundu molda a linguagem e a
 música brasileira, desde meados
 do século XIX. (Jornal do
 Comércio, set. 1953)

GENTES, VOCÊ JÁ VIO JÁ?

Novo e mui gracioso lundu brasileiro, poesia do curioso R. B., posto em musica pelo professor Dorison: 1º numero do NOVO ALBUM de modinhas; preço 800 rs.

A' venda na Imprensa de musica de Filippone e Comp., rua dos Latoeiros n. 59.

NA rua dos Pescadores n. 19 vendem-se cofres de ferro, por preços módicos

SABRÃO Á LEZ E SE AÇÃO Á VENDA NA RUA DA OUITANDA N. 77

AS AFAMADAS

FOLHINHAS DE LAEMMERT PARA 1854

ORGANISADAS, COM A REFORMA DOS DIAS SANTOS, PARA TODOS OS BISPADOS DO IMPERIO.



DECIMO-QUINTO ANNO

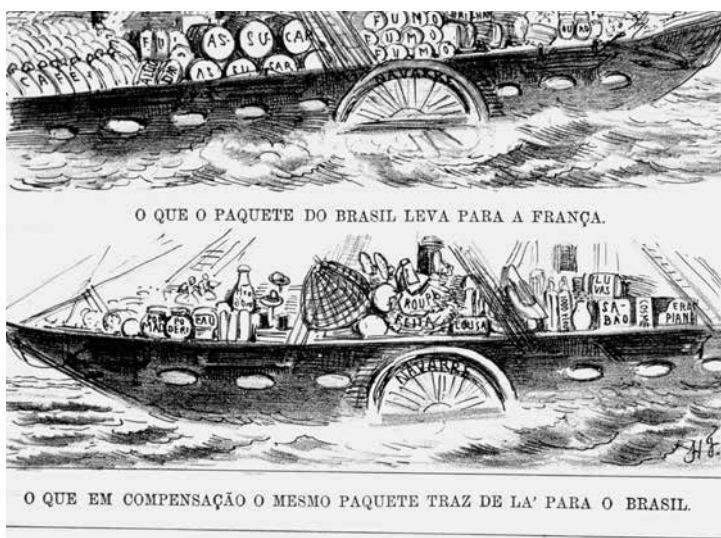
Circulars de Festeiras Anuais e Boletins de emitters Personagens, e contando sempre applicado artigos Officio Novo com engraçadas pinturas; a Chronica Nacional relatando os factos historicos mais interessantes de 1854-1853. D. Pedro II, Imperador do Brazil, escripto por José Maria de Muzira, Escripitor

11. Folhinhas Laemmert para 1854: concebidas e impressas na corte, elas pautam o cotidiano de todas as províncias. (Jornal do Comércio, out. 1854)



12. Todos os grandes escritores brasileiros moravam na corte e ali escreviam seus romances. As editoras Laemmert e Garnier publicavam “livros de algibeira” a baixo preço e os vendiam por correspondência em todas as províncias do Império. (Machado de Assis, Helena, 1876)

13. Em troca do açúcar, do café, do fumo e do tabaco brasileiros o paquete trazia da Europa os supérfluos e a moda francesa. (A Semana Ilustrada, 1867)



14. *La Belle Amazone*, loja francesa da rua do Ouvidor; vende selas e roupas de montaria para as mulheres. Na mesma época havia importação de cavalos de montaria ingleses. (Jornal do Commércio, abr. 1853)

A LA BELLE AMAZONE,
RUA DO OUVIDOR N. 82.

PALAIS NE,
faz vestidos de senhoras para montar a cavallo, muito bem feitos e com toda a delicadeza; tem sempre um grande sortimento de roupa feita, e muitas fazendas para fazer qualquer obra de encomenda, como pannos, casimiras pretas e de côres, merinos, brins brancos e de côres, côrtes de seda para colletes, fustões brancos e de côres lisos e bordados, proprios para baiete; chapéus de senhoras para montar a cavallo, ditos de seda para homens, ditos en-



ALFAIATE,
feitos para meninos, de castor, brancos e de côres. Tem igualmente um lindo sortimento de chambres de sedas adamescadas forrados de seda, ditos de ganga e de chita, polainas de cassimira pretas e de côres, gravatas de seda e de murcellina, chapéus e bonés de palha para meninos, e muitas outras fazendas.
N. B. Nesta casa acha-se sempre um grande sortimento de vestuaries para meninos desde a idade de 3 até 14 annos, de todos os gostos e feitios. Tudo se vende por preços os mais commodes possivel.

côrtes de
dão ameri
om 30 ve
grandes de
o algodão,
s o fortes,
6 3; ditas
orção; cõr
n 12 cova
ou dentro,

provincia
de 9 cu 10
nnos, para
endas, ten-

de 1851.

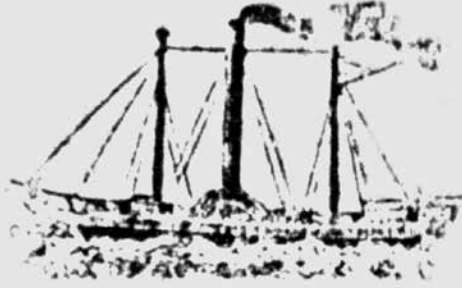


Meios
times, I
Ingleses,
a confian
dos e liso
cebeu-se
pleto sou
conta, u
nard, GG
defronde
Braço de
O grão

to e a fama bom merecida que
relogios os dispensão de qualqu

53 me de Ter

15. O relógio de algibeira, o “cebolão”, será vendido por ambulantes em todos os cantos do Império, trazendo a hora certa ao Brasil oitocentista. Fabricantes europeus e americanos fizeram relógios especiais para serem vendidos no Rio de Janeiro. (Jornal do Commércio, set. 1854)



LINHA DE PAQUETES A VAPOR DE LIVERPOOL.

COMPANHIA SUL-AMERICANA E GERAL DE NA-
VEGAÇÃO A VAPOR.

Estabelecida por conta regia de S. M. B.

Os seguintes vapores, novos e de primeira marcha, sahem
de Liverpool no dia 24 de cada mez.

<i>Brazileira</i>	.	Capitão D. Green
<i>Lucitana</i>	.	J. Brow,
<i>Olinda</i>	.	G. H. Harau
<i>Bahiana</i>	.	

Devem chegar a este porto no dia 21 e seguir para Mon-
tevidéo no dia 24. Estarão de volta no dia 7 do seguinte
mez para regressar a Liverpool no dia 10 com escala pela
Bahia, Pernambuco e Lisboa.

O vapor *Argentina* fica no Rio da Prata para fazer a cur-
reira entre Montevideo e Buenos-Ayres em conjunção com
os vapores acima.

16. Inaugurada em 1850, a *Linha de Paquetes a Vapor de Liverpool* “estabelecida por conta régia de Sua Majestade Britânica” levava exatos 28 dias para chegar ao Rio. Rompendo com três séculos de incerta navegação à vela, o impacto da regularidade dessa linha a vapor marcou o imaginário imperial: a menstruação passará a ser chamada “paquete”. (Jornal do Comércio, ago. 1853)

17. *As lojas de roupas feitas, para crianças e adultos, acompanham a intensificação da vida social nos lugares públicos e privados. O anúncio dá destaque à novidade da época: tecidos de borracha importados da Inglaterra e dos Estados Unidos.* (Jornal do Comércio, jul. 1854)

ROUPA FEITA. AOS 100,000 PALETOS.

Grande sortimento de toda a classe de roupa feita para homens.

VESTUARIOS PARA MENINOS
do idado de 2 annos até a idade de 15 annos.

Fazendas de borracha inglezas e americanas.

N. B. Nesta casa ha sempre uma bella escolha de roupões de senhora para montar a cavallo — como se usa agora em Paris — simples e bordados.

RUA DO OUVIDOR N. 82.

Rua da Quitanda n. 77. E. e H. Laemmert.

NOVO CORREIO DE MODAS

dedicão ás familias brasileiras, trazendo novellas escolhidas e variadas, collecções historicas e biographicas, interessantes viagens, poesias de bom gosto, anecdotas e charales. O folhetim dará conta das modas, dos theatros, ballas, assemblies, concertos, e emfim de tudo que diz respeito aos interesses da sociedade elegante da corte.

Condições de assignatura.

I. A datar do anno de 1852 o *Novo Correio de Modas* se publicará todos os domingos com a regularidade que é notoria nas publicações periodicas dos Editores.

II. Constará cada numero de oito paginas impressas com typo novo em bom papel.

III. Cada numero será adornado de um lindo figurino colorido das ultimas modas mudadas de Paris pelos vapores inglezes, senão tres ao mez de senhora, e um de homem.

IV. Assigna-se em casa dos Editores E. e H. Laemmert, rua da Quitanda n. 77, por Rs. 12 \$ 000 por anno, ou Rs. 7 \$ 000 por semestre, responsabilizando-se a casa dos annunciantes pela regular publicação e entrega.

18, 19. *Revistas dirigidas ao público feminino difundiam as modas europeias.* (Jornal do Comércio, out. 1854)

ANNUNCIOS.

AO BOM TOM

DO RIO DE JANEIRO E DE TODAS AS PROVINCIAS DO
IMPERIO DO BRAZIL.

No domingo 1º de janeiro de 1852 sahirá á luz o
Jornal das senhoras,
folhetim de 8 paginas, todo consagrado ao
BELLO SEXO BRAZILEIRO

FAZENDAS FRANCEZAS.



A NOTRE-DAME-DE-PARIS,
Rua do Ouvidor, N.º 155.
CAZAUX DECAP & Cia.

AS FAZENDAS
de seda trazidas ultimamente de Paris pelo Sr.
Cazaux, as quaes lóráo admittidas á exposição
universal de Londres, estarão expostas á vista do
publico no armazem de Notre Dame de Paris,
hoje das 6 ás 8 horas da noite.



**VILLE
DE
PARIS.**

RUA DO OUVIDOR N.º 39, CANTO DA DO CARMO.

Grande sortimento de roupa feita, casacas, sobrecasacas, paletós de paño fino e de casimira preta, calças, colletes, ceroulas, camisas, gravatás, collarinhos, jaquetas de alpaca, merino e paño; côrtes de colletes, cachemierente, fustão e seda branca bordada, lenços de seda branca, próprios para casamento e soirées: robes de chambre de seda

20, 21. Modas de Paris, geralmente vendidas em lojas da rua do Ouvidor. (Jornal do Commércio, ago. 1851)

BURRAS DE FERRO

À PROVA DO FOGO.

As melhores e mais bem acabadas

BURRAS DE FERRO BATIOCO

DE HERRINGS, À PROVA DO FOGO, O MELHOR QUE EXISTE.

Estas cofres tem ganhado o premio em todos os mais famosos concursos por uns poucos de annos, e foram julgados, depois de experimentados, os melhores que apparecerão na grande exposição universal, quando lá se achavão outros que tinham sido remettidos de todas as partes. Para prova de que livros, papeis, dinheiro, etc., estão livres de serem queimados, elles foram expostos por espaço de oito dias consecutivos ao mais ardente fogo, sem que fesse possível achiar-se a menor arazia em qualquer destes objectos.

Vendem-se em casa de Nathaniel Sands e C.,
RUA DA ALFANDEGA N 20.

DEBULHADORES DE MILHO

APERFEIÇOADOS DO AUTOR SANDS.

A utilidade desta machins é ainda muito pouco conhecida neste país, no entretanto que em todos aquelles locais o milho e tratívado pilha são geralmente empregadas; podem com facilidade debulhar 200 alqueires por dia sem quebra rem os grãos, fazendo desta maneira o serviço a que 20 pretos não poderiam dar vazão. Todos os fazendeiros que tem fideles em estas machins achão contentissimos; são muito fortes, simples e pouco sujeitas a desorganizar-se; não precisam de mais de três appostas, podem ser transportadas com facilidade para o interior. Os proprietarios affianço estas machins. Preço \$4000. A venda em casa de

NATHANIEL SANDS E C.

Rua da Alfandega n. 20.

OBJECTOS DE CAPRICHIO.

MOBILIAS NORTE-AMERICANAS.

Os achados assignados respectivamente comido, ao mod' imparcial e illu' s'culo politico desta capital e exanias; mais rico e importante sortimento de tractos, constante de mobilias completas, fabricadas expressamente por conta do annunciante, no mais aprazido gosto, que achão se receber da melhor manufatura dos Estados Unidos.

Estes objectos são do gosto mais delicado que se pode desear, assegurando-se sobre como ainda não tem appareci neste mercado, de grade, crable, mogno, jersandá, nogueira, carao, etc., palendo ser transportados tanto para o interior como para as provincias, em pequenos volumes, e a baixo preço de armaz.

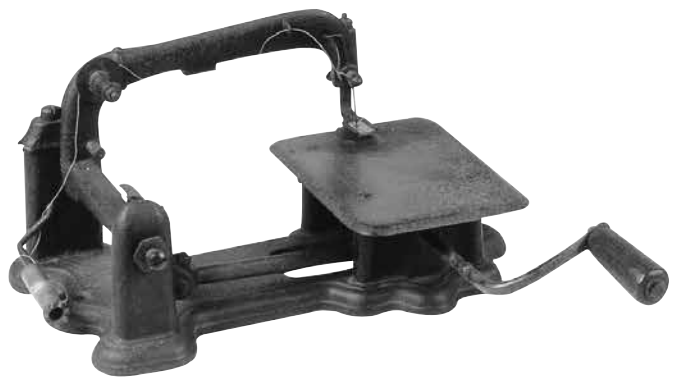
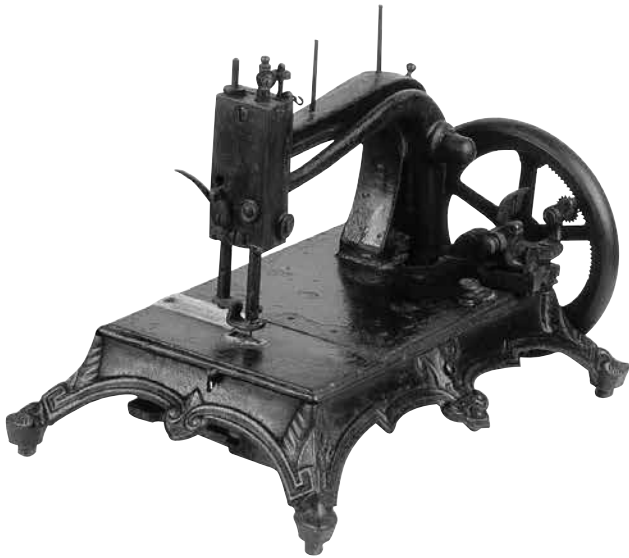
A venda, por preços continuos, neste novo estabelecimento de generos norte-americanas.

Manoel Olegario Abranches e C.

10 RUA DA ALFANDEGA 10

DEFRENTE DO NOVO EDIFICIO PARA O BANCO COMMERCIAL.

22. As "burras de ferro" (cofres) e outros produtos manufaturados norte-americanos penetram em maior número no mercado brasileiro após 1850, na época da Corrida do Ouro na Califórnia. Dado que não existia ainda o Canal do Panamá, os navios americanos faziam escala na Bahia e no Rio antes de se dirigirem para San Francisco. (Jornal do Commércio, out. 1854)



23. Estes modelos norte-americanos de máquina de costura, patenteados em 1850, permitiam o incremento das atividades domésticas das mulheres livres e escravas. (Museu Histórico Nacional, c. 1850)

de 120 em 50 e 150 ditos 80 e 100 (210
 de 120 em 10, 15 e 20 ditos 100 e 150 (240
PRÁTICA ELEMENTAR
DA HOMŒOPATHIA,
 PELO DOCTOR D. MURE E POR JOÃO VICENTE MARTINS.
 Quarta edição.—2 volumes com 1,000 paginas, formato grande.—16 \$ 000.
 RUA DE S. JOSÉ N. 59. — RIO DE JANEIRO

ATTENÇÃO. NA praça do Botafogo casa immediata ao n. 112
 Aluga-se uma escrava para todo o serviço.

24, 25. *A homeopatia incorpora práticas da medicina tradicional brasileira e da fitoterapia indígena. Escrito poucos anos antes, o livro sobre a homeopatia do dr. Mure, médico socialista francês estabelecido no Brasil, já se encontrava na 4ª edição em 1851. Junto com o kardecismo e a homeopatia, os tratamentos médicos por magnetismo faziam sucesso. Seguiam-se as teorias do médico austríaco Mesmer (1733-1815), segundo o qual havia fluidos magnéticos dos seres vivos que se transmitiam a outros indivíduos, com efeitos terapêuticos.* (24. *Jornal do Commércio, ago. 1854; 25. Jornal do Commércio, maio 1853)*

3

MEMORIA

SOBRE

O MAGNETISMO ANIMAL E O SOMNAMBULISMO.

POR

PEDRO ERNESTO ALBUQUERQUE DE OLIVEIRA
 MEDICO HOMŒOPATHA.,

contendo a historia do magnetismo e do somnambulismo. seus progressos, suas vantagens e sua utilidade. com o exemplo de curas obtidas por este systema

Distribue-se gratis em casa do autor.

RUA DE S. JOSE N. 36.

26. *As lojas do Rio vendiam, trocavam e alugavam pianos ingleses e franceses, fazendo destes instrumentos musicais um must do Segundo Reinado. Na mesma época, os pianos passam a ter partes internas fabricadas em liga metálica e resistem melhor ao calor dos trópicos.* (Jornal do Commércio, dez. 1851)

GRANDE SORTIMENTO DE PIANOS INGLEZES

COLLARD & COLLARD.
 ALLISON & ALLISON.
 ROBERT WORNUM.

TOWNS & PAGAR
 BROADWOOD & SONS.
 GUTHRIE.

H. VAGUER FRION

Fornecedor da Casa Imperial.

RUA DOS OURIVES, N.º 61.
 Rio de Janeiro

PIANOS INGLEZES

EM TODOS OS PUNTOS.

COM NOTAVEIS MELHORAMENTOS E DE PREÇOS REDUZIDOS.

PIANOS PATENTE REVELTUDOR
 CONCERTA
 AFINA

ALUCA E RECEBE
 EM YROCA

PIANOS NOVOS E DE SEGUNDA MÃO
 PREÇOS MUITO RAZOAVEIS.

REDESCOUBRI O CONHECIMENTO PARA TODOS
 QUALIDADE E DURABILIDADE

H. V. Frion, de volta da sua viagem a Londres, trouxe um rico e escolhido assortment de pianos, sem exaggeração o mais completo que até hoje no Brazil tem existido das mais acreditadas fabricas de Londres. Estes instrumentos, construidos segundo as instruções do annunciante, e com consideraveis melhoramentos, distinguem-se pela elegancia de seus



30. A privatização da festa pública: o Carnaval de salão se torna marca de status, enquanto o entrudo, o Carnaval de rua, é alvo da repressão policial. (A Semana Ilustrada, 1863)

PROVISORIO.
COMPANHIA LYRICA ITALIANA.
 83ª recita da Sra. accionista e 12ª de assignatura
 NOITE SABADO 5 DE MARÇO DE 1853.

Entrão em scena as primas-donas Giuseppina Zecchini e Augusta Candiani.
 Representa-se-ha a opera

NORMA,

Musica de Bellini.

A prima-dona A. Candiani executará a parte de Adalgisa.

A Sra. Candiani nutrido sempre a boa vontade de mim servir ao respeitavel publico, de quem tem recebido constantemente tantas provas de estima, não hesitou encarregar-se do papel de Adalgisa sem a menor exigencia para com a empresa, alim do proporcionar desta forma mais uma occasião de satisfazer a vontade ha tanto manifestada por todos de a ouvir cantar com a Sra. Zecchini; e tendo tambem mais em vista as difficuldades que se apresentão a empresa por falta do repertorio novo, foi proupta em annuir ao pedido da mesma empresa.

No intervalo do 1.º ao 2.º acto as Sras. Baderna e Berthani dançarão qui caracter camponez

UM PASSO A DOIS.

Os bilhetes de camarotes, cadeiras e geras vendem-se no escritorio do theatro.
 Começará ás 8 e meia horas.

31. Um grande sucesso no Segundo Reinado, a ópera Norma, de Bellini, que a Companhia Lirica Italiana apresentava pela 83ª vez no Rio, em 1853, com as divas Giuseppina Zecchini e Augusta Candiani. Foi essa trupe italiana que inventou o Carnaval de salão carioca em meados dos anos 1840. (Jornal do Commercio, mar. 1853)



32. Arlequim de canoa zomba dos grã-finos cariocas durante a enchente do Carnaval de 1867. Pierrô, Colombina, Arlequim, personagens da commedia dell'arte italiana e estranbas ao folclore lusitano e afro-brasileiro, incorporam-se aos carnavais do Rio por influência dos atores de ópera italianos. (O Arlequim, 1867, Rio de Janeiro)

ÀS 10,000



MASCARAS.

RUA DO OUVIDOR N. 74.

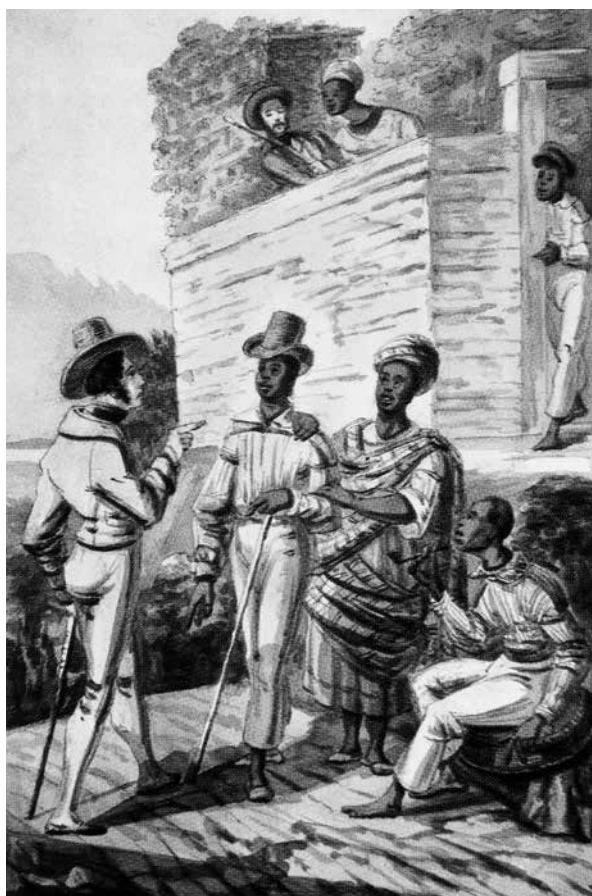
Convidamos aos Illms. Srs. socios do CLUB FLUMINENSE, e aos mais apreciadores dos bailes mascarados, a virem visitar e examinar os nossos costumes & fantasias, onde acharão riquissimos e novos ornatos de sedas e chamalotes, de todas as cores, e lindissimos Têtu, tudo feito expressamente para este carnaval; juntamente acharão um completo sortimento de mascaras de setim, arame e cartão, tudo quanto ha de bom, e os preços são de amigo.

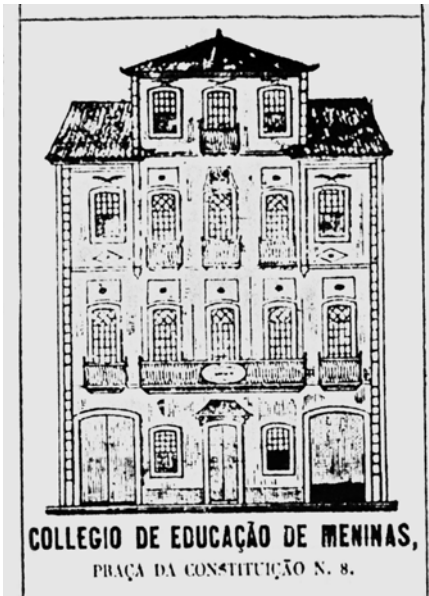
33. No sábado, dia 25 de fevereiro, às vésperas do Carnaval de 1854, a loja Às 10000 Máscaras anuncia fantasias, “tudo feito expressamente para este Carnaval”. (Jornal do Comércio, fev. 1854)

MANOEL José de Araujo faz sciente ao respeitavel publico que por haver outros de igual nome, já annunciou, e agora rectifica que se assigna Manoel José Ribeiro de Araujo.

34. O estoque reduzido de nomes portugueses usados no Império levava à troca de nomes e de sobrenomes, prática relativamente corrente e fácil de ser realizada. (Jornal do Comércio, maio 1852)

35. O pintor abolicionista Harro-Harring registra um momento crucial da opressão escravista sobre a sociedade: qualquer negro ou mulato livre podia ser confundido com um cativo em fuga. Às vezes o escravo fugido, misturado à população da cidade do Rio, traía-se ao responder quando o chamavam por seu antigo nome. (Paul Harro-Harring, Brasileiro acreditando haver reconhecido seu escravo fugido, 1840)





36. O Colégio de Educação de Meninas, inaugurado no Rio em 1853. Aprendia-se a história antiga e a literatura moderna, em que constavam os heróis e heroínas cujos nomes serviam para batizar as novas gerações de brasileiros. (Jornal do Comércio, jan. 1852)

ES'RAVOS.
 Os Srs José Bouis e Car'oso venderão
 os seguintes escravos :
 José, Congo, maior de 50 annos
 José, Cobocin, maior de 30 annos.
 Carlos, 20 annos, lustrador.
 Firmico, 20 annos, perito official lus-
 trador.
 Florinda, cozinheira.
 Josefina e filha.
 Pertencentes ao mesmo fallecido Campos

37. Os nomes que os senhores impunham aos escravos serviam de referência, às vezes ao lado de sua etnia africana, nos leilões negreiros. (Jornal do Comércio, jun. 1853)



38. Seguindo costume ancestral africano, os negros e negras brasileiros fumavam cachimbo. (Foto de Henschel, c. 1870)



39. O hábito de fumar charuto se generaliza entre a elite e dá lugar a piadas. “Este charuto que me deste agora é melhor que o de ontem. Que conta estás aí fazendo?” “É o quanto do que tens economizado em charutos à minba custa este ano...” (Bazar Volante, 1863, Rio de Janeiro)



40. Como na Europa, o costume de não amamentar os próprios filhos era bastante comum no Império. (A Semana Ilustrada, 1866)

defronte da guarda, que será gratificado, querendo.

Ama de leite.

Aluga-se uma com muito e bom leite, com pouco mais de um mez de parida e sem filho; procurem na rua do Cano n. 74, loja.

LAVA-SE e engomma-se; na Ladeira do Senado, subida

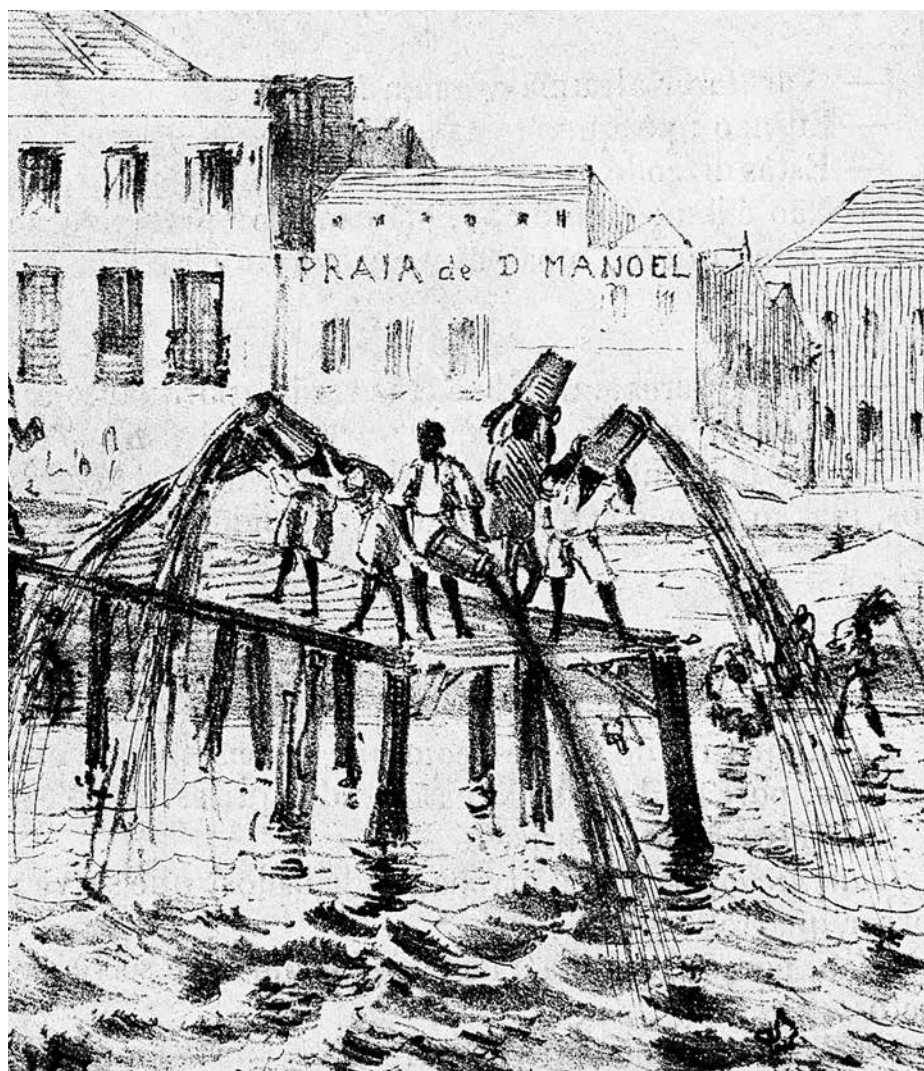
41. O aluguel de amas de leite cativas rendia bom dinheiro aos senhores de escravos urbanos. (Jornal do Comércio, abr. 1852)



42. A defesa da amamentação materna retoma as ideias de progresso social difundidas pelos humanistas europeus. Mas também envolve a ojeriza racial voltada contra os negros. (Bazar Volante, 1863, Rio de Janeiro)



43. No Carnaval carioca quem dançava era a morte, ceifando as vítimas trazidas pelas epidemias de verão. (Agostini, Revista Ilustrada, "O Carnaval de 1876")



44. Os "tigres": escravos encarregados de recolher e jogar diariamente os dejetos domésticos na praia. (A Semana Ilustrada, 1861)



45. A inundície das ruas do Rio incomodava os pedestres e trazia epidemias. (O Arlequim, 1867, Rio de Janeiro)



46. Um bordel na Freguesia do Sacramento, área de meretrício no centro do Rio de Janeiro. (A Semana Ilustrada, 1867)

MOLESTIAS DAS MULHERES.
ESTREITAMENTOS DA URETRA, ETC.
MOLESTIAS VENEREAS.
CONSULTORIO DO DR. H. CHOMET, RUA DOS OURIVES N. 41.
Consultas todos os dias uteis, do meio dia ás 3 horas.
As outras horas para as visitas dos doentes.
Tratamento por correspondência para os doentes de fora.

MADRIDIA NACIONAL

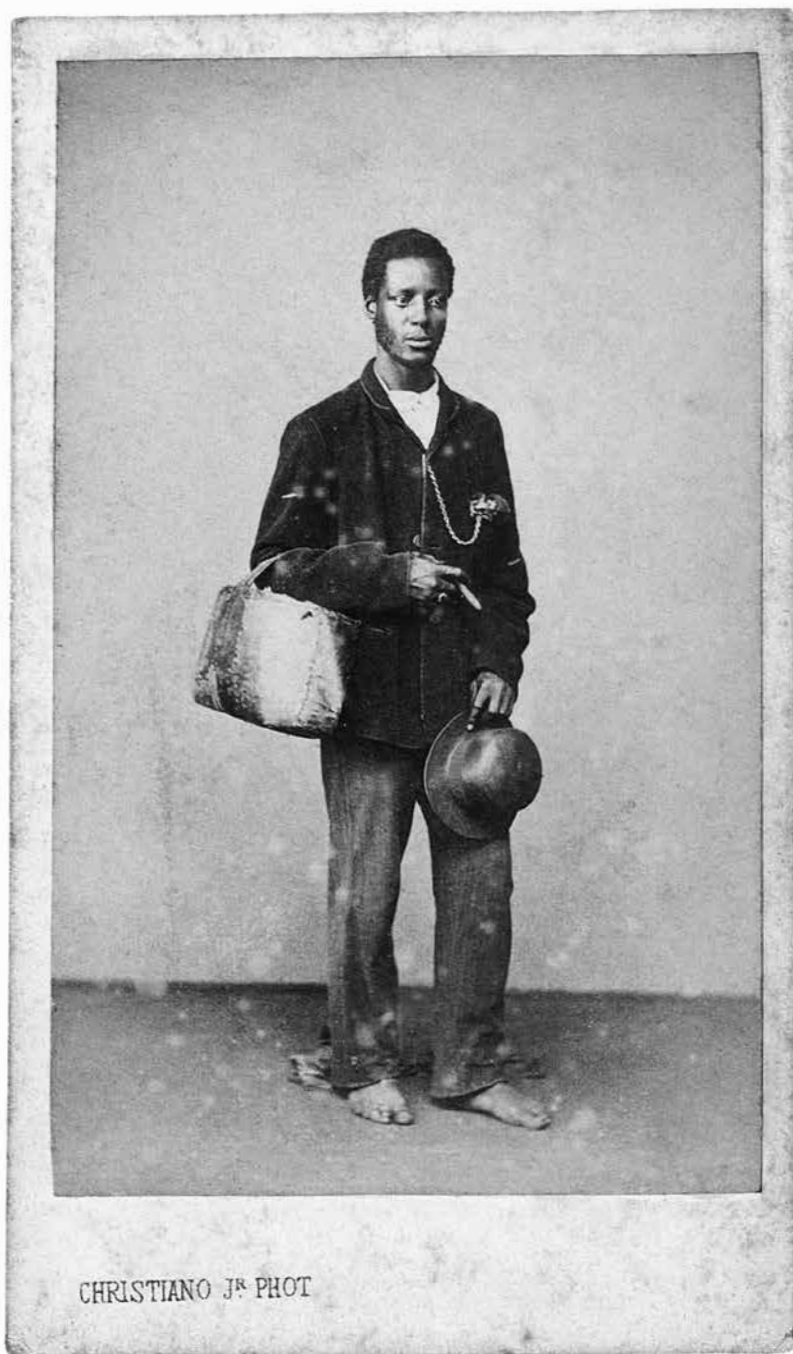
47. O dr. Chomet, médico francês, foi pioneiro da ginecologia no Rio. Contudo, os médicos enfrentavam resistências paternas e maritais no atendimento clínico das moças e das senhoras. (Jornal do Comércio, ago. 1853)



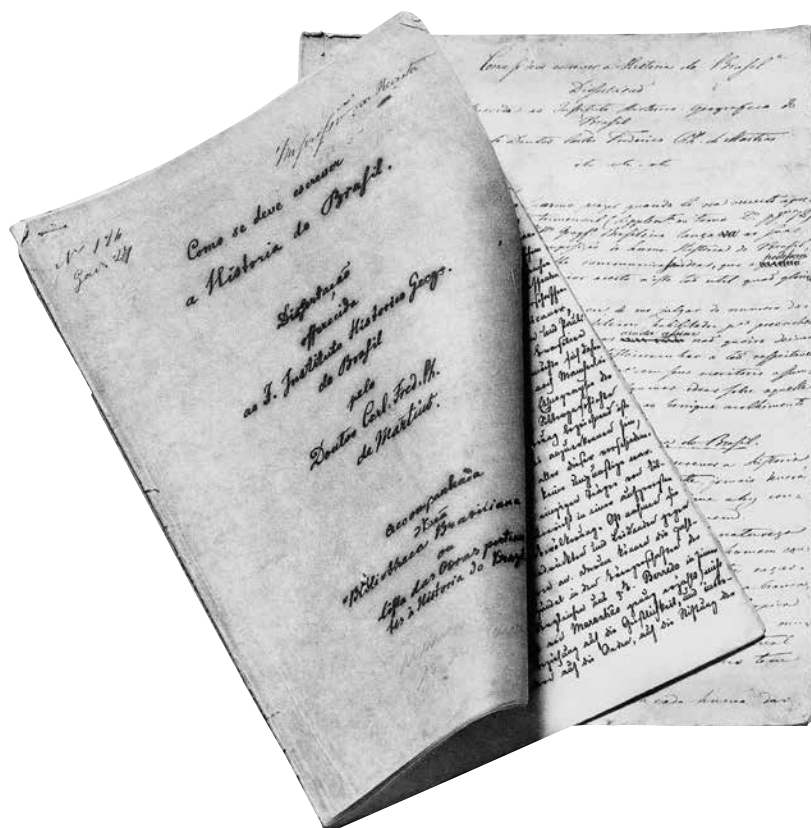
48. Na segunda metade do século, com a sujeira dos rios e córregos, os banhos de mar passam a ser considerados terapêuticos. (A Semana Ilustrada, 1874)



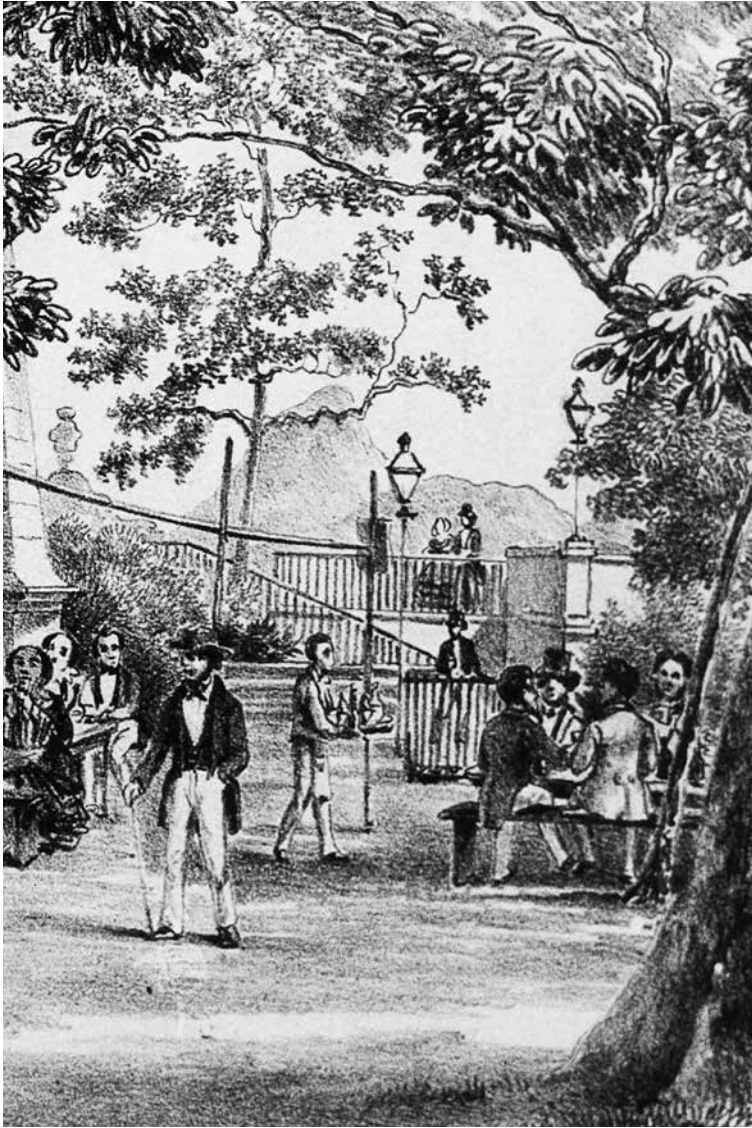
49. O manual da Escola de Homeopatia do Rio de Janeiro, mantida pelo Instituto Homeopático do Brasil, foi publicado em francês em Paris e no Rio. (Doctrines de l'École de Rio de Janeiro et pathogénésie brésilienne, 1849)



50. Um escravo de ganbo podia ter meios para vestir calças bem-postas, paletó de veludo, portar anel, relógio de algibeira e chapéu-coco. Mas tinha de andar descalço, sinal do seu estatuto de cativo. O privilégio oitocentista do uso do sapato terá, talvez, dado origem ao gesto de saudação que os malandros cariocas encenam quando cruzam um companheiro: um longo volteio de braço finalizado por um tapinha no sapato escrupulosamente engraxado. (Foto de Christiano Jr., c. 1860)



51. A tese de Carl F. P. von Martius, “Como se deve escrever a história do Brasil”, venceu o concurso aberto sobre esse tema pelo Instituto Histórico. Houve protestos no Império contra o fato de um estrangeiro ensinar o modo pelo qual a história do Brasil deveria ser concebida. (Isa Adonias (org.), IHGB 150 anos, 1843)



52. A iluminação a gás na parte central do Rio prolonga a vida social nos parques e nas ruas da cidade. O Passeio Público, no Rio de Janeiro, era lugar de ver e de ser visto. (E. Rensburg, Álbum do Rio de Janeiro e seus arrabaldes, séc. XIX, s.d.)

CASA DE PASTO E BOTEQUIM Nº35.

Na rua do Theatro n. 35, junto ao theatro de S. Francisco, nesta casa ha sempre grande variedade de comidas, e empadas todos os dias.

Um pedreiro traçado deseja alugar uma casa de familia para levantar a lingua fremora, dentes, pontas, calligraphia, historia e architectura: quem pretender dirija-se ao largo do Povo n. 4.

ALUGA-SE, na rua do Senado n. 9, um cobertorio.

CONFETARIA CASTELÕES.

N. 61  N. 61

RUA DE S. PEDRO.

Todos os dias abrem e das 10 horas ha sempre empadas de leite, e lã.

para alugar na rua do S. Jose n. 4

ALUGA-SE duas empregadas de prendas: na rua da Lalla n. 46.

ALUGA-SE uma juizo pertencente a ferro e fogo, muros e calçada: na rua n. 112.

ALUGA-SE um modico que convem a repozar, e um pedio de lã de ferro lampadira n. 114.

PRECISA-SE alugar pastos, cano-llas, prazos extensivos e outros para lã, e que se pague a lã n. 110.

ALUGA-SE uma lã de ferro: na rua n. 28.

ALUGA-SE uma lã de ferro: na rua n. 43.

NO Largo da Gloria, abriga-se a COPPO e P&P.

VENDEM-SE modicos de ferro: na rua do lã de ferro e cal, e uma da Copo Galvão n. 24: o lã de ferro n. 25.

PRECISA-SE de um moço, para 14 annos, na rua da Gloria n. 69.

NA rua Formosa n. 141, abriga-se 14 annos, com moço e bom lã de ferro: na rua do lã de ferro e cal, e uma da Copo Galvão n. 24: o lã de ferro n. 25.

ROUPA FEI

D^R. WHITTEMORE



DENTISTA AMERICANO

53. No Rio, junto ao Teatro São Francisco, uma “casa de pasto” oferecia “grande variedade de comidas e empadas todos os dias”. A Confeitaria Castelões, frequentada por Machado de Assis, abria durante toda a semana e nos feriados. (Jornal do Commércio, ago. 1853)

54. O dr. Whittemore, dentista americano, introduziu as dentaduras no Império. Sua propaganda fala da necessidade dos dentes para a boa mastigação e digestão, mas não da boa aparência: a falta de dentes não aparecia como dano estético no Brasil oitocentista. (Jornal do Commércio, set. 1853)

SEM MISTURAO ESURIA



PRACA DA CONSTITUICAO
FAMA DO CAFE COM LEITE

O proprietario deste estabelecimento convida a todas as pessoas que firom amantes do café com leite, a que venhão ver e provar que não ha de gostar. O mesmo esmera-se o mais possivel alim de ter sempre o bom café com leite que já tem grande fama. Tambem tem café simples das duas horas da tarde em diante, muito bem feito e sem mistura. Isto só vendo!

Postanto vindo, freguezes,
Uma chavena tomar
Inlã mesmo que não seja
Senão para experimentar.

Café simples e bom feito....
Café em casa torrado,
Feito em vasilhas mui limpas....
Oh! que exolente bocado!

NO grande café da Fama,
Hoje a gaz illuminado,
Ha o bom café com leite
Por todos apreciado.

O salão, que é muito extenso,
A muitos inveja faz,
Principalmente depois
Da illuminação a gaz!

CAFÉ COM LEITE A TODA A HORA.

55. Os cafés passam a usar a iluminação a gás para atrair a clientela. (Jornal do Commércio, nov. 1854)



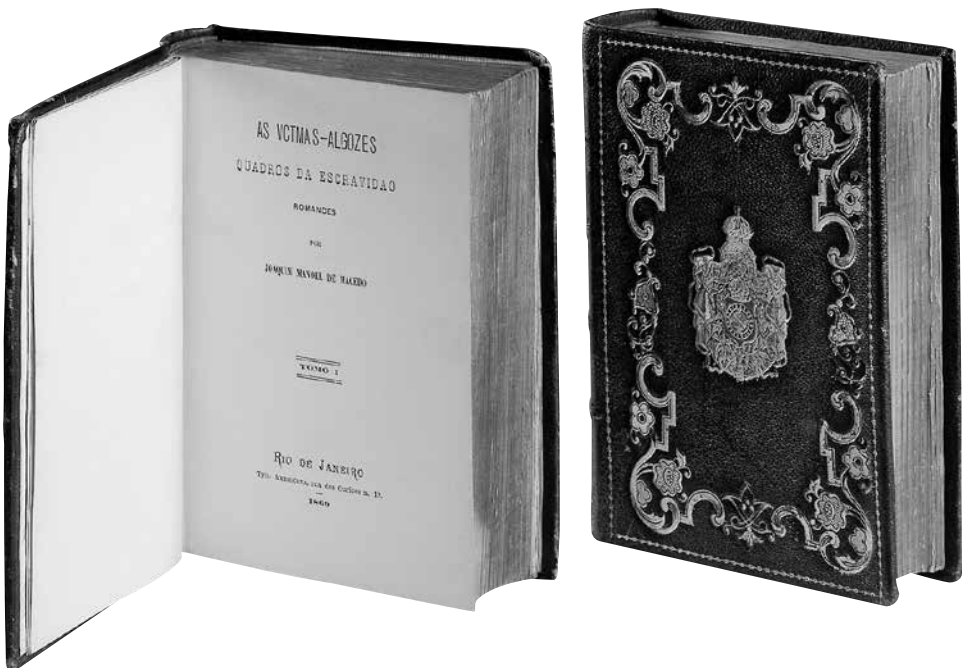
56. Havia fotógrafos especializados em “embranquecer” fotos de pessoas notoriamente mulatas ou negras. Esta nova loção prometia tirar espinhas e clarear a pele. Noutro anúncio garantia que o produto fazia “desaparecer a cor trigueira [mulata] em cinco dias”. (Jornal do Comércio, ago. 1854)



57. Uma caricatura sobre o desejo brasileiro, de copiar o vestuário e a maquiagem francesa. “Modas chegadas no último paquete: coletes que fazem uma bela figura até aos corcundas, coisas que substituem a falta de certos corpos e que fornecemos baratinhas, pomadas, cheiros, pós-d’arroz, eh bien tout ce qu’il faut pour élever l’humanité.” (A Semana Ilustrada, 1873)



58. De pés descalços — estatuto da escravidão —, esse vendedor é, muito provavelmente, um cativo branco. (Foto de Christiano Jr., c. 1860)



59. Em *As vítimas-algozes*, publicado em 1869, Joaquim Manuel de Macedo traçava “quadros da escravidão”, narrando crimes escabrosos que demonstravam como o escravo se tornava o algoz de seu senhor.

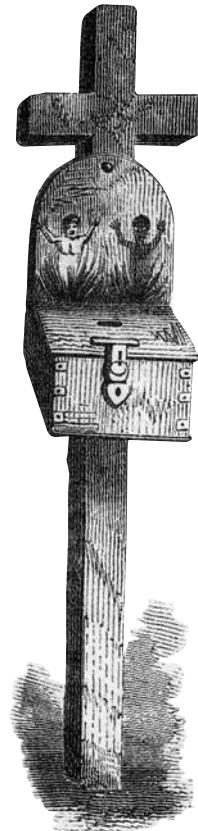
2

O COTIDIANO DA MORTE NO
BRASIL OITOCENTISTA

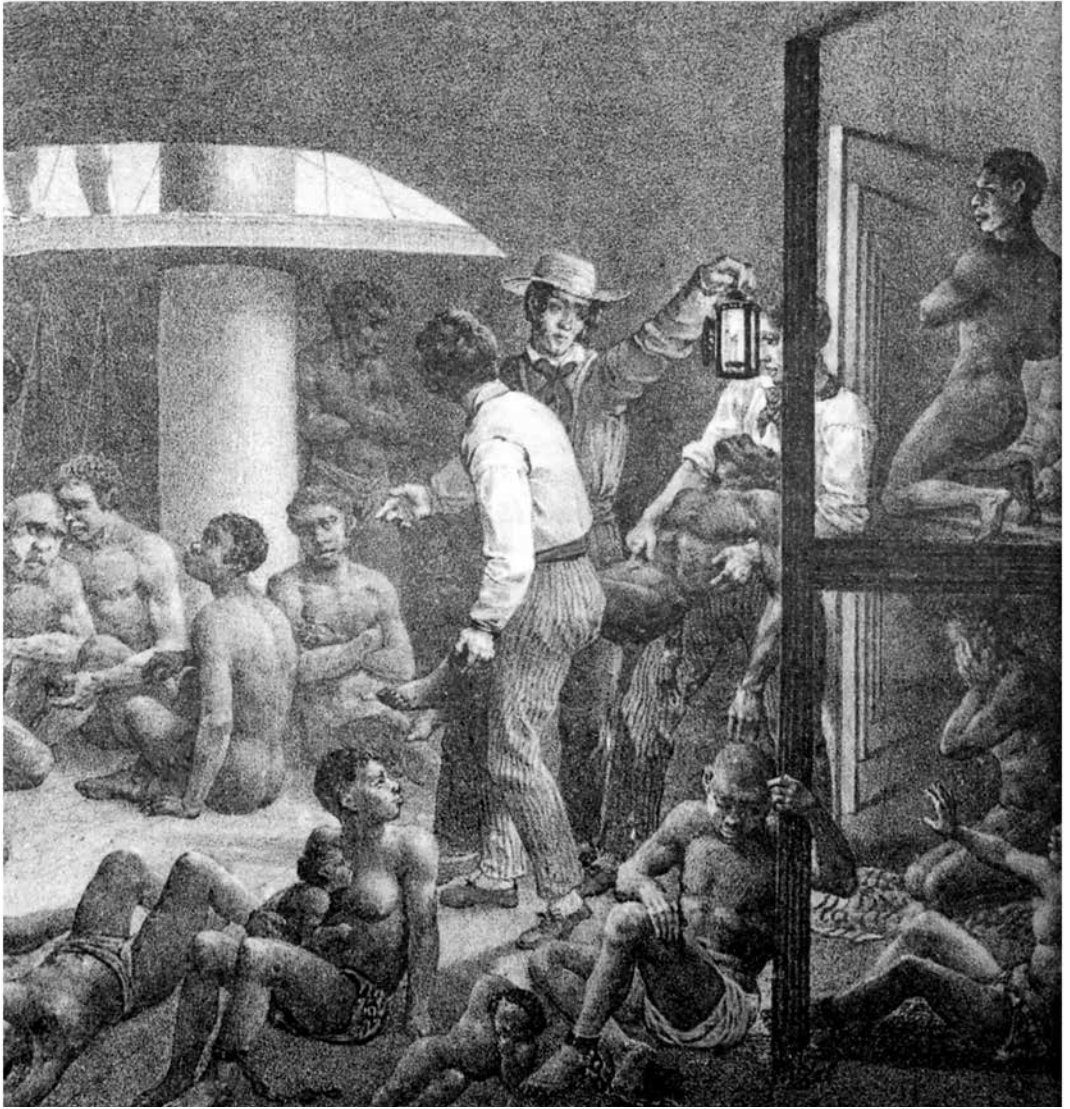
João José Reis



1. A crença numa outra vida no Além era compartilhada pela generalidade dos brasileiros. Enterro de um negro na Bahia. (Johann Moritz Rugendas, Voyage pittoresque dans le Brésil, 1833)



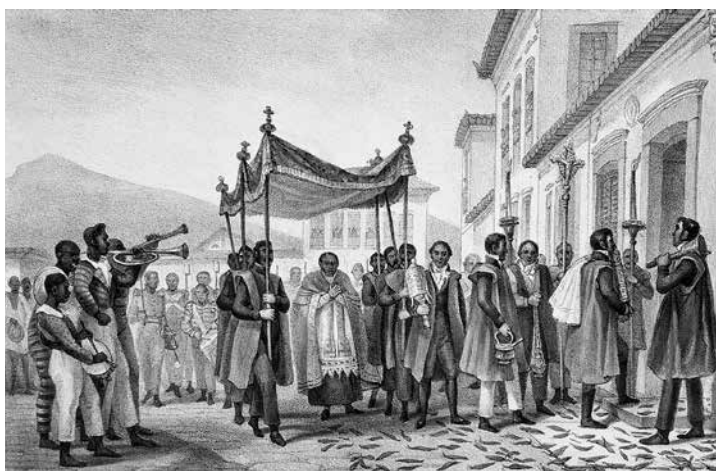
2. Cruzes à beira das estradas lembravam acidentes trágicos e convidavam os viajantes à caridade e à compaixão para com os mortos. (Kidder e Fletcher, Brazil and Brazilians, 1857)



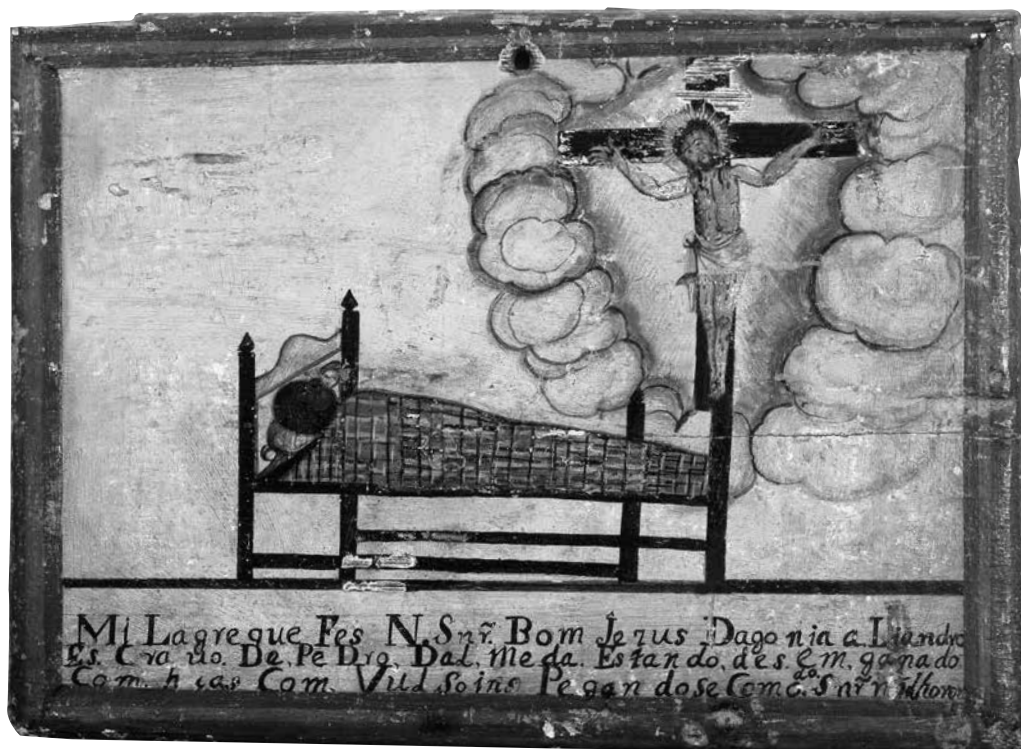
3. Três homens retiram um escravo provavelmente morto do porão do navio negreiro. (Johann Moritz Rugendas, Voyage pittoresque dans le Brésil, 1833)



4. Diante da eventualidade de morrer num barco ou numa estrada durante uma viagem, a morte na própria cama, em casa, era desejada pelos que temiam não ter sepultura num cemitério cristão. (A Semana Ilustrada, 1863)



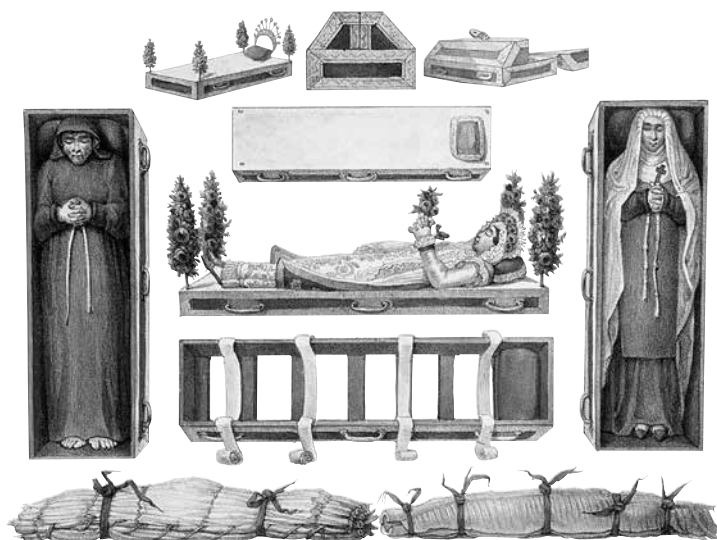
5. Quando o viático era levado a um doente, o costume obrigava os passantes a seguir a procissão. (Jean-Baptiste Debret, Voyage pittoresque et historique au Brésil, 1834)



6. Fora da intermediação dos padres, desenvolviam-se relações mais diretas com o divino. O escravo Liandro agradece o milagre de sua recuperação com um ex-voto. (Invocação ao Bom Jesus da Agonia, século XIX, Minas Gerais)



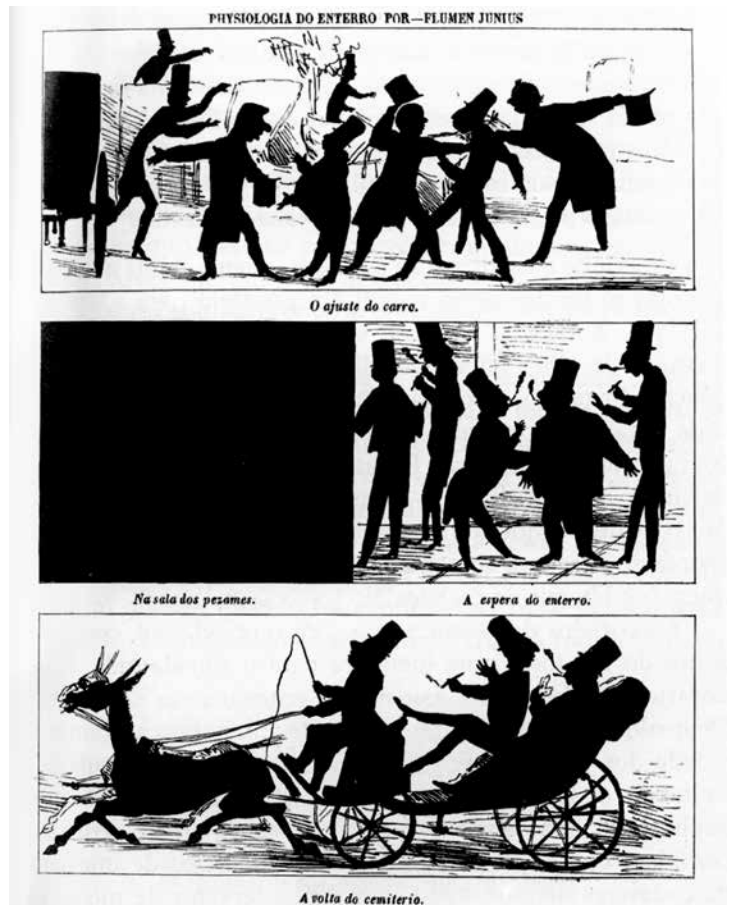
7. Rica mortalha de um dignitário que era cavaleiro da Ordem de Cristo. (Jean-Baptiste Debret, *Cavaleiro de Cristo exposto em seu caixão aberto*, 1834)



8. Diversos esquifes e corpos embalsamados. No ambiente tropical, a rápida decomposição dos cadáveres impossibilita a realização de longos velórios como na Europa. (Jean-Baptiste Debret, *Voyage pittoresque et historique au Brésil*, 1834)



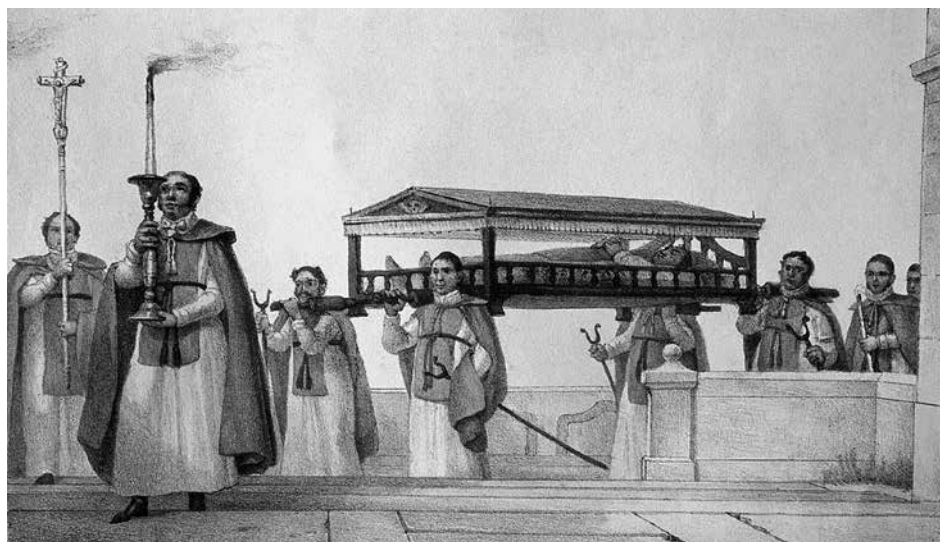
9. Anjinbo preto de cadeirinha. Como em outros países ibero-americanos era costume, mesmo entre as pessoas mais modestas, fazer grandes despesas para o enterro de crianças, reputadas por “anjinbos” até a idade de sete anos. (Jean-Baptiste Debret, Cortejo de negrinho, 1834)



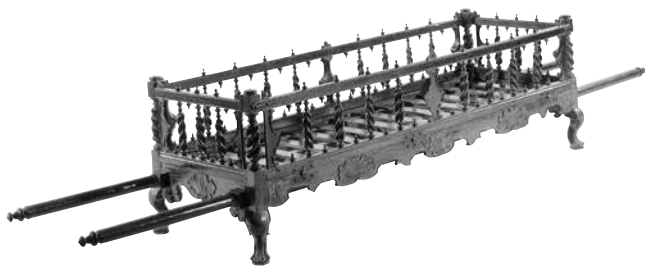
10. “A physiologia do enterro”: a charge de Flumens Júnior ironiza o bate-boca que surgia nos funerais, transformados em eventos sociais animados. (Bazar Volante, 1865)



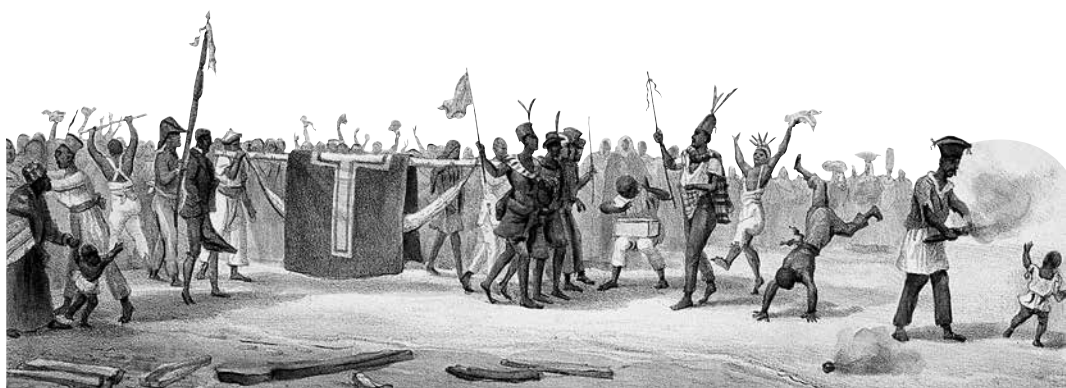
11. Memento da viscondessa de Arcozello, redigido em francês. A partir do Segundo Reinado passou a ser prática comum distribuir uma lembrança do morto aos amigos e parentes. (1912)



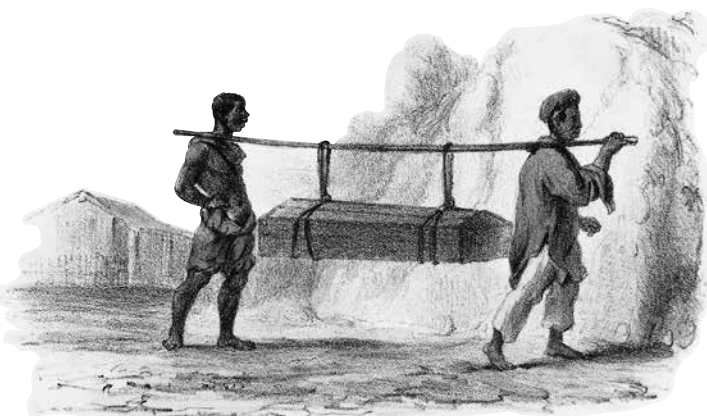
12. Os membros das irmandades tinham velórios especiais. (Jean-Baptiste Debret, Cortejo fúnebre de um membro da Confraria de Nossa Senhora da Conceição, 1834, Rio de Janeiro)



13. Um esquife trabalhado onde eram transportados os mortos. Pertenceu à Igreja de São Pedro dos Clérigos, em Mariana, Minas Gerais. Muito usado pelas irmandades locais, foi fabricado no final do século XVIII.

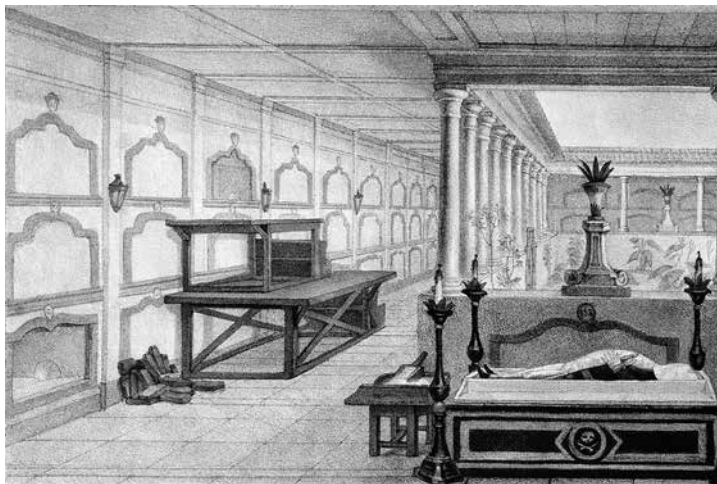


14. As irmandades dos negros organizavam os funerais de seus dignitários. O cortejo era festivo, com músicos e capoeiristas. (Jean-Baptiste Debret, Cortejo fúnebre do filho de um rei negro, 1834)

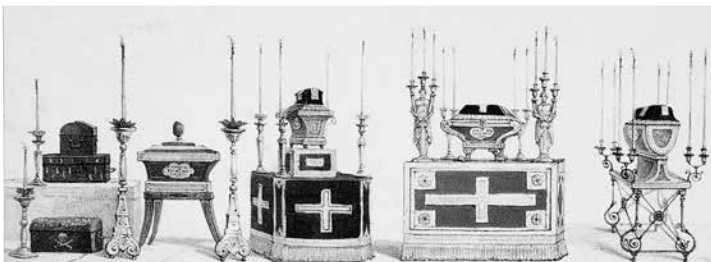


15. Ser enterrado sem cortejo fúnebre era um mau presságio no caminho para o Além. (L. Buvelot e Auguste Moreau, Rio de Janeiro pitoresco, 1842)

16. Ter um túmulo dentro da igreja era uma forma de o morto manter contato mais frequente com os vivos. (Jean-Baptiste Debret, 1834, Rio de Janeiro)



17. Jean-Baptiste Debret, Catacumbas da Paróquia do Carmo, 1834, Rio de Janeiro.



18. Os ossuários guardavam os restos mortais das famílias. (Jean-Baptiste Debret, Voyage pittoresque et historique au Brésil, 1834)



19. Ruína dos carneiros da Igreja de Conceição da Praia, Salvador.



20. Cemitério dos Ingleses, no Rio de Janeiro, a primeira necrópole protestante na América portuguesa. Autorizados a se instalar no Brasil após 1810, os ingleses receberam também a permissão de dispor de cemitério próprio. (Gravura no livro de Mary Graham, c. 1824)



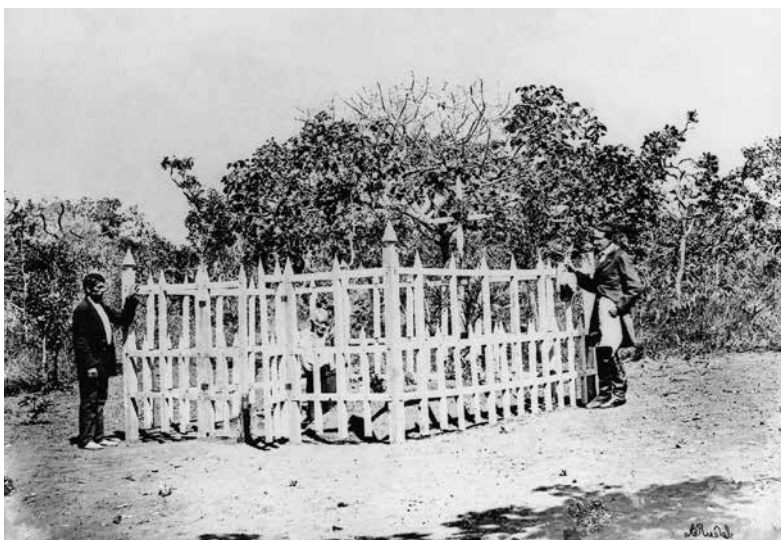
21. Cemitério inglês da Bahia, também fundado no início do século XIX. (Salvador, 1868)



22. No cemitério dos protestantes em Belém, um túmulo de três ingleses que morreram de febre amarela. O comércio dos produtos florestais amazônicos e o interesse pela borracha, já vivo na época, atraíam europeus e americanos ao Pará. Mas as febres tropicais cobravam um pesado tributo aos que chegavam. (c. 1870)



23. Cemitério de Nossa Senhora da Soledad em Belém, que se tornará uma grande necrópole com a corrida da borracha para a Amazônia. (Belém, c. 1870)



24. Jazigo da família Brandt, em Lagoa Santa, Minas Gerais. O cercado alto evitava que os bichos desenterrassem os cadáveres; as estacas deviam ser profundas para evitar também que os tatus fizessem toca. (1868)



25, 26, 27, 28. *Mementos aos mortos postos junto aos oratórios particulares. (Convento dos Humildes em Santo Amaro da Purificação, Bahia. Artesanato Funerário, Museu do Instituto Feminino da Bahia)*



29. Vista aérea do Campo-Santo. As cidades cresceram e cercaram os cemitérios antes situados longe do burburinho profano das ruas. (Salvador, 1940)

CARTAS DE ENTERRO

em papel proprio, assombrado com orlas de oír preto, e aór de rosa com orlas escarlate, para adultos e anjinhos, imprimim-se, noua a maior quantidade a saber, a qualquer hora do dia ou da noite e por módico preço, na typographia de Nicoláo Lobo Vianna Junior, rua da Ajuda n. 51, onde igualmente se executa todo e qualquer trabalho typographico, garantindo-se a melhor nitidez, gesto e promptidão.

ALUGO-SE a pretos que cozinhão, lãvão e esguamão:

30. Tipografia anuncia que fazia cartas de enterro, “para adultos e anjinhos”, “a qualquer hora do dia ou da noite”, em qualquer urgência e por preço módico. (Jornal do Comércio, 1853)

UM SAUDOSO TRIBUTO

Le emfade e gratidão a memoria da Erma. Sra. D. Benia Maria da Conceição Torres, oferecido ao seu inconsolavel e digno filho o Exm. Sr. conego Geraldo Leite Bastos.

La fruta dem flavel corrente, dum moatiba umbra: Lustrabaut convexa, pela dum al dera pascel Semper honos, nomtoque toum landesque mane- (haut.

VIRGIL, EN.

RECICIA.
Viver, qual vivem muitos, para o opprobrio,
Flagellado, opprimido a humanidade;
Viver, qual vive o despota ambudo,
Da razão, da justiça as leis calcando,
Entre remorso e crimes agitado,
As infrenes paixões, ao torpe vicio,
Queimando lucenas que a virtude rouba:

Viver, qual vive mesmo o ambicioso,
Que insaciavel de conquistas, gloria,
Em jorros faz correr o humano sangue,
Verter torturas de amargo pranto:

Viver, qual refalsado implo Levilha,
Inventando supplicios, mil torturas,
Tenebrosas masmorras e fogueiras,
Sacrilegio torrenço, profanado,
Furos dicitmas da moral mais pura:

Viver, como o usurário, enthesourando
Amplas riquezas que de nada prestão;
Enquanto esvalida geme, chora,
Mili indigente, que terrinha prole
Da fonte entre as angustias vê lutando:

Viver, qual o traidor, qual vive o ingrato,
Atraçado o amigo, os beneficios
Esquecendo, ultrair quem o arrancára

31. Oferecida ao cônego carioca Leite Bastos, a oração publicada no jornal procurava consolá-lo da perda da mãe. Há muitas homenagens fúnebres desse gênero na imprensa da época. (Jornal do Comércio, 1851)



32, 33. As mudanças no estilo de morrer foram acompanhadas das novas modas fúnebres. O escultor Bernardelli fazia túmulos sob encomenda, segundo modelos clássicos. (Finais do século XIX, Rio de Janeiro)



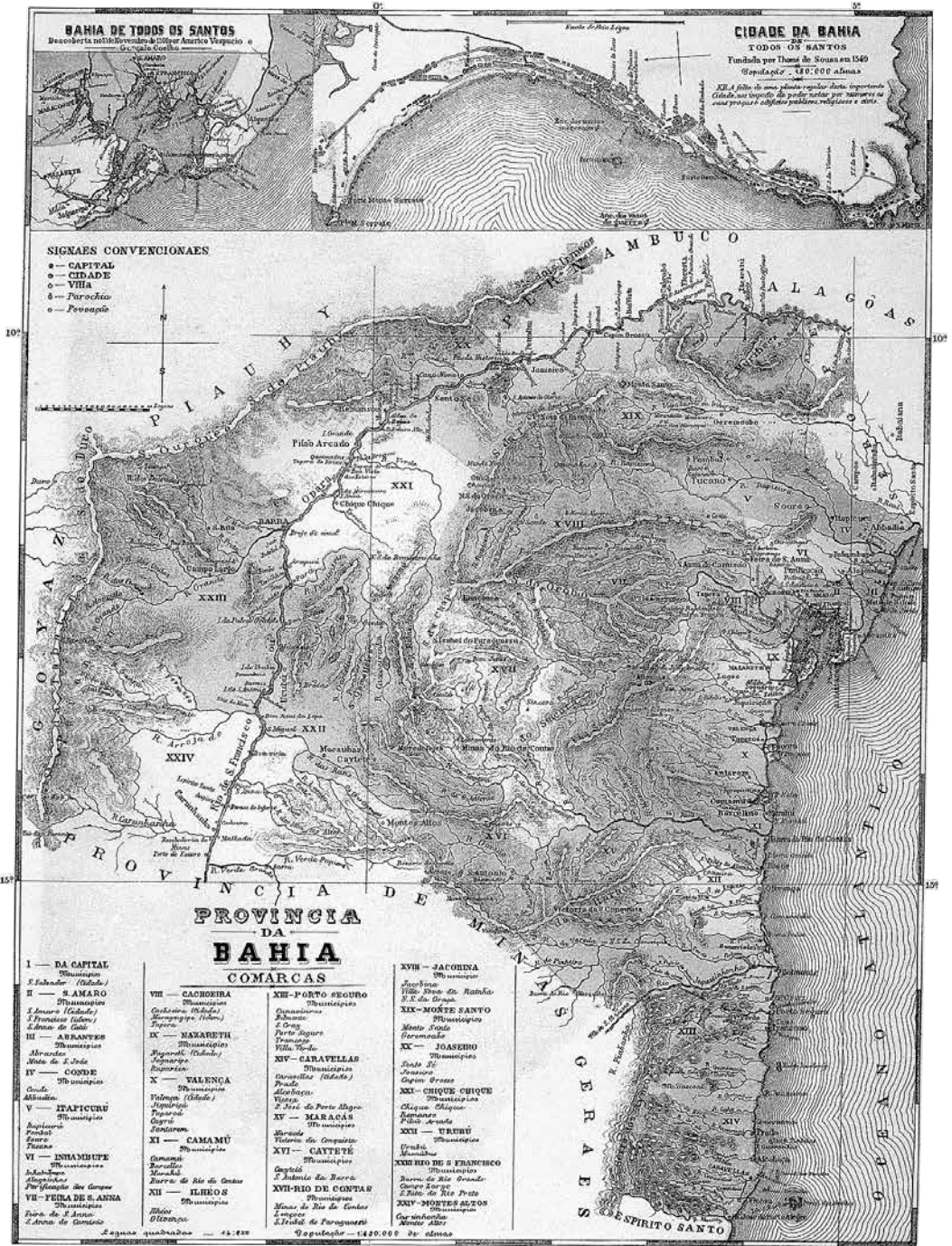
3

A OPULÊNCIA NA
PROVÍNCIA DA BAHIA

Katia M. de Queirós Mattoso



1. Vista panorâmica da Cidade Baixa. Junto com o Rio de Janeiro e Recife, Salvador forma a tríade de capitais portuárias que difundem a modernidade oitocentista no Império. (Salvador, c. 1880)



2. A província da Bahia. (Cândido Mendes, Atlas do Império do Brazil, 1868)



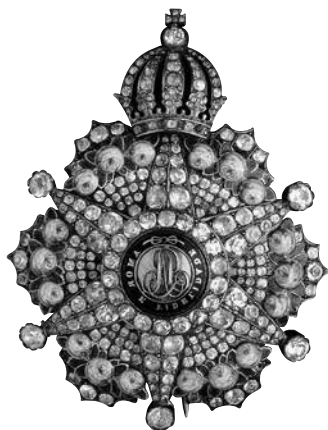
3. Uma linda vendedora de doces na Bahia. Essa atividade dava uma boa renda para os senhores das escravas. (c. 1840)



4. Grupo de crianças sobreviventes da grande seca que flagelou o Nordeste, e principalmente o Ceará, provocando alta mortalidade e um movimento de migração na área em 1877-8.



5. Cavaleiros de Cristo com grande traje da ordem. (Jean-Baptiste Debret, Voyage pittoresque et historique au Brésil, 1834)



6. Criada em 1829 para comemorar o segundo casamento de d. Pedro I, a Ordem Imperial da Rosa era distribuída à larga. Gonçalves Dias recusou-se a recebê-la porque estava sendo concedida a notórios negreiros. (Em ouro, brilhante e rubi, c. 1850)



7. A Ordem do Cruzeiro foi instaurada em 1822 para comemorar a coroação de d. Pedro I.





8. Chegados durante o Segundo Reinado, mestres de obra portugueses constroem casas inspiradas na arquitetura oitocentista de Portugal. Casa particular na Bahia. (Victor Frond, 1861)



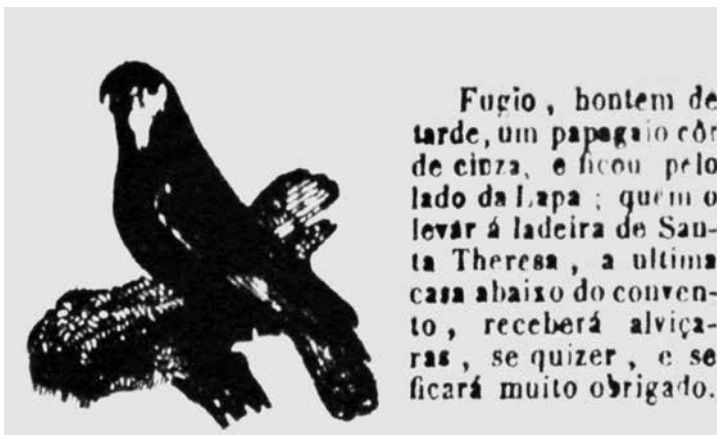
9. O senhor faz o negro beijar a figura de um santo. Uma das justificativas da escravidão formuladas nos séculos XVI e XVII tinha fundamento evangélico: os senhores deviam ensinar a religião cristã aos cativos extraídos da África, antro do paganismo. (c. 1840)



10. “Moleque, enxota aquele gato.” “Maria, calça-me esta meia.”
A charge ironiza a preguiça das iaiás. (A Semana Ilustrada, 1869)




11. A imigração de proletários europeus traz às cidades brasileiras um contingente de famílias brancas que são levadas à mendicância. (A Semana Ilustrada, 1867)



12. O gosto pelos pássaros em gaiola, hábito tanto europeu como africano, era muito difundido em todas as camadas sociais do Império. Aqui o dono, morador do Rio, procura um papagaio fugido, de cor cinza, provavelmente importado do Gabão, na África. (Jornal do Commércio, 1851)



13. Os castiçais, utilizados em cerimônias religiosas, começaram a ser usados nas casas com o barateamento da vela. Até meados do século XIX, a candeia, com óleo de mamona ou de baleia, era mais popular. Depois entrou na moda a lâmpada de querosene importado. (Século XIX)



Para crianças : chapéus à la Henri IV, à la François I, à la Bergère, etc. ; bonés de palha, de cachemira, de clina, etc. ; para homem : gorros de velludo bordado de ouro, de seda, lisos, bonés de esmira, de china, de brim, etc. ; objectos chegados agora, e só nesta casa é que se acha esta fazenda, por ser de bom gosto, e de um preço muito razoavel ; na casa do Napoleão, rua do Ouvidor n. 53.

14, 15. Fantasias infantis, brinquedos importados e as bonecas de borracha que começam a ser fabricadas na Europa e nos Estados Unidos, chegam às mãos dos nbonbozinbos e das nbonbozinbas, separando os jogos das crianças dos diferentes grupos sociais.

(Jornal do Commércio, 1851)



CASA DO PREÇO FIXO.
RUA DO OUVIDOR N. 66.

Participa no respeitavel publico que acaba de receber um grande sortimento de bonecos e brinquedos de criança, tudo do melhor gosto possivel; um rico sortimento de caixinhas de fantasia para festas. Na mesma casa encontra-se sempre lindas flores para penteados de senhoras, pentes de tartaruga, crescentes e perfumaria finas, etc., etc. (

PERDEU-SE, ou foi furtado, da presente loteria.

o a preço
e some
nico, com
e na pos
dentro
da rua Di-

ção dos

de lindos e modernos feitos, de ouro e de imitação de ouro. De pedra para 8 dias, tanto de penúlia, como horizontaes, de madeira ou com pedras, com despertador e com palha.

Além de se venderem por preços baratissimos, a variedade garante-se o bom regulamento, devolvendo-se seu importe quando assim se não restitue, e por aliado é fazer-se ha uma differença muito favoravel.

Monsr Olyverio Abraham e C.

10 Rua da Alfandega 10,
DEFRENTE DO NOVO EDIFICIO PARA O BANCO COMMERCIAL.

MME ADELE DANTIGNY,
tendo de se retirar, no proximo paquete para Europa, julga não dever nada a esta

ALUGA-SE um pretinho possivel; na rua de S. Pedro n. 159.

ALUGA-SE uma pretia para uma de lido, perto da rua de S. Pedro e do primeiro porto; na rua de S. Pedro n. 159.

ca
to
ria,
fere
Plan
PI
And
ma
com
S. P
ndo
VI
rua
di
de
n. 61
Al

16. Os importados americanos aparecem em maior quantidade na época da corrida do ouro na Califórnia (1850-60). Indo para lá, os navios americanos deviam costear a América do Sul, fazendo muitas vezes escala na Bahia e no Rio de Janeiro, antes de passar para o Pacífico. (Jornal do Commércio, 1853)



17. Uma escrava com turbante e panos da costa, isto é, tecidos importados da costa ocidental africana. (Foto de Cristiano Júnior, c. 1864)



18. A senhora e a mocinha vão à missa e mostram a roupa nova. Encerradas nas casas pelos pais e os maridos, as mulheres da maior parte das cidades brasileiras só conheciam o convívio social extrafamiliar nas missas e nas cerimônias religiosas. (c. 1840)



19. A procissão leva o Sacramento em meio aos fiéis; vigários e comerciantes davam destaque às festas dos santos padroeiros para atrair os sertanejos às cidades. (c. 1840)



20. *Novos ricos do período imperial, os negociantes de café fluminenses procuravam imitar em suas casas o estilo francês do Segundo Império (1852-70). Sala de jantar da Casa da Hera, Vassouras, Segundo Reinado.*



21. Os rústicos móveis coloniais foram substituídos por mobiliário de estilo, às vezes importado da Europa. Salão de festas de uma rica residência em Niterói no final do século. (c. 1890)

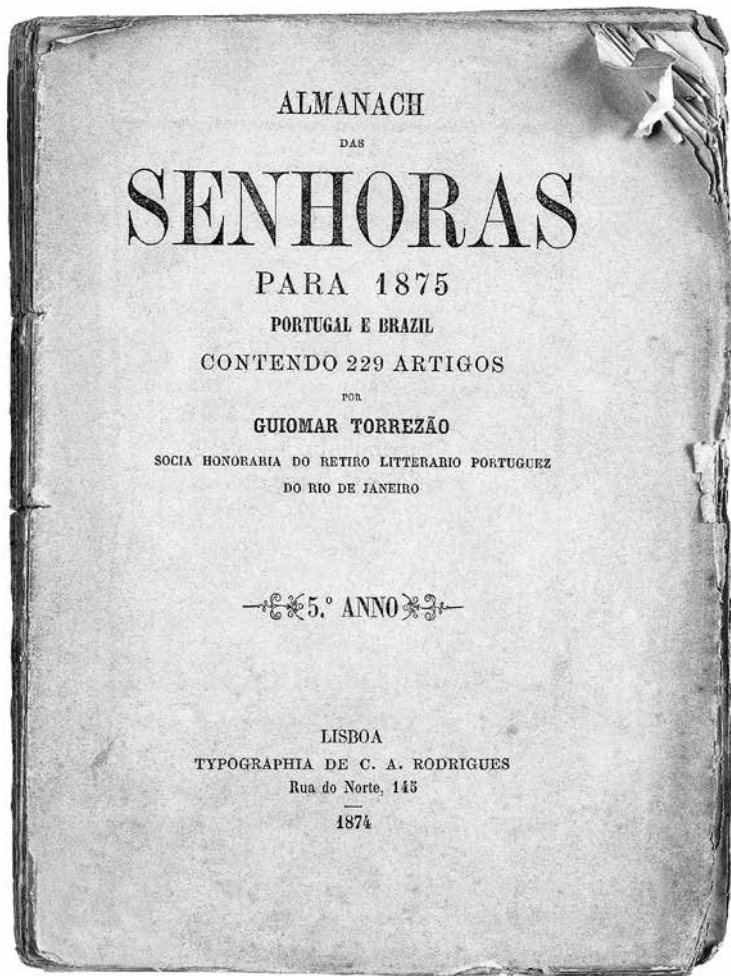


22. No início do século XIX, a pobreza do mobiliário era comum. Senhoras e escravas frequentemente sentavam no chão. (Thomas Ender, 1817)

Nr. 22. 23.
 Das Innere einer Wohnung in Rio de Janeiro. 1. Eine Portugiesin mit ihrem Kinde. 2. Eine Negerin, aus Benguela

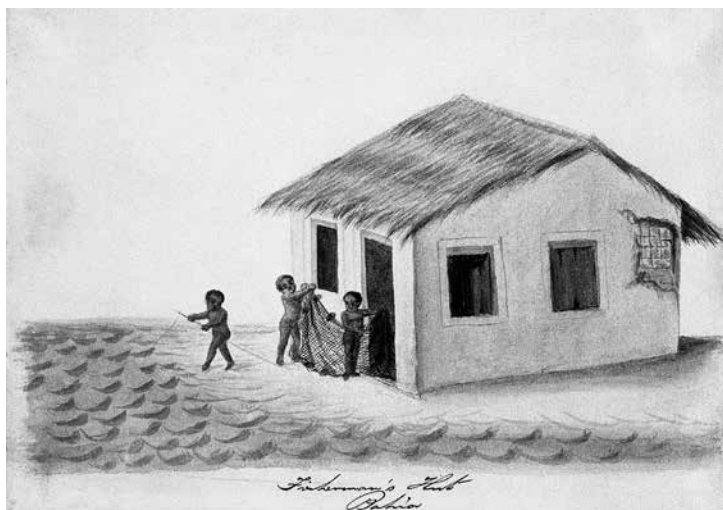


23. Num dia santo, a escrava se veste caprichosamente; seu garbo fazia parte da representação ostentatória de seus senhores. (c. 1840)



24. O Almanach, editado em Lisboa e vendido no Império, permitia que as senhoras seguissem a moda europeia. (1875)

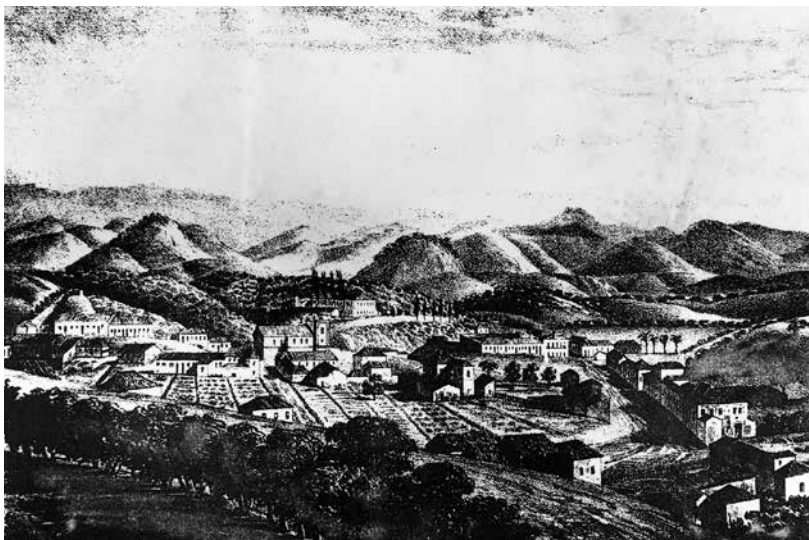
25. Crianças pobres de Pernambuco saem nuas para ir pescar. A pequena pesca era o recurso da pobreza. “Pindaíba”, palavra tupi que designa a vara de pesca, deu lugar à expressão “estar na pindaíba”, estar dependente da pescaria para sobreviver, ou ainda estar na pobreza. (c. 1840)



4

IMAGEM E AUTOIMAGEM
DO SEGUNDO REINADO

Ana Maria Mauad



1. *Vassouras, pujante centro cafeeiro nos anos 1840. (A Vila de Vassouras, Ostensor Brasileiro, 1843)*



2. *Vista do morro da Glória e da baía de Guanabara, quando a cidade se estendia para fora do centro, ao longo do litoral.*



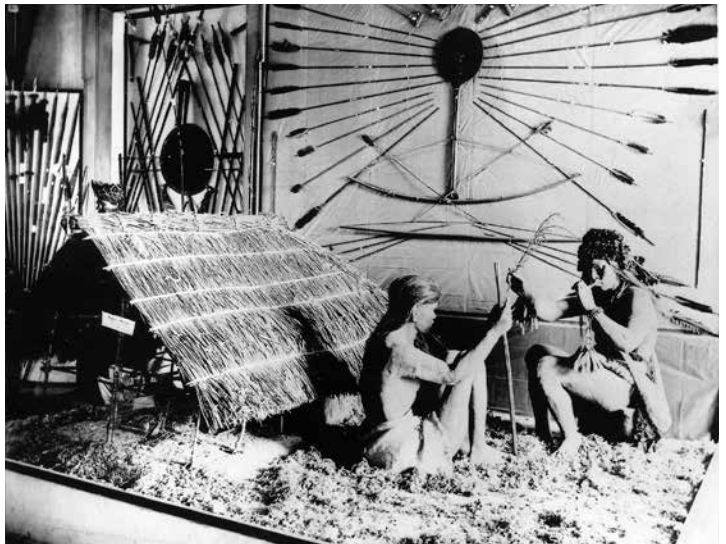
3. O francês Victor Frond registrou a sua própria imagem quando fotografava o Colégio dos Jesuítas na Bahia. (Victor Frond, 1861)



4. O primeiro daguerreótipo tirado no Brasil e na América do Sul, por Luis Compte, em 1840: o Paço Imperial com a tropa formada na sua frente. Ao fundo, à direita, o Hotel de France. Aqui se situava o coração do Império.



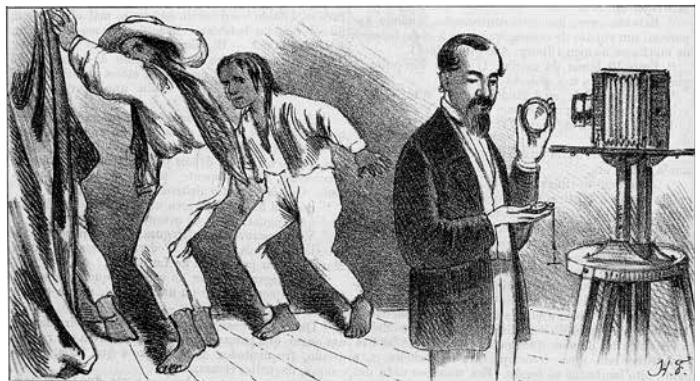
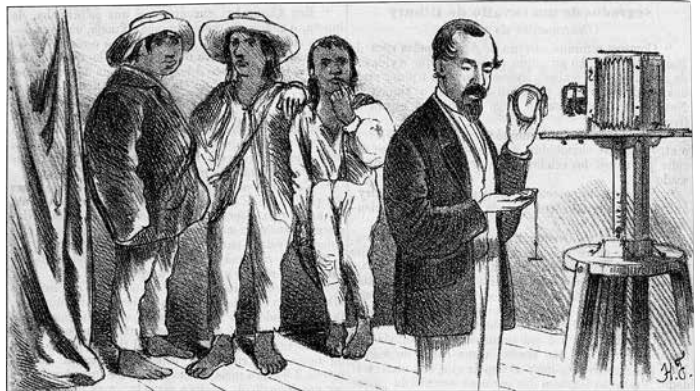
5. O Hotel Pbaroux, importante centro de reuniões no Segundo Reinado. Foi ali que, em 1840, o abade Compte apresentou ao imperador o primeiro daguerreótipo. (Foto de Klumb em 1880)



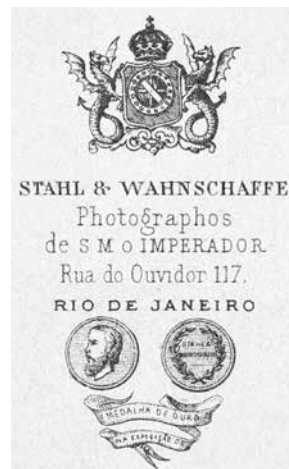
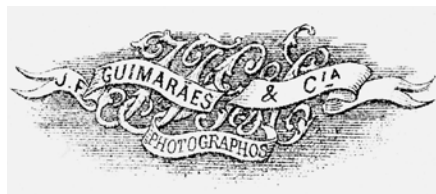
6, 7. Fotos da Exposição Antropológica de 1882. Desaparecendo das matas por causa dos massacres perpetrados pelos bugreiros, das doenças e do movimento da fronteira agrícola no Centro-Sul, os índios começam a entrar como estátuas nos museus imperiais.



8. Marc Ferrez fotografou em 1875, no sul da Bahia, os últimos remanescentes dos botocudos que dominaram a região durante séculos.



9. Índios aculturados se assustam e fogem do ateliê do fotógrafo. (A Semana Ilustrada, 1864)



10, 11, 12, 13, 14, 15. Vários logotipos de fotógrafos do Segundo Reinado, alguns dos quais sócios de casas fotográficas da Europa.

FAGUNDICES PHRASES E PENSAMENTOS FAGUNDICOS



O Fagundes vae a um photographo reproduzir-se; o Lopes Cardoso por exemplo;

olha para o objectivo e diz: « Então não tenho a cabeça de pernas para o ar?! »

O Fagundes colloca-se em posição.



A cabeça mais para alli. Assentado não vae bem.

É melhor em pé, e com ar de riso, não acha?

Firme! lá vae sair o passarinho!...



Um, dous, trez... (O Fagundes descae).

Prompto!

A chapa sae assim e o Fagundes diz, ao vel-a: Todos saem um; eu, Fagundes, deputado, saio aos trez! Que fagundismo!!!

16. Bordalo Pinheiro ironiza as situações esquisitas vividas por "Fagundes" no ateliê do fotógrafo. (Revista O Besouro, 1878)



17. *A moça se espanta com a novidade.* (A Semana Ilustrada, 1863)

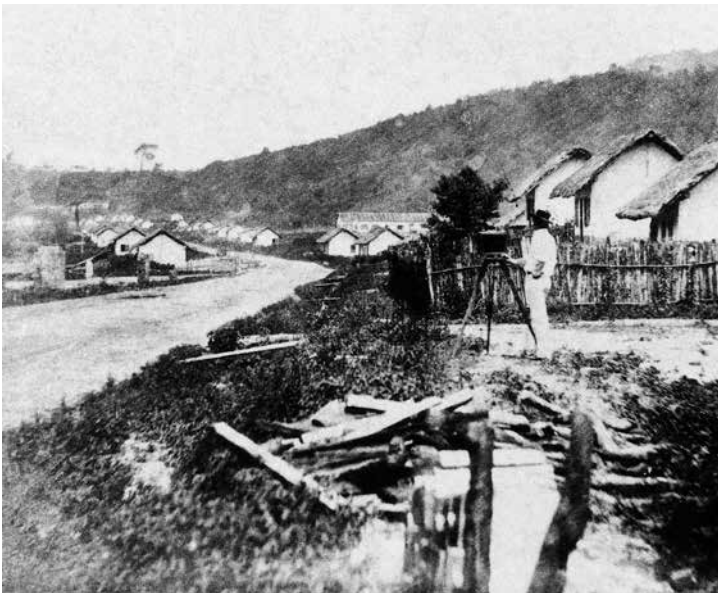




18, 19. *A imperatriz Teresa Cristina e sua filha, a princesa Isabel, em 1885.*



20. Anúncio de fotógrafo publicado na revista de Angelo Agostini, A Vida Fluminense, de 1º de janeiro de 1870.



21. Documento raro: um fotógrafo fotografado na Colônia Pedro II, em Juiz de Fora. (Foto de Klumb, 1880)



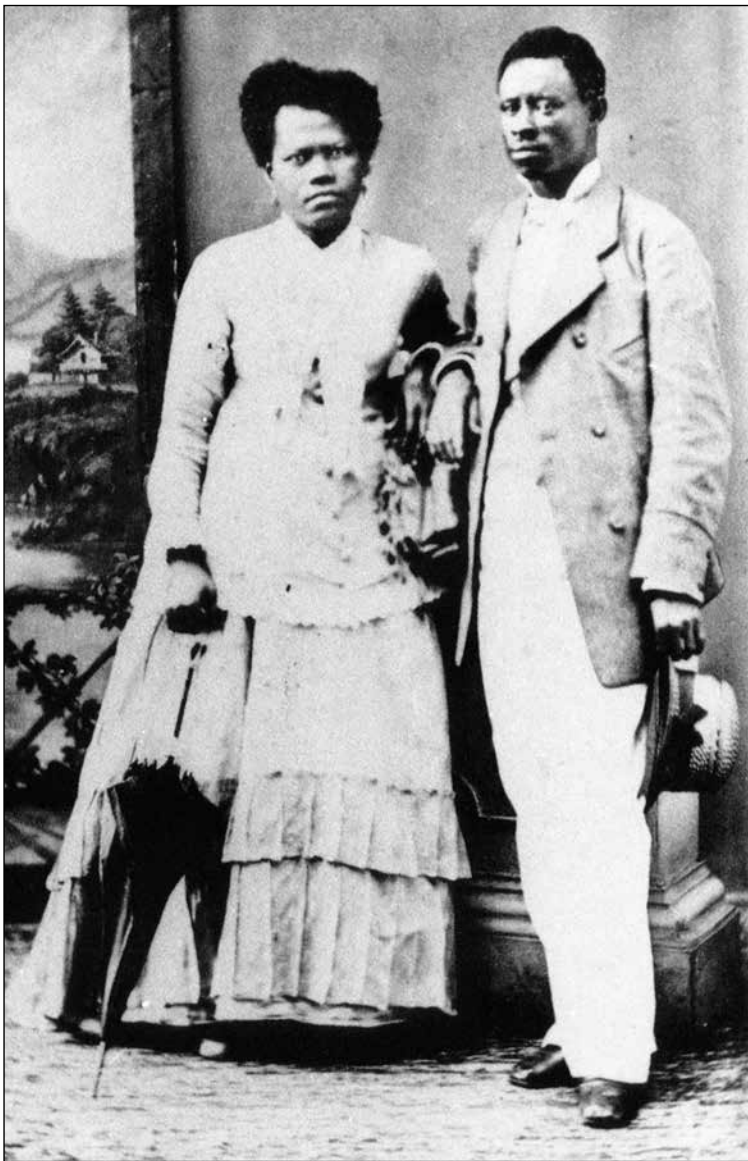
CHRISTIANO J^o & PACHECO

PHOTOGRAPHOS

45. Rua da Quitanda. 45.

RIO DE JANEIRO

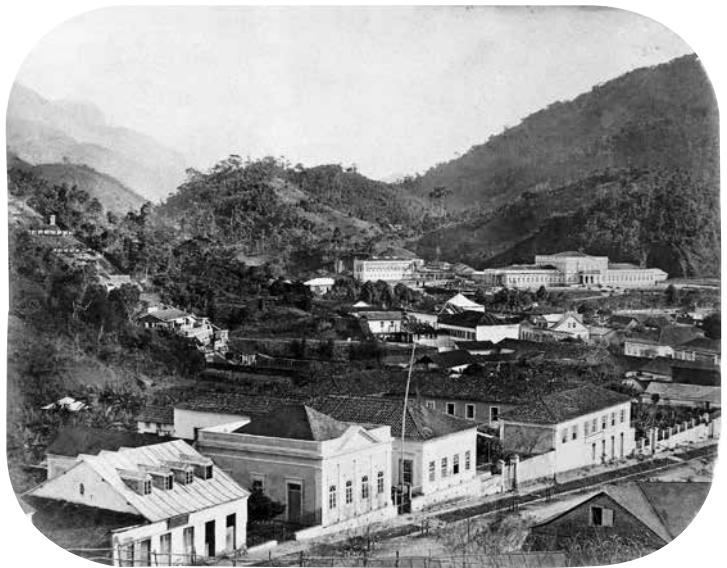
22, 23, 24, 25. Alguns exemplos de fotos de formato de cartes de visite com escravos feitas por Cristiano Jr. em seu ateliê. Havia na Europa oitocentista uma curiosidade meio perversa sobre os escravos da África e da América. Cristiano explorou esse mercado e exportou fotos dos escravos brasileiros. (c. 1860)



26. *Entre as leves modas da Europa e os duros modos do Império, este casal de cidadãos negros livres ou libertos busca o seu caminho dez anos antes da Abolição. (Foto de Militão, São Paulo, 1879)*



27. Presença, rara em fotografias da época, de duas mucamas na foto de família fluminense do final do século. (c. 1890)



28. Petrópolis, estação de veraneio e refúgio das pestilências do verão carioca. (Fotografia de Augusto Stahl, c. 1870)



HOMENAGEM DA BOBILHIA GRANADO, AO FELIZ DEGRESSO DE S. M. IMPERIAES.
Rua 99 de Agosto de 1888.

Marc Ferrez

29. Farmácia e Drogaria Granado & Cia., fundada em 1870, e até hoje na rua Primeiro de Março, no Rio de Janeiro. No andar de cima a fotografia gigante do casal imperial ao lado do conde d'Eu, o qual faturava prestígio para o projetado Terceiro Reinado de sua esposa, a princesa Isabel. (Foto de Marc Ferrez, 1888)



30, 31. Apesar do calor carioca, a imitação das modas europeias levava as damas brasileiras a vestir pesadas roupas de veludo, como este vestido de uma grã-fina do Segundo Reinado. (c. 1880) Usada como adereço de passeio nos primeiros veraneios oitocentistas europeus, a sombrinha foi adotada sob o sol tropical. Gilberto Freyre acreditava que os chapéus femininos não tiveram o mesmo sucesso porque foram introduzidos por prostitutas de luxo europeias. Esta sombrinha em marfim e seda pertenceu à imperatriz Teresa Cristina. (Museu Imperial, século XIX)



32, 33, 34. Retrato do coronel Francisco Peixoto Lacerda Werneck (barão do Paty do Alfere). Pintura de sua esposa, d. Maria Isabel de Assumpção Lacerda Werneck, baronesa do Paty do Alfere quando jovem, e sua fotografia anos mais tarde. (Quadros c. 1840 e foto anônima)



35, 36. Joaquim José Teixeira Leite, negociante de café, o homem mais rico de Vassouras em meados do século XIX e sua esposa, Ana Esméria Teixeira Leite.



37.



38.



37, 38, 39, 40, 41. Cinco gerações de uma família de mulheres fluminenses em fotos feitas num lapso de trinta anos. D. Rosa Maria Joaquina (mãe), c. 1870; d. Rosa Joaquina Garcia (filha), c. 1880; Joaquina Amélia Garcia (neta) e seu marido, Saturnino Rodrigues Alves Barbosa, c. 1870; Eugênia Amélia Alves Barbosa (bisneta), c. 1890; Dora Werneck de Almeida (trineta), c. 1890.



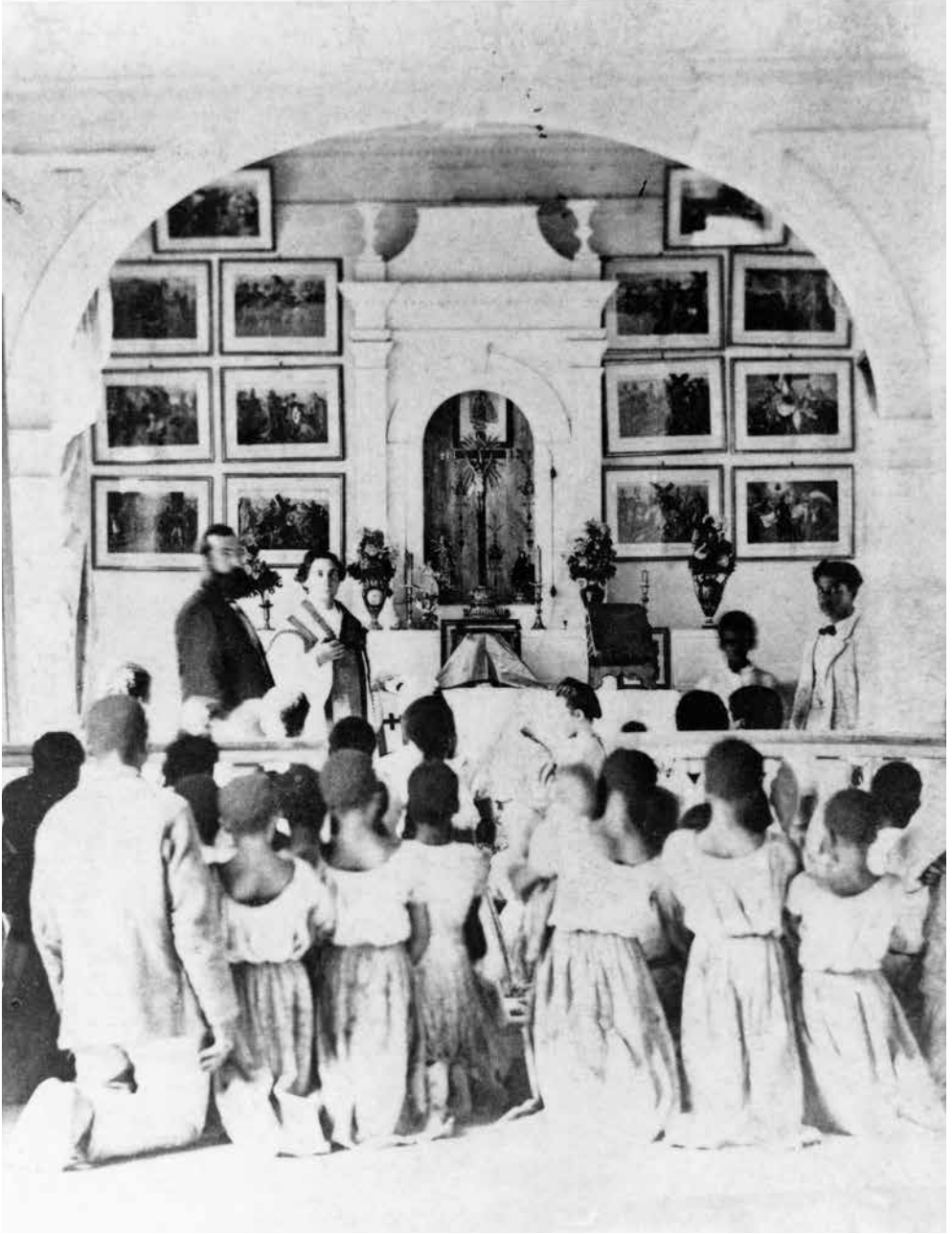
42, 43, 44. Uma dinastia da aristocracia cafeeira fluminense. O velho pai, Joaquim Ribeiro de Avellar, barão de Capivary, c. 1880. O filho e a nora, visconde e viscondessa de Ubá, Joaquim Ribeiro de Avellar e Mariana Velbo de Avellar, c. 1860. E os netos, ao lado de madame Doyen, governanta francesa da Fazenda Pau-Grande.



45. Mariana Isabel de Lacerda Werneck de Almeida e seus filhos Rosa e Antônio Furquim Werneck de Almeida. (c. 1860)



46. Visconde de Mayrink e família. Como na Europa, no Império tornara-se cbiqie tirar retratos dentro de canoas. (1880)



47. Comendador Joaquim Teixeira da Nóbrega (barbado, à esquerda), fotografado junto à família e escravos na capela da Fazenda Água Limpa, de sua propriedade, no município de Barra do Pirai, no Rio de Janeiro. (c. 1870)

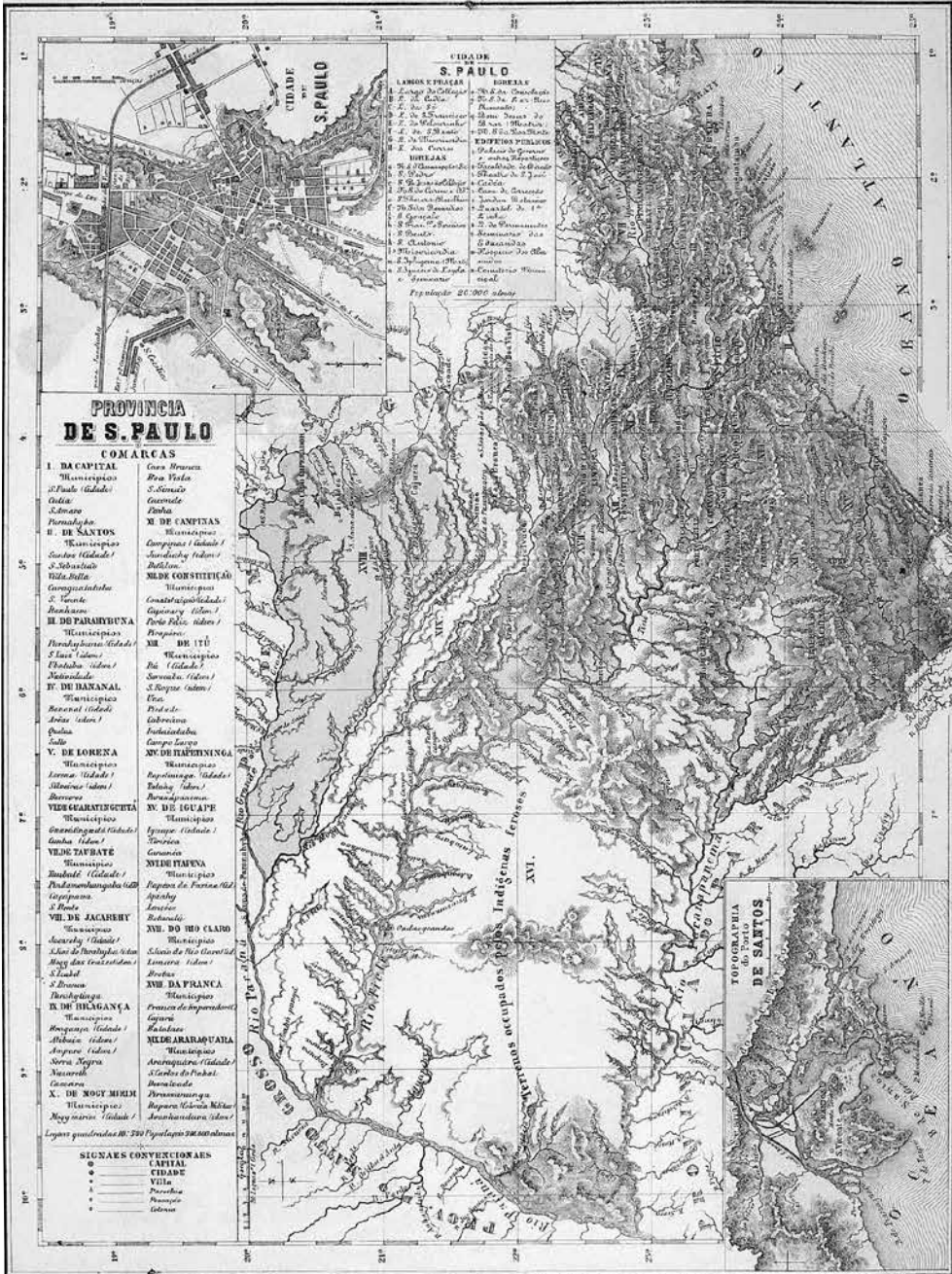


48. Otto Hees tirou a última foto da família imperial às vésperas da proclamação da República e do exílio. Da esquerda para a direita: a imperatriz, d. Antônio, a princesa Isabel, o imperador; d. Pedro Augusto (filho da irmã da princesa Isabel, d. Leopoldina, duquesa de Saxe), d. Luís, o conde D'Eu, d. Pedro de Alcântara, príncipe do Grão-Pará. Num comentário caloroso, Alexandre Eulálio considera que esta foto representa o fim do "ciclo do patriarcalismo caboclo".

5

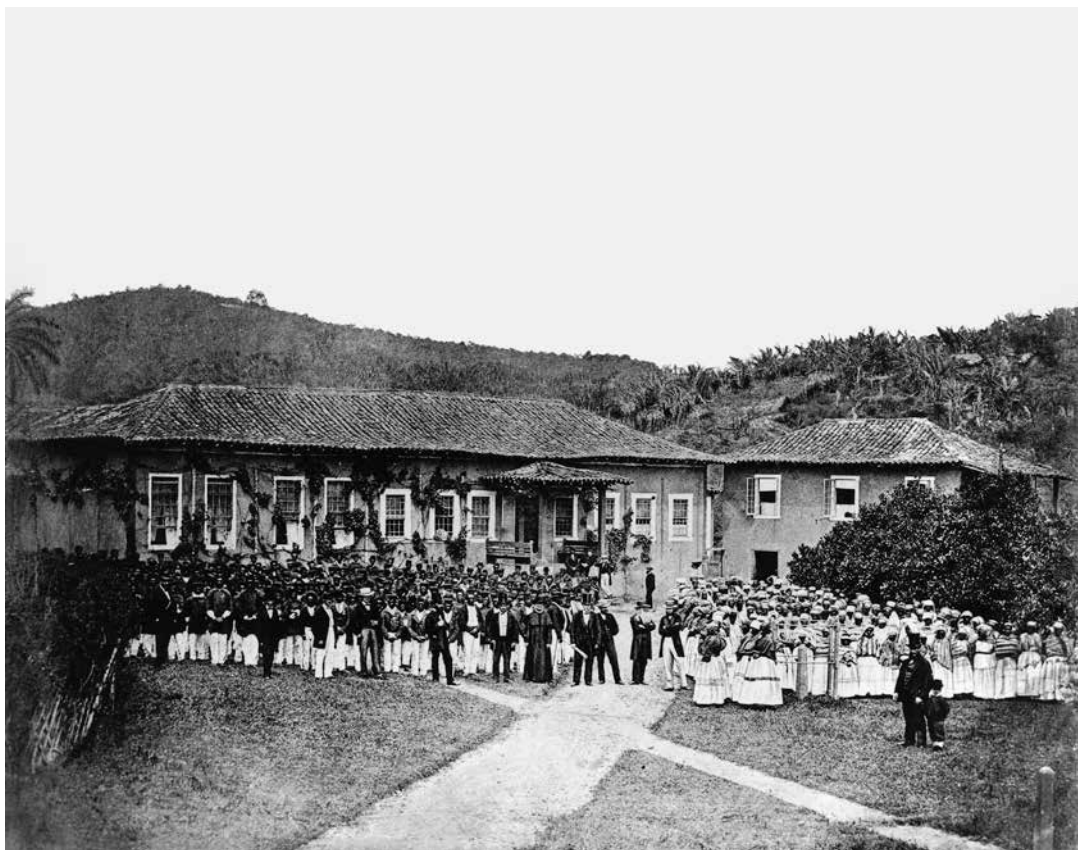
SENHORES E SUBALTERNOS
NO OESTE PAULISTA

Robert W. Slenes



© Silveira - A. Roggi.

1. O novo faroeste: no mapa de 1868, inserido no Atlas de Cândido Mendes, primeira visualização completa do território nacional de que dispuseram os brasileiros, boa parte do território de São Paulo aparece ainda entregue a "indígenas ferozes". (Atlas do Império do Brasil, 1868)




2. *Cada qual no seu lugar: duas vezes ao mês, havia uma revista dos escravos e funcionários da Companhia de Mineração São João del-Rei, em Morro Velho, Minas Gerais. (Riedel, 1865)*



3. Um comboio de escravos é conduzido para a fronteira agrícola. (Thomas Ender, 1817)

...rio, não se annuindo depois a reclamação alguma.



Fugio, da rua de S. Diogo n. 41, uma preta Mula, de nome Victoria, tem alguns cabellos brancos, cara redonda, cor re-tiada, vendia quitanda pode ter-se de-rivado disso; quem a apprehender ou der noticias sera gratificado, e protesta-se contra quem a tiver acoutada.

VENDE-SE uma negrinha de 15 annos, sabendo cozer e mazar, e zifinas e não tem visto algum...

4. Anúncios de escravos fugidos eram publicados diariamente nos jornais e criavam um clima de insegurança nas cidades. Em "Pai contra mãe", um dos textos mais dramáticos de Machado de Assis, um paupérrimo caçador de escravos, atrás da recompensa para alimentar seu filho, captura nas ruas do Rio de Janeiro uma escrava grávida em fuga. Espancada, a escrava acaba abortando. (Jornal do Comércio, 1851)

ESCRAVOS.

Vende uma pessoa chegada ha pouco do Norte bonito e moço, entre elles notto-se um official de curives, uma bonita crioula, uma parda de 18 a 20 annos com habiliidades, um preto pauleiro e fornaco, um bonito pardo de 17 annos, optimo para pagem, e mais pretos e moleques; na rua da Alfandega n. 278. (C)

COMPRA-SE uma oria de peito; na rua da Assembléa n. 78. (C)

7. Anúncio de escravos chegados do Norte. O comércio interprovincial deslanchou nos anos 1850, após o final do tráfico atlântico. Trazendo para o Centro-Sul escravos ladinos do Norte, esse movimento prenuncia a influência cultural da fala e dos costumes nordestinos no Rio e em São Paulo. (Jornal do Comércio, 1854)



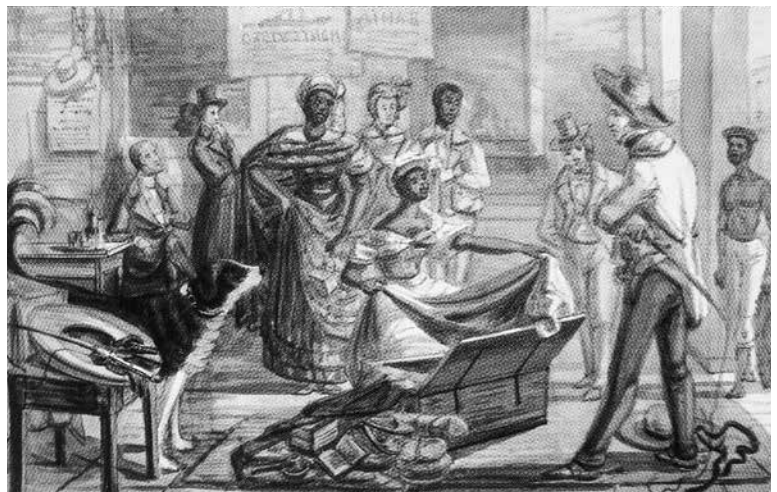
8. O velho acaricia a mucama que lhe traz um copo d'água. A coabitação dos cativos e criados domésticos com seus senhores altera o quadro da vida privada. (A Semana Ilustrada, 1865)



9. A ex-escrava Marcelina, amante do marido de sua ex-senhora. Ao processo civil de anulação de casamento movido contra seu marido adúltero, a esposa enganada anexou esta fotografia da rival. (Foto de Carneiro & Tavares, c. 1880)



10. Enquanto o rapaz aborda a criada, aqui representada numa atitude brejeira, a donzela se escandaliza. Durante gerações o assédio das escravas e depois das criadas por parte dos rapazes constituiu prática corrente e banal. (A Semana Ilustrada, 1865)



11. Menina negra que, havendo comprado sua liberdade, fora acusada de roubo sob a ameaça do chicote. (Paul Harro-Harring, 1840)

Costumes paulistas



O Sr. F, sua mulher, e suas 3 filhas



Primeiras lições de moralidade que recebem seus filhos por estarem aonde não deverião estar



O Sr. F mandou chamar um maestro, p. que sua filha sãha bem tocar, O que faz o dicipulo da vizinhança



O nhento e a sinha são postos no collegio por serem muito transiosos, e levados do diabo



S. moça que se aborreceo logo do piano, descobrio, que estar a janella, era mais apreciavel - ja tem 2 namorados.



O namorado mais oucado, faz do moleque da casa, seu mercunio



Com a primeira carta quasi desmaiou de gosto

12. Agostini satiriza a vida doméstica dos paulistas: a moral familiar é ameaçada de dentro, pelos escravos, e de fora, pelos janotas que se servem do moleque de recados para aproximar-se da sinbazinha. (A. Agostini, Cabrião, 1867)

Relação n. 176 dos escravos pertencentes a Maria Francisca Barbosa Santos residente na
 provincia de São Paulo município de Campinas parochia de Santa Cruz
 (Art. 2º do regulamento n. 4.835 do 1º de dezembro de 1871)

Nomes	Sexo	Idade	Estado	Naturalidade	Filiação	Aptidão para o trabalho	Profissão	Observações
216 1 Catarina	♀	20 annos	casada	Canabreira	Aguez	regular	de casa	1º marido com Francisca de Paula de Almeida nº 28
216 2 Marietana	♀	35 annos	casada	Matija	Est. de Maria e Est. de Aguez	regular	de casa	1º marido com Francisco de Paula nº 29
216 3 Benedita	♀	21 annos	solteira	Campinas	Est. de Aguez e Est. de Maria	boa	de casa	1º marido com João de Paula nº 22
216 4 Maria	♀	20 annos	casada	Campinas	Est. de Aguez e Est. de Maria	boa	de casa	1º marido com João de Paula nº 27
216 5 Francisca	♀	20 annos	solteira	Campinas	Est. de Aguez e Est. de Maria	boa	de casa	
216 6 Amélia	♀	20 annos	solteira	Campinas	Est. de Aguez e Est. de Maria	boa	de casa	
216 7 Matharina	♀	20 annos	casada	Matija	Est. de Aguez e Est. de Maria	boa	de casa	1º marido com Francisco de Paula nº 25
216 8 Maria	♀	20 annos	casada	Canabreira	Aguez	boa	de casa	1º marido com Francisco de Paula nº 24
216 9 Benedita	♀	20 annos	casada	Canabreira	Aguez	boa	de casa	1º marido com Francisco de Paula nº 23
216 10 Joazeira	♀	2 annos	solteira	Campinas	Est. de Aguez e Est. de Maria	boa	de casa	1º marido com Francisco de Paula nº 21
216 11 Maria	♀	2 annos	casada	Canabreira	Aguez	boa	de casa	
216 12 Maria	♀	2 annos	solteira	Campinas	Est. de Aguez e Est. de Maria	boa	de casa	
216 13 Cecília	♀	2 annos	solteira	Campinas	Est. de Aguez e Est. de Maria	boa	de casa	
216 14 Helena	♀	2 annos	solteira	Campinas	Est. de Aguez e Est. de Maria	boa	de casa	
216 15 Lucretia	♀							

continua

15. Uma lista típica da Matrícula Geral dos Escravos, de Campinas, em 1872. Nas observações lê-se que várias escravas são casadas.

16. Antes de ir para a roça, os escravos conversam à porta da senzala sem janela e com portas geralmente trancadas por fora durante a noite. (Victor Frond, 1861)



17. Crianças e velho escravo posam para o fotógrafo. (Foto de Henschel, meados do século XIX)

18. O aprendizado da discriminação. Uma anedota na Folhinha Laemmert diz: com a Lei do Ventre Livre (1871), “algumas moças que não querem ficar para tias” casam-se com negros. (1876, Rio de Janeiro)





19. Os cativos moravam na senzala coletiva ou, gozando de algum privilégio, em casas individuais. (Victor Frond, 1861)



20. Escravos com aparelhos punitivos. A demonstraçãe e o uso da violênciã facilitavam o arrego do favor. (Kidder e Fletcher, 1857)



21. À beira da ferrovia de Campinas, ainda em construção, um caboclo ergue a sua casa. (Foto de Nicklesen, 1880)



22. O tronco servia para vários escravos serem castigados ao mesmo tempo. (A. Agostini, Revista Ilustrada, 1888)



23. Foto de 1910 que parece uma cena de filme neorrealista. Imigrantes e ex-escravos, adultos e crianças, trabalhando juntos num depósito de café do Rio de Janeiro. (c. 1890)



24. Nesta foto de Militão, a rua São João, em São Paulo, em 1862. Pequeno burgo estudantil, a cidade continha ainda menos de 20 mil habitantes. À esquerda, o Hotel Itália e Brasil, “para famílias”. (Militão, 1862)



25. Uma escrava colbendo café. A partir dos anos 1880, no Oeste paulista, os imigrantes estrangeiros trabalham ao lado dos cativos nos cafezais. (Christiano Jr., c. 1865, Rio de Janeiro)

6

CARAS E MODOS DOS
MIGRANTES E IMIGRANTES

*Luiz Felipe de Alencastro e
Maria Luiza Renaux*



1. Angelo Agostini, um dos grandes ilustradores e chargistas do Segundo Reinado, faz um desenho dramático da emigração europeia confrontada com as febres tropicais. No Brasil, a floresta selvagem, representada por uma índia, causa a morte do casal de colonos, deixando seus dois filhinhos órfãos. (Revista Ilustrada, 1876)

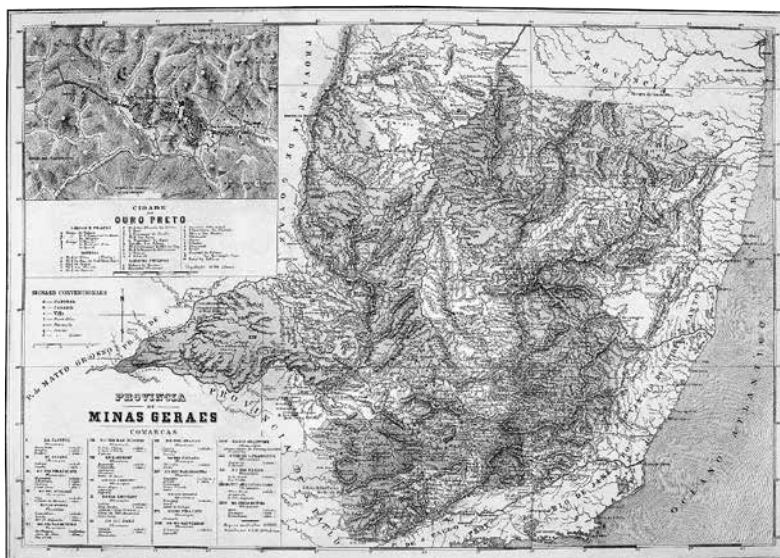
AMEIXAS

da rainha Claudia, 800 rs.; pera, 1/000, em lata de 6 libras
paças muito boas e baratas; manteiga, 720 rs. a libra;
presuntos de Hamburgo, a 280 rs. a libra; na rua do Lo-
sario n. 67.

2. Ameixas, manteiga e presunto também eram importados em maior quantidade no Império após 1850. Os hábitos alimentares, que seguiam os cardápios europeus, e os restaurantes dos imigrantes difundem o consumo desses produtos. (Jornal do Comércio, 1853)



3. Vista da rua Direita, em Diamantina. A sociabilidade urbana mineira sobrevive ao declínio da mineração. Helena Morley escreve ali, nos anos 1890, o seu célebre diário *Minha vida de menina*. (Foto de Riedel, 1868)



4. Minas Gerais torna-se um exportador de gêneros alimentícios para a Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo. Na Zona da Mata e no Sul mineiro, a cultura do café tem também grande importância na segunda metade do século XIX. (Cândido Mendes, Atlas do Império do Brasil, 1868)

PADARIA «PERFEIÇÃO».



SYSTEMA ROLLAND
PREVILEGIADO S. G. D. G. EM FRANÇA E
OUTROS PAIZES ESTRANGEIROS.

DELMILHAC
PADEIRO.

RUA DA MISERICORDIA N. 16.

estabeleceu uma padaria pelo systema novamente inventado, e já em Paris geralmente adoptado por causa do asseio e perfeição da produção que se obtém, juntando á superioridade do pão o asseio com que é feito, por ser inteiramente fabricado em processos mecanicos; evita-se desta maneira o contacto e suor dos trabalhadores, que pelo modo antigo tinha nojeita a fabricação de um alimento de primeira necessidade. O estabelecimento, unico nesta cidade, acha-se patente ao exame de todas as pessoas que o quizerem visitar, e principalmente aos Srs. donos de padarias.
 Na mesma casa precisa-se de um cozeiro de balcao.

5, 6. Para enfrentar a concorrência das padarias portuguesas no Rio de Janeiro, o padeiro francês Delmilhac enfatiza o progresso das novas máquinas de fazer pão que importou da França. Sem padrão definido do gosto dos consumidores brasileiros, a Nova Padaria anuncia o fabrico de pão de diversos tipos e sabores. (5. Jornal do Commércio, ago. 1853; 6. Jornal do Commércio, 1852)

NOVA PADARIA



Precisa-se de uma
chacara para pequena
familia estrangeira nas
Laranjeiras, Caminho
Velho do Botafogo, Rio
Comprido, ou Engo-
nho Velho; dirija-se
á rua da Quitanda
n. 159.

7. As famílias estrangeiras preferiam morar nas chácaras dos arrabaldes do Rio de Janeiro do que nos sobrados do centro velho da cidade. (Jornal do Commércio, 1852)



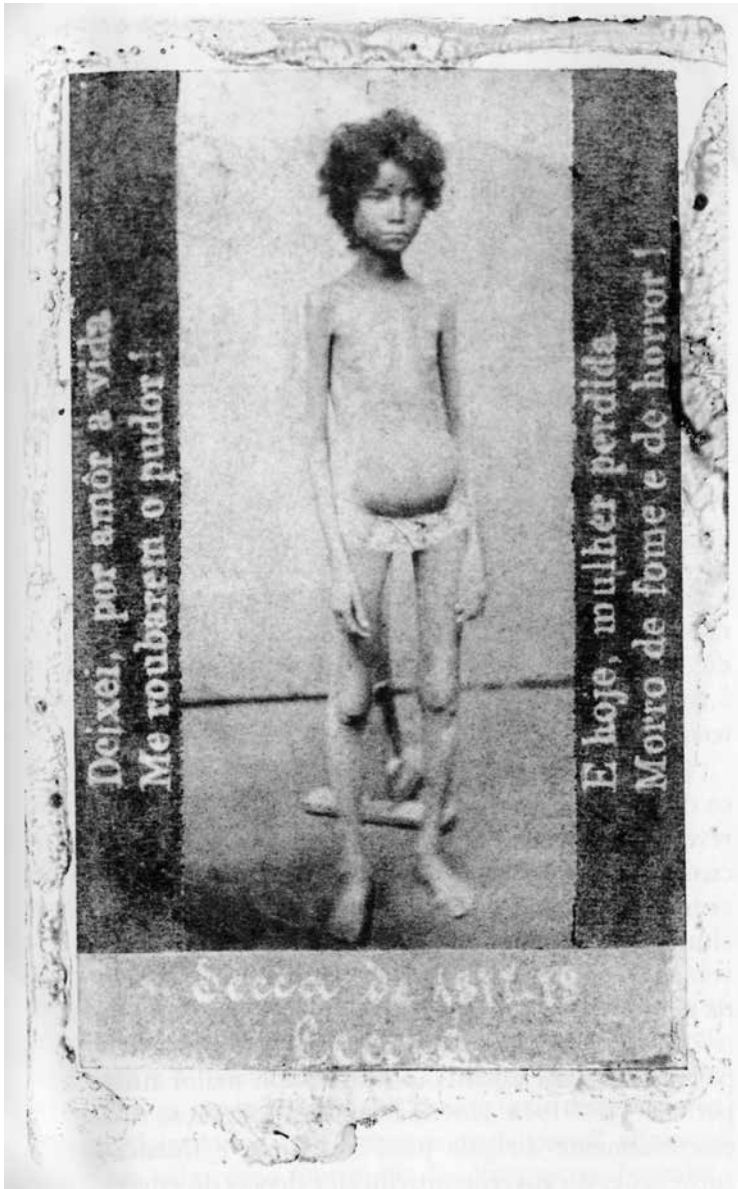
8. *Oficiais brasileiros e estrangeiros, sobretudo na marinha, substituíram as tropas portuguesas que deixaram o Império após a Independência, mas o recrutamento de soldados para o exército sempre foi problemático. Na Guerra do Paraguai havia os “voluntários da pátria”, mas também os “voluntários da corda”, homens livres compulsoriamente incorporados nas tropas imperiais. Aqui a família abençoa seus rapazes que partem para a guerra. (A Semana Ilustrada, 1865)*



9. O índio servia de emblema nacionalista para os comerciantes brasileiros submetidos à dura concorrência das casas de comércio estrangeiras, sobretudo portuguesas. (Jornal do Comércio, 1853)

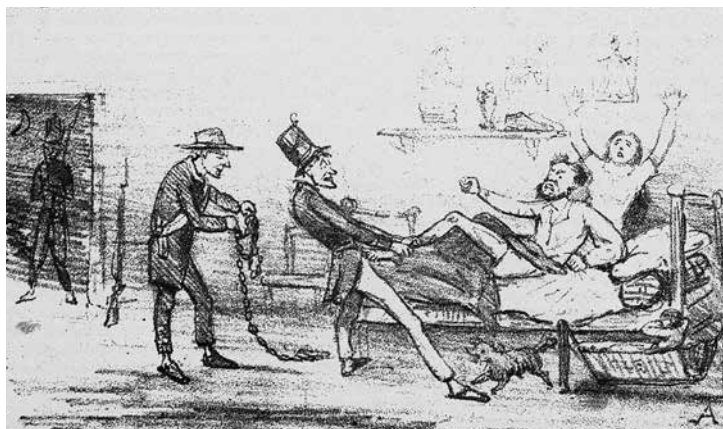
COLONAS chegadas ultimamente de Fayal, não es-
cuna portuguesa Amélia, contracto-se na ilha das
Cobras no desembarque do Vidal.

10. As imigrantes açorianas entram no mercado de trabalho feminino da corte e fazem concorrência às mucamas. (Jornal do Comércio, mar. 1853)



11. As fotografias feitas por J. A. Corrêa da seca de 1877-8 no Ceará ainda chocam. Denunciam a miséria extrema dos sertanejos. Bordalo Pinheiro criticou, na sua revista *O Besouro*, o descaso do governo e do próprio imperador; que, na época da tragédia, viajava pelos Estados Unidos e Europa. A reportagem, de 1878, apresenta-se como uma edição pioneira do fotojornalismo brasileiro. (J. A. Corrêa, 1877)

12. Soldados invadem casas atrás de recrutas no início da Guerra do Paraguai. Um dos homens leva uma corda para amarrar o “voluntário”. (A. Agostini, Cabrião, 1867)



13. Os carimbos foram usados em cartas antes do aparecimento do selo postal. A afluência dos imigrantes aumenta o fluxo das relações postais com a Europa. (c. 1840, Museu Histórico Nacional)

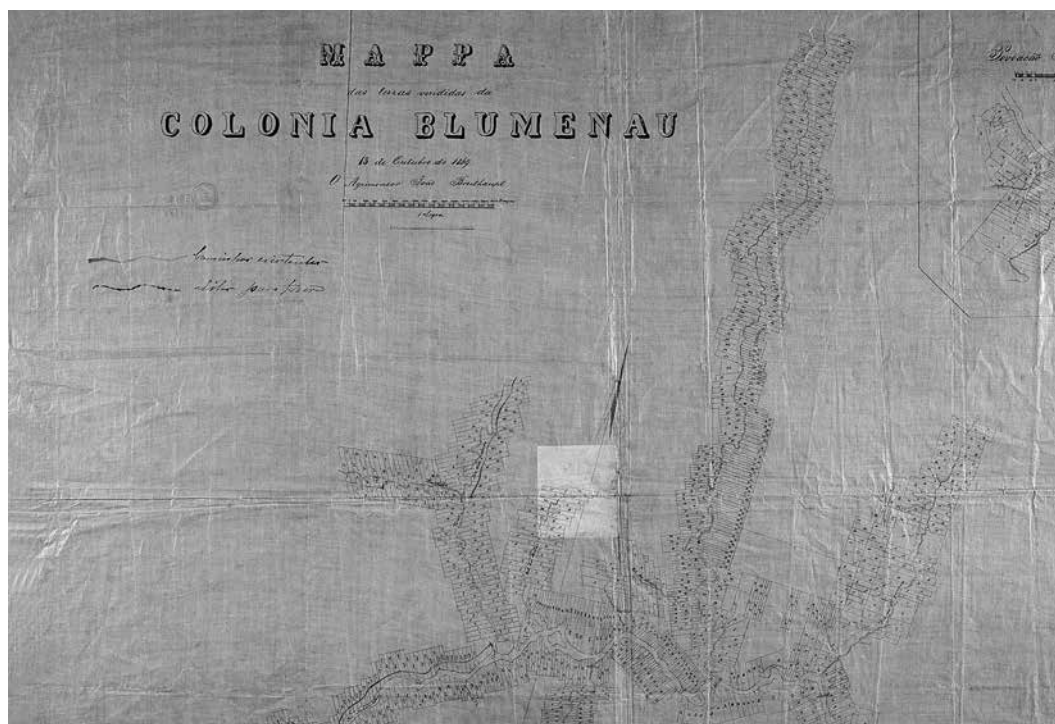


14. O Brasil foi o segundo país do mundo a adotar o selo postal adesivo, chamado de “olho-de-boi”. (1843, Museu Paulista)



15. No embarque em navios entulhados rompia-se a intimidade familiar e a privacidade dos imigrantes. (Vista do porto de Hamburgo no momento do embarque para a América, meados do século XIX, arquivo do Jornal de Santa Catarina)

16. Os Hering, artesãos têxteis da Saxônia, fundam a primeira malharia de Santa Catarina em 1880. Numa carta para a Alemanha, Hermann Hering fala da vida comunitária em Blumenau, onde, segundo ele, não existiam os dois tipos de inúteis que estragavam a sociedade europeia: “os condes e barões”, assim como os “mendigos e vagabundos”. (Centro de Documentação Hering)



17. Herdeiros das tradições seculares da vida comunitária camponesa, os colonos procuravam manter-se agrupados nas novas colônias brasileiras. (Breitbamp, Mapa, meados do século XIX, Biblioteca Nacional)



18. A casa com sótão, o velhote com o acordeão, as mulheres de saia longa e pesada, o moço com a espingarda de dois canos e o facão. Em volta, os pés de café, plantados como se fossem árvores de pomar. Os imigrantes alemães de São Paulo geralmente trabalhavam em fazendas já cultivadas por escravos. (Colonos no Sul, Dietze, c. 1870)



19. Associado à aristocracia europeia, o hábito dos gaúchos de montar a cavalo era admirado e copiado pelos colonos alemães. (Sul do Brasil, final do Império)

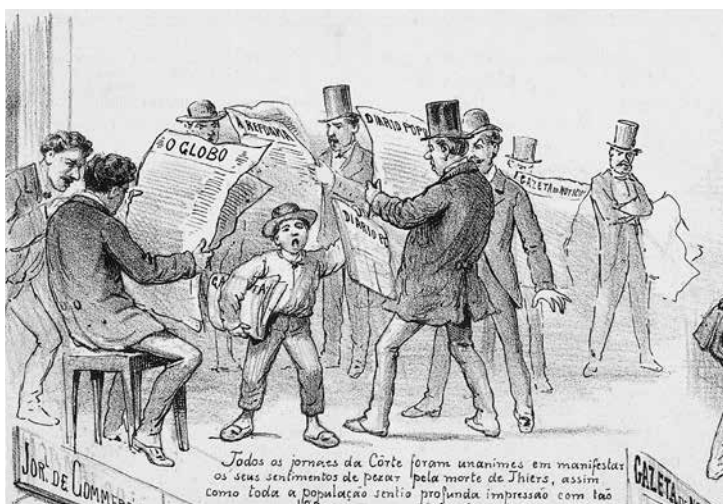


20. Com 46 mil indivíduos, os alemães compunham, no censo de 1872, o terceiro maior contingente estrangeiro no Império, atrás dos africanos livres e escravos (183 mil) e dos portugueses (121 mil), mas na frente dos italianos (6 mil). (Casa de colonos alemães no Sul do Brasil, Dietze, c. 1870)



21. Horas Vagas e uma revista alemã, revistas de leitura femininas publicadas em Petrópolis por Pedro Müller em 1875. (Museu Imperial)

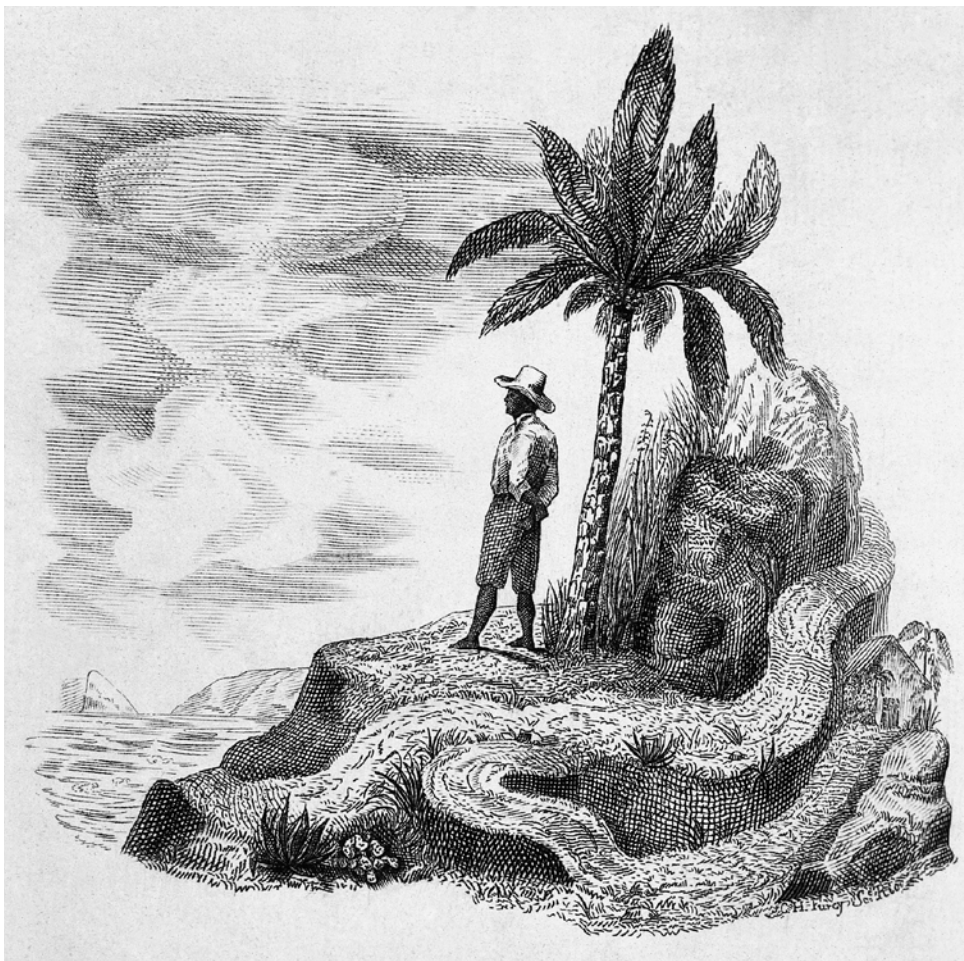
22. A imprensa brasileira seguia assiduamente o noticiário europeu e o denso movimento migratório de colonos da Europa para os Estados Unidos. Em contraste, comentavam-se os diversos embaraços que bloqueavam a chegada de imigrantes europeus ao Brasil. (A. Agostini, Revista Ilustrada, 1877)



7

LAÇOS DE FAMÍLIA E DIREITOS
NO FINAL DA ESCRAVIDÃO

Hebe Mattos




1. Na Revue Française, publicada no Rio: “Para o pobre negro, o lugar mais próximo da África era aquele onde podia contemplar a imensidão dos mares”. (1840)



1778
João
Antônio de
Albuquerque
e
Antônio
de
Albuquerque

Eu abaixo assignado, declaro que tenho vendido
Antonio Nunes hum Escravo
de nome João de nação Cabinda
com todos os vícios e achaques novos e velhos tal e qual se puzera pela quantia de
1000000 que recebi no
fazer desta em Effectos Correntes livre e desembaraçado de
penhoras e hypothecas obrigando-me a fazer boa e valiosa a venda para sem
pre ficando o dito Comprador obrigado
pagar a Senhora

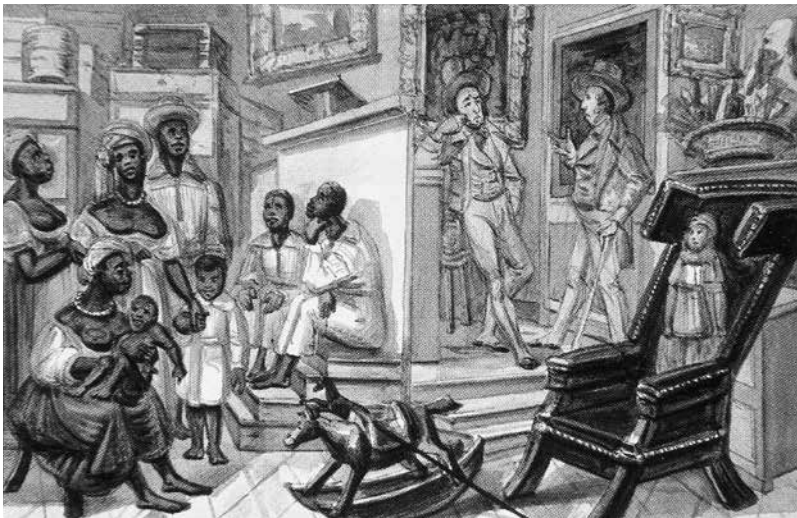
Rio de Janeiro 15 de Outubro de 1778

São R. 

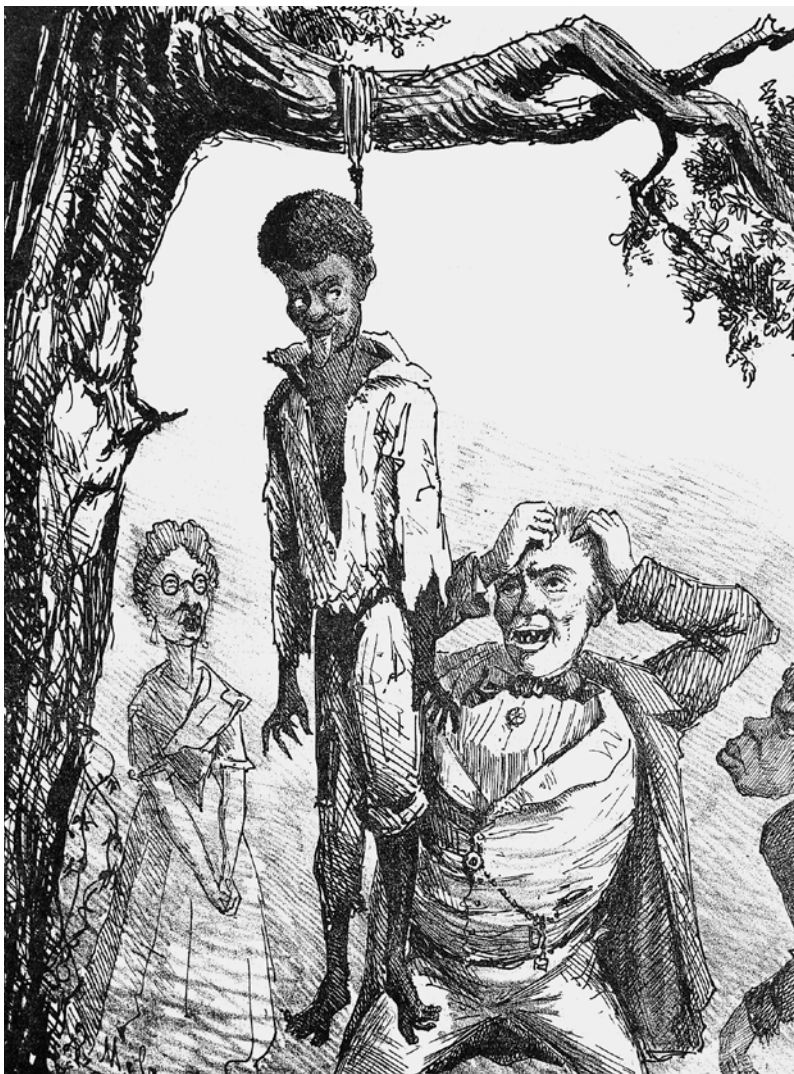
Declaro que fiz esta venda p. author.
ria e eu que tenho a Ex.ª de Bancos para
Senhor de Senhor

Como Test.
João Gonçalves
Antônio Luis de Aguiar
Antônio Luis de Aguiar
Antônio Luis de Aguiar

2. No recibo de compra e venda de escravos, uma vinbeta mostra os senhores sentados decidindo o destino de um casal.



3, 4. Um quadro marcado pelo realismo social de um pintor abolicionista: sob o olhar pudibundo das madames, dois lascivos compradores escolhem moças aterrorizadas no mercado de escravos africanos do Rio. As famílias dos escravos podiam ser desmembradas nos leilões. Nessa hora, sua sorte estava nas mãos dos senhores. (3. Paul Harro-Harring, Inspeção de negras recentemente desembarcadas da África, 1840; 4. Paul Harro-Harring, Cena da abertura de uma venda pública de negros, 1840)



5. Mulher: "Olhai, nhô Antonico, que lástima! Um conto e quinhentos mil-réis perdidos." Homem: "Qual conto e quinhentos, nhá dona! É um Hábito da Rosa que perdemos!!!" No final do Segundo Reinado, o imperador concedia a Comenda da Rosa aos que emancipassem seus cativos. (O Arlequim, 1867)



6. Na região da Tijuca, no Rio de Janeiro, escravas lavadeiras se encontram, trabalham e conversam. (Foto de Klumb, 1860)



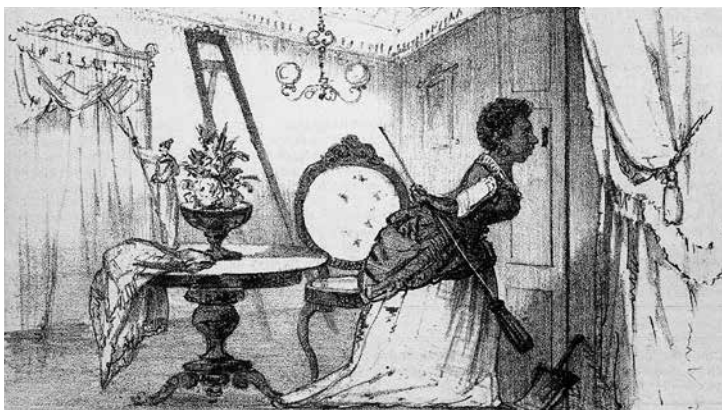
7, 8. O historiador norte-americano Eugene Genovese, citando Gilberto Freyre, afirma que o senhor podia bater no seu escravo da mesma forma que batia no seu filho, no contexto de uma truculência paterna comum no Brasil patriarcal. Mas o filho do senhor, o nbonbozinbo, parava de apanhar quando crescia, enquanto o escravo continuava apanhando até a velhice, na frente de seus filhos e netos. Mais uma vez, o abolicionista Harro-Harring pinta uma cena decisiva do sistema escravista. A família escrava sempre estava sob a ameaça do arbítrio senhorial. (7. Paul Harro-Harring, Velho escravo sendo açoitado por sua senhora por mal-entendido, 1840; 8. Paul Harro-Harring, Uma negra é açoitada na frente das crianças e de um padre, 1840)



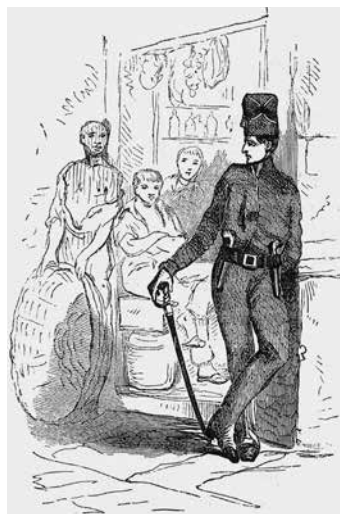
9. Numa estação de telégrafo do interior, um grupo engravatado aguarda as notícias da corte enquanto lê sentado na calçada. (Albert Richard Dietze, c. 1870)



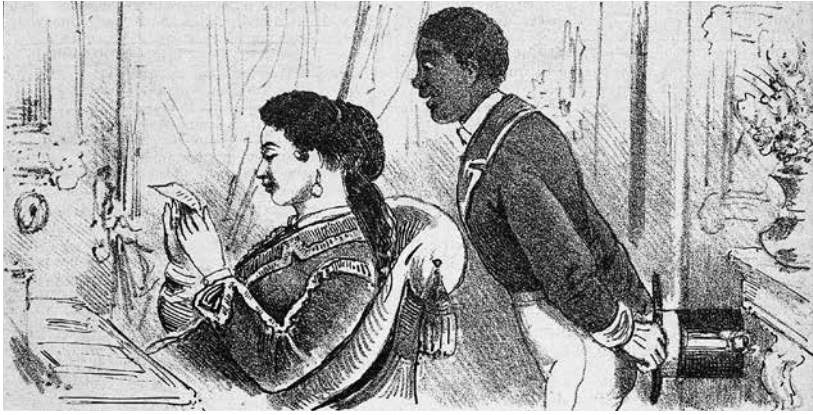
10. Este tipo de alambique de pedra-sabão era muito usado em Minas Gerais. No século XIX os alambiques de metal, importados ou fabricados no Império, difundiram o consumo da cachaça pelo país inteiro.



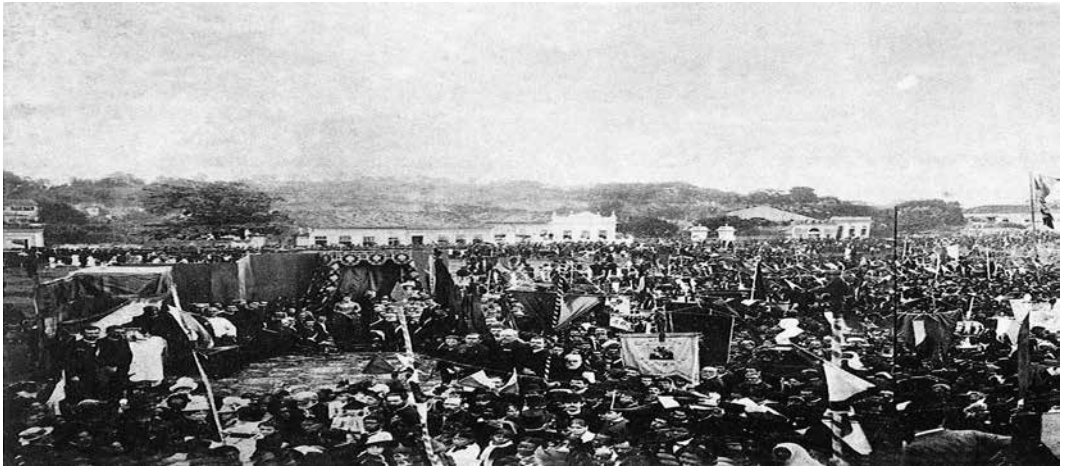
11. Os escravos domésticos podiam espionar a intimidade dos senhores. A charge chama a atenção para essa deformação que o escravismo impunha aos padrões da privacidade oitocentista brasileira. (A Semana Ilustrada, 1872)



12. Um policial vigia os escravos em uma venda. Nas cidades a polícia atuava como feitor, controlando os cativos de ganho. (Kidder e Fletcher, 1857)



13. “Essas são as conseqüências quando se ensina aos moleques a ler e escrever; ficam sendo conhecedores e confidentes de todos os nossos segredos”, dizia a revista. O bom escravo era o escravo analfabeto, incapaz de entender o universo da linguagem escrita controlado pelos homens livres. (A Semana Ilustrada, 1872)



14. Vista geral da missa realizada no Campo de São Cristóvão, no Rio de Janeiro, para celebrar a Abolição. (Luís Ferreira, 1888)



15. *Escravos comemoram a libertação.* (A. Agostini, Revista Ilustrada, 1888)



16. *Sátira do cotidiano após a Abolição. O preconceito continuou cercado os ex-escravos; uma troça da época dizia: "Nasceu periquito, morreu papagaio, não quero histórias com treze de maio".* (A. Agostini, Revista Ilustrada, 1888)



*17. Uma criança negra sozinha no Passeio Público, local de lazer da sociedade da corte.
(Foto de Klumb, 1860)*

8

O FIM DAS CASAS-GRANDES

Evaldo Cabral de Mello



1. Numa foto que lembra a pintura seiscentista de Frans Post, na época em que os fotógrafos imitavam os grandes pintores, a imagem captou, na contraluz, uma casa de engenho e sua capela em Pernambuco. (Augusto Stabl, 1858)



2. Brasão do terceiro barão de Goiana, João Joaquim da Cunha Rego Barros, sogro de João Alfredo.

Em sequimento de outro livro
que fiz eu encerrado no
anno de 1885, com
títulos os a
partam^{to}
no presente livro
a contar se do começo do anno
de 1886 por diante.

Eng.º Goicana 1 de Janeiro 1886

S. A. Accioli Lima

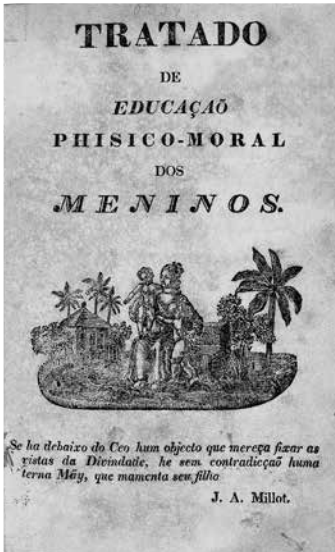
3. Página de rosto do diário do barão de Goicana. (Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano)



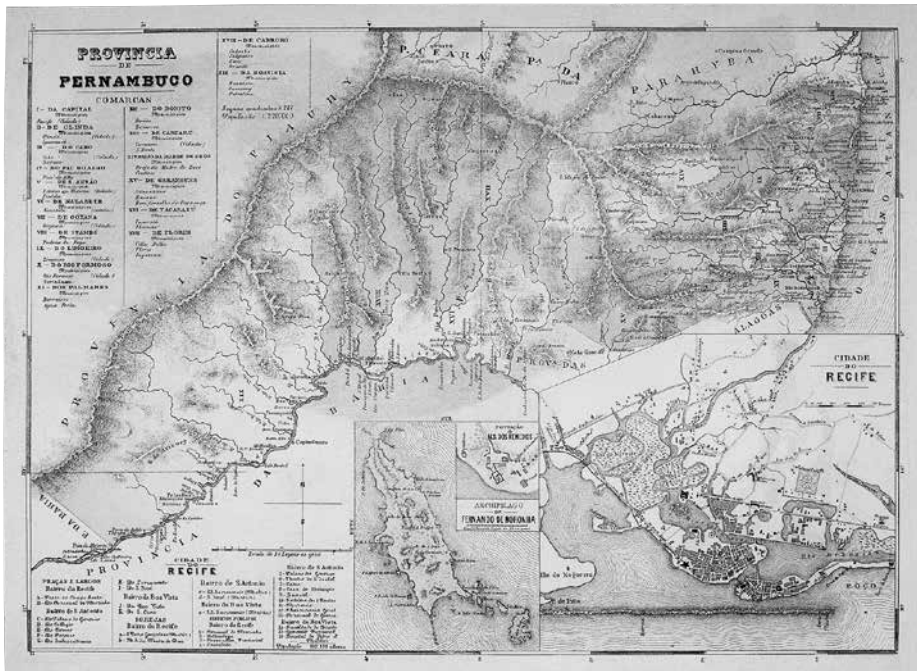
4. Vista do Engenho Jacaré em Goiana, Pernambuco. (Foto de Augusto Stahl, 1858)



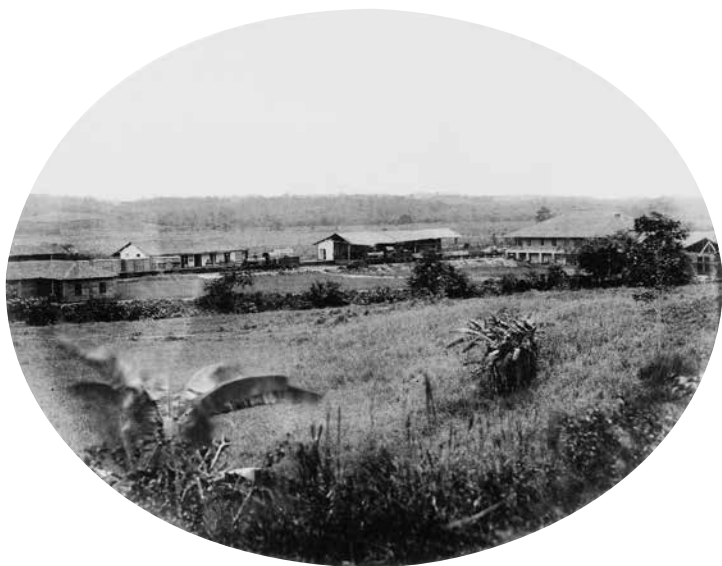
5. Sobrados oitocentistas na rua do Crespo, no Recife. (Emil Bauch, meados do século XIX)



6. O *Tratado de Joaquim Jeronymo Serpa*, publicado no Recife em 1828, dava conselhos para a educação dos filhos da elite pernambucana do novo Império do Brasil.



7. A *provincia de Pernambuco em 1868*. (Atlas do Império do Brazil, Cândido Mendes, 1868)



8. Estação de trens da Vila do Cabo, Pernambuco. (Augusto Stahl, 1858)



9. Nas idas à missa, os vestidos e os trajes marcavam as diferenças sociais. (L. Buvelot e Auguste Moreau, 1842)



10, 11. *Sebastião Antônio de Acióli Lins, barão de Goicana. D. Feliciano Inácia de Acióli Lins, baronesa de Goicana.* (Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano)

12. *O Engenho Goicana no Rio Formoso, Pernambuco.* (Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano)



13. *Prisciano de Barros Acióli Lins, senhor do Engenho Timoco.* (Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano)

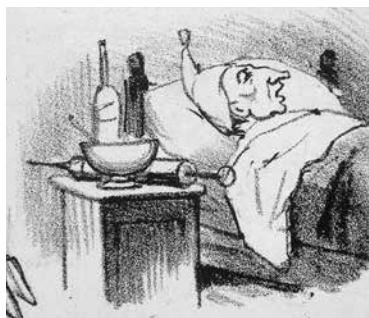




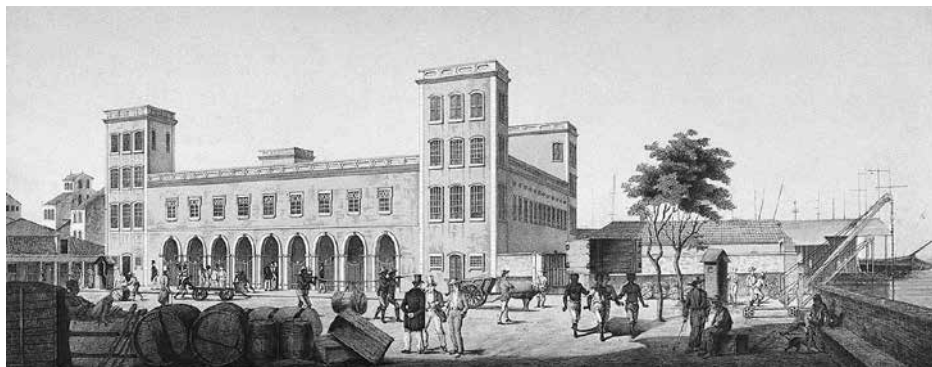
14. Com frascos de medicamentos, instrumentos e um livro de instruções, a botica portátil do dr. Chernovitz equipava os médicos que percorriam o interior. (Século XIX, Museu Histórico Nacional)



15. Remédios milagrosos frequentemente postos à venda: “descobriu-se afinal” um xarope que prometia parar a tosse e curar a tuberculose. (Jornal do Comércio, 1851)



16. Remédios caseiros e homeopáticos eram bastante difundidos em todo o Império. (A. Agostini, Revista Ilustrada, 1876)



17. O movimento do bairro comercial do Recife. (Emil Bauch, meados do século XIX)



18. Pessoas passeiam na ponte da Boa Vista, no Recife, onde dois mendigos se instalaram. (Emil Bauch, meados do século XIX)



19. Igreja da Ordem Terceira do Carmo, Goiana, Pernambuco. A cidade de Goiana era um dos bastiões do antilusitanismo pernambucano no Império. (Augusto Stahl, 1858)



20. Os livros de boras, que continham as preces e outras matérias de culto, podiam ser encadernados com requinte e acompanhar seus proprietários por toda parte e por toda a vida. (Século XIX, Museu Imperial)



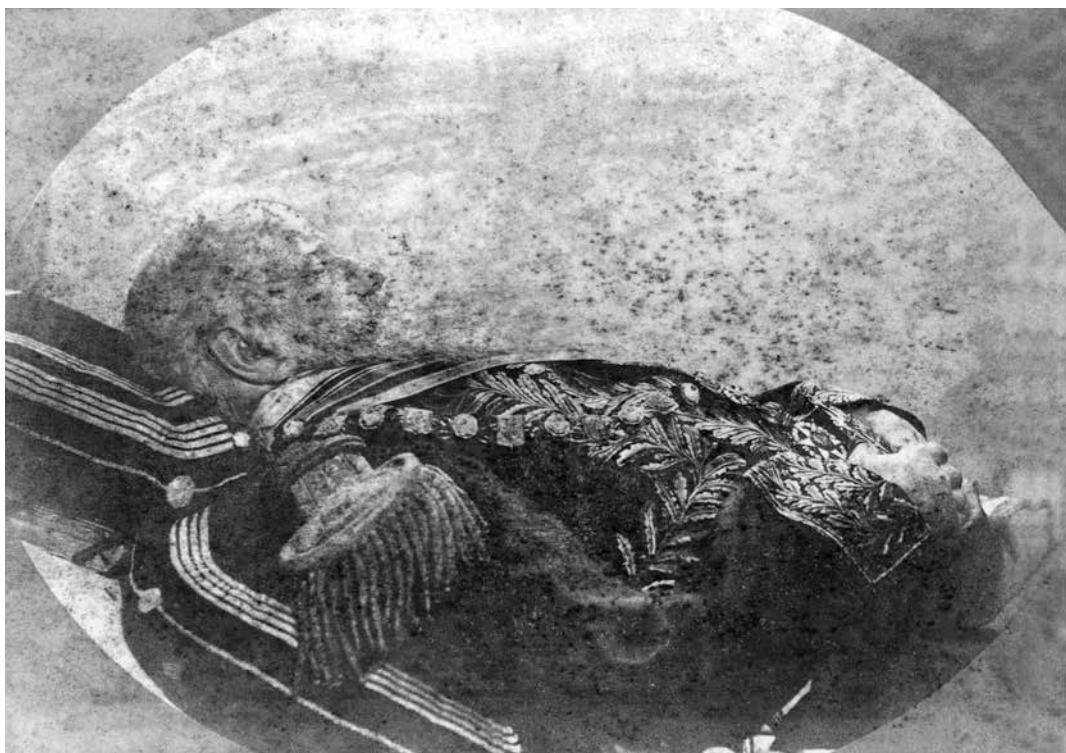
21. A rua da Cruz no Recife. (Emil Baub, meados do século XIX)



22, 23. Brinde de propaganda política. Na década de 1880 os abolicionistas ofereciam charutos e cigarros com a efígie de Joaquim Nabuco. Nos anos seguintes, quando Nabuco já se tornara uma personalidade importante da República, os cigarros do mesmo nome continuaram tendo boa aceitação. Havia também cervejas “nabuquistas”. (Fundação Joaquim Nabuco, Recife)



24. *A multidão se concentrou diante do Paço Imperial para festejar a assinatura da Lei Áurea.*
(Luís Ferreira, 1888)



25. *Felix Nadar, o mais célebre fotógrafo do século XIX, fez o retrato funerário do imperador em Paris. (1891)*

EPÍLOGO



1. *Ama escrava e menino Augusto Gomes Leal (c. 1860).*

CADERNO COR



1. Dois ramos de café e tabaco circundam o escudo de armas na bandeira do Império. Um canto português fazia troça da Independência, ligando-a ao café.

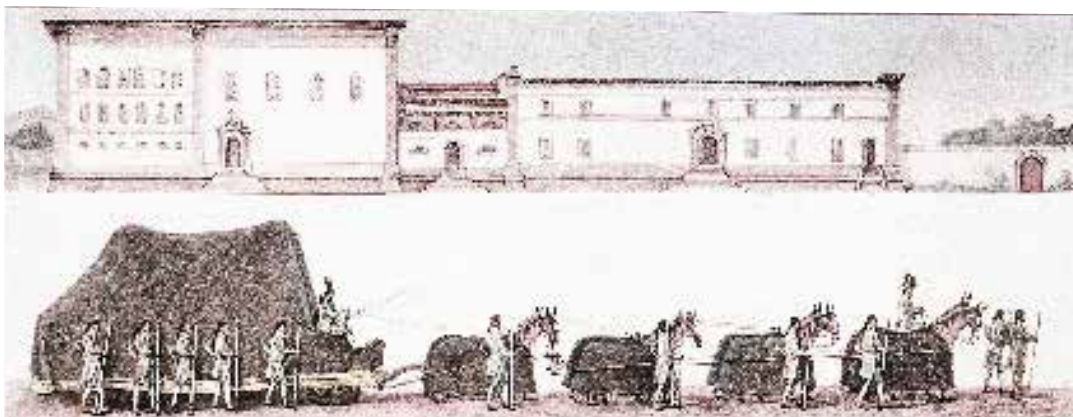
Cabra gente brasileira
Do gentio de Guiné
Que deixou as Cinco Chagas
Pelos ramos do café.

(Museu Histórico Nacional)



2. No início do século XIX, Debret pinta as mulheres de uma fazenda brasileira como a um harém oriental.

(Jean-Baptiste Debret, Visita a uma fazenda)



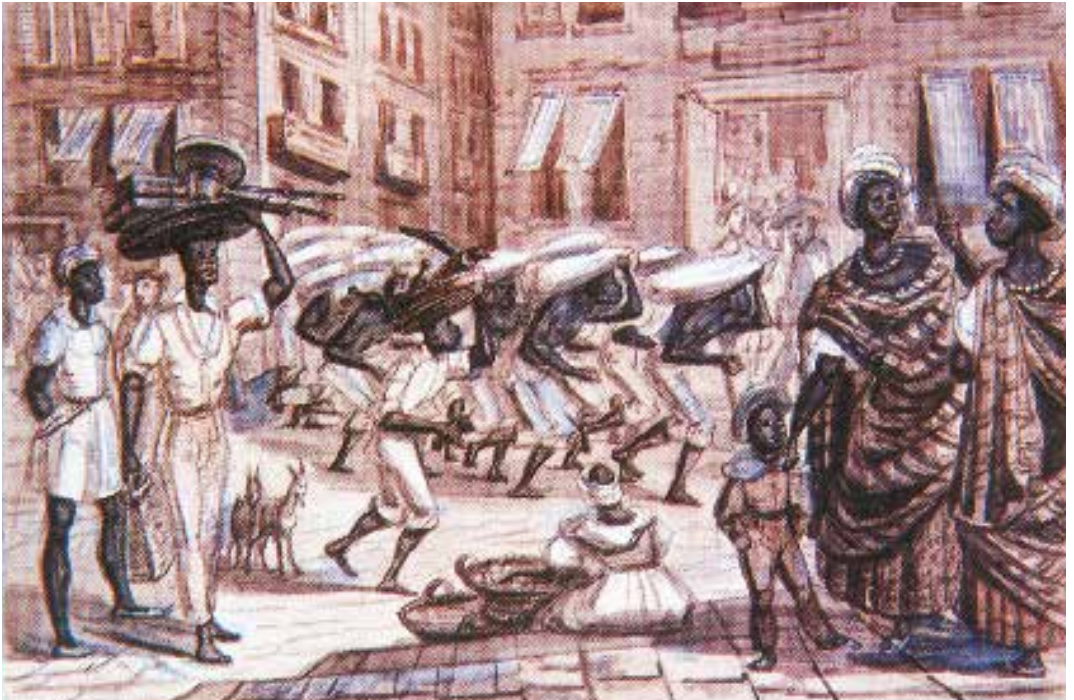
3. A morte de d. Leopoldina, em 1826, deu lugar a boatos de envenenamento. Consequência do segredo da política monárquica, a morte dos reis costumava ser atribuída a complôs e a causas extranaturais.

(Jean-Baptiste Debret, Convento da Ajuda e exéquias de Sua Majestade imperatriz Leopoldina, Rio de Janeiro, 1834)



4. O ritual da corte aparecia como algo estranho à maioria da população. Um panfleto da Revolução Praieira (1848-9) classificava d. Pedro II de “monarca governado por mexeriqueiros desvergonhados”.

(Victor Frond, Palácio Imperial no Rio de Janeiro, 1861)



5. *A cadência do passo dos carregadores de café prefigura a marcha-rancho do Carnaval carioca.*

(Paul Harro-Harring, 1840)



6. *A capital do Império era, nesta época, o principal centro urbano da América do Sul.*

(Victor Frond, Panorama do Rio de Janeiro, 1861)



7. Petrópolis representou durante algum tempo a utopia do país quase europeu que o Brasil poderia vir a ser conforme o desejo da elite imperial.

(Victor Frond, Palácio Imperial de Petrópolis, 1861)



8. D. Pedro II, por volta de seus 35 anos, quando já exercia a plenitude do Poder Moderador.

(Victor Frond, 1861)



9. D. Teresa Cristina, irmã do rei das Duas Sicílias. Seu casamento com d. Pedro II, em 1843, traz cantores italianos que desenvolvem o gosto pela ópera no Rio de Janeiro.

(Charles Ribeyrolles e Victor Frond, 1861)



11. Títulos do Tesouro Imperial. Num país escravista, com um número reduzido de assalariados, as notas tinham circulação limitada. Tratos apalavrados, moedas, trocas de mercadorias e ordens de pagamento endossadas por casas comerciais garantiam as grandes e pequenas transações comerciais.

(Museu Histórico Nacional)



12. Difundida pelos portugueses na África, a mandioca, como outra planta sul-americana, o milho, incorporou-se à dieta africana, criando costumes alimentares similares nas duas margens do sistema escravista luso-brasileiro no Atlântico Sul. O preparo da farinha demandava um trabalho de equipe, integrando escravos jovens e velhos na mesma roda de labuta, cantos e conversas.

(Modesto Brocos, Engenho de mandioca, 1892, Museu Imperial)



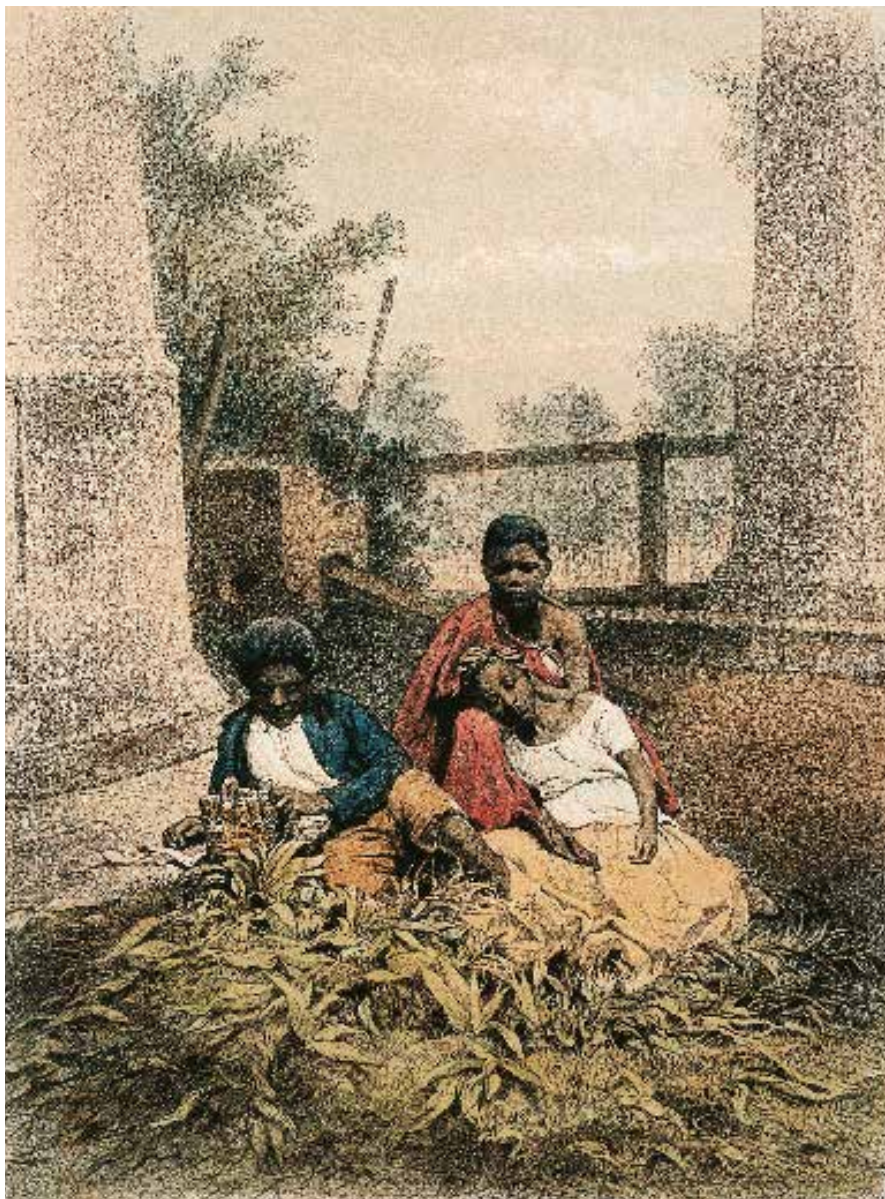
13. Grupos de cozinheiras cativas seguiam junto com os escravos para a roça.

(Victor Frond, Almoço na roça, 1861)



14. A vida na fazenda podia ter algum conforto, mas impunha o convívio com a violência da disciplina escravista.

(Victor Frond, 1861)



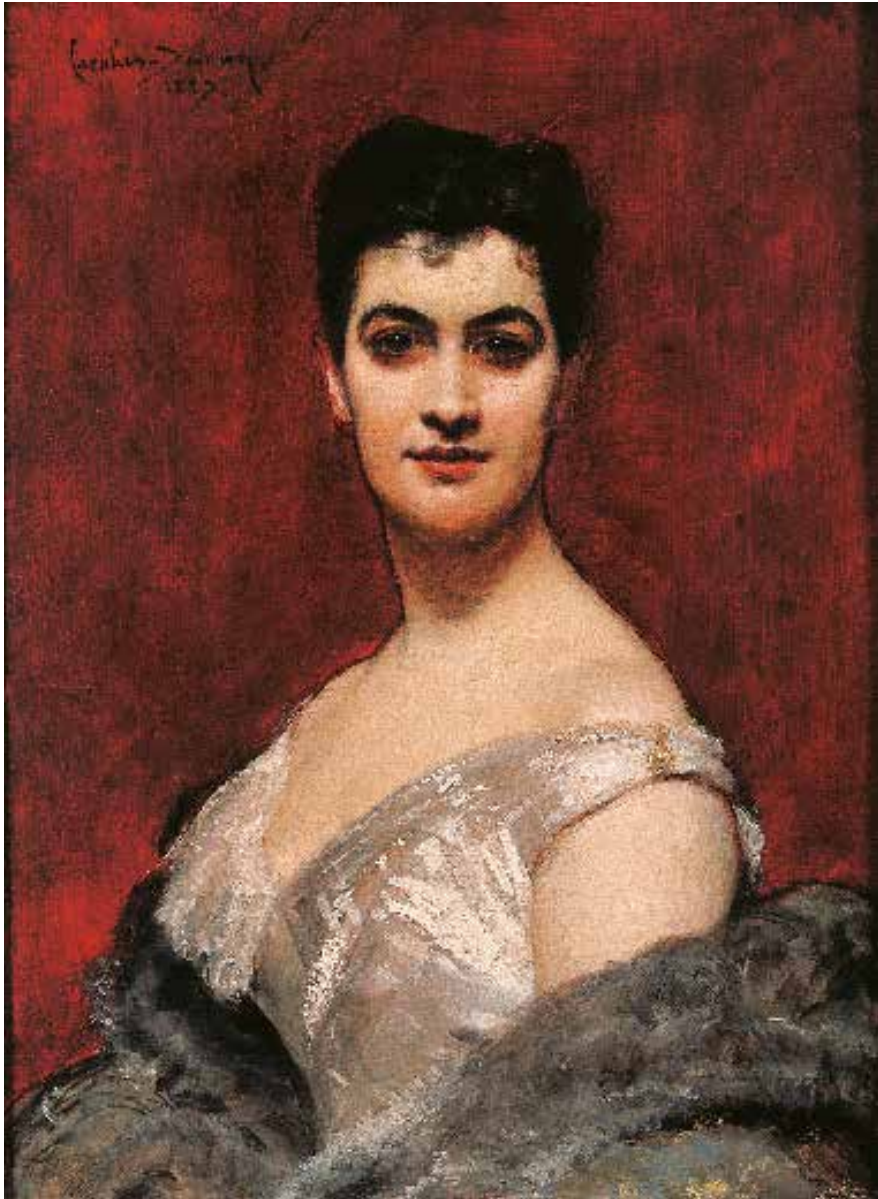
15. *Victor Frond tenta fixar o momento de aproximação afetiva que ligava as cativas após a labuta diária.*

(Victor Frond, Negras depois do trabalho, 1861)



16. Interior de casa de imigrantes alemães já adaptados aos costumes do Rio Grande do Sul.

(Pedro Weingartner, Chegou tarde, final do século XIX)



17. Uma grande dama do Segundo Reinado. Eufrásia Teixeira Leite, amiga do abolicionista Joaquim Nabuco, filha do comerciante de café Joaquim José Teixeira Leite e herdeira da Casa da Hera, em Vassouras.

(Carolus-Duran, Museu Casa da Hera, 1887)



18. *As filhas, o salão e o piano de um magnata do Segundo Reinado.*

(*José Correia de Lima, Francisco Manuel e suas filhas, c. 1850*)



19. Palavra da língua kicongo, falada pelos povos congoleses, moringa incorporou-se ao vocabulário brasileiro. A peça maior traz as armas imperiais do Brasil. A menor tem o retrato de d. Pedro V, rei de Portugal e sobrinho de d. Pedro II.



20. Jogos das crianças da família imperial. O quebra-cabeça tem a imagem do exército brasileiro comandado por d. Pedro I.

(Gravuras de Wunder, 1875, Museu Imperial)



21, 22, 23. *Mestres de obras baianos do Segundo Reinado, continuadores da tradição do artesanato luso-brasileiro da Colônia.*





24. À esquerda, a porta da alcova onde pernoitavam os fazendeiros que vinham a Vassouras vender café e fazer negócios com o comissário Joaquim José Teixeira Leite. O comissário, ou correspondente, era o fiador, o intermediário insubstituível entre o fazendeiro e os exportadores. Laços de compadrio costumavam estreitar as relações entre os dois parceiros: os negócios apareciam como um prolongamento da vida privada.

(Salão Comercial, Museu Casa da Hera, século XIX)



25. *Estojo de campanha do duque de Caxias. Nas viagens e nas campanhas militares os talheres completos podiam ser usados pelos habitantes europeizados e pelos oficiais. Mas a maioria da população usava apenas uma faca e um copo, frequentemente dividido com outros, nas suas refeições.*



26. Interessado pelas novidades técnicas, d. Pedro II entusiasmou-se com o telefone. Este exemplar, fabricado por volta de 1880, pertenceu ao imperador e foi um dos primeiros a ser instalado no Brasil.

(Museu Imperial)



27. Os estojos de fotografias eram portados pelas famílias, perpetuando a presença dos ausentes e dos mortos. Mas a foto revelava também outras utilidades. No final dos anos 1860, a polícia imperial já recebia fotografias de criminosos franceses foragidos no Império.

(Museu Histórico Nacional)



JA NÃO ITA CRIANÇAS.

— Julia, as vestes hoje estão lindas!
 — Como não, minha filha; não sabes que o freguesado de
 muitas prendas que tuas fez, está sempre a dizer a Mãe?

— Henrique, já sabes que a doente não morreu?
 — Que não! Ela está em casa, porém perdido para o céu!
 Não!



— Felicitamente chegaram os jornais de manhã de Paris. Das Invenções sabemos agora livres!
 Não (os escravos, largados a fôrça). — Livres? e o que é das vendas? não me fallas nisso!

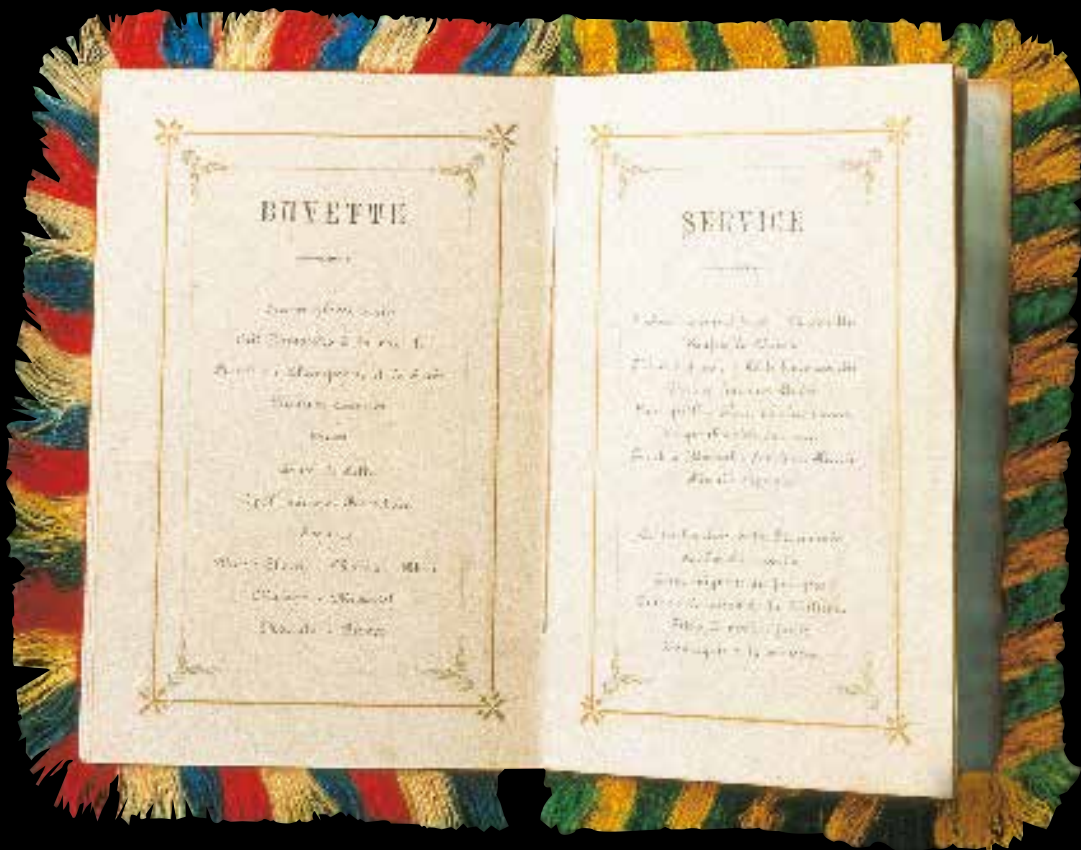
28. Os bargistas do Segundo Reinado tinham perfeita consciência dos limites da modernidade no contexto de uma sociedade escravista. No desenho de baixo uma alusão ao escândalo que a Lei do Ventre Livre provocava entre os escravocratas.

(A Semana Ilustrada, 1871)



29. A tabaqueira também servia para carregar o tabaco em pó para cheirar, o rapé, fabricado em várias províncias e chamado de “pó”, “amostrinha” e “torrado”. A efigie de d. Pedro II é ladeada por duas figuras alegóricas. A da esquerda se refere à Marinha de Guerra e a da direita, uma índia, representa a Marinha Mercante.

(Tabaqueira, Museu Imperial, segunda metade do século XIX)



30. O cardápio do Baile da Ilha Fiscal, último evento festivo do Império, ridicularizado pelos republicanos como o exemplo da incosequência da monarquia.

(Museu Imperial, 1889)



31. A proximidade com o gado miúdo das chácaras e das fazendas marcava, como na Europa rural oitocentista, a vida das crianças.

(Foto de Paula Ramos, Rio de Janeiro, 1860)

CRÉDITOS DAS ILUSTRAÇÕES
FONTES E BIBLIOGRAFIA
DA ICONOGRAFIA

1. VIDA PRIVADA E ORDEM PRIVADA NO IMPÉRIO

1. Charles Simon Pradier, 1818, gravura a buril. Rio de Janeiro, Museu Histórico Nacional.
2. Cândido Mendes, *Atlas do Império do Brazil*. Rio de Janeiro, 1868, estampa. São Paulo, Coleção José Mindlin.
3. Código Criminal do Império do Brazil. Rio de Janeiro, 1831. São Paulo, Coleção José Mindlin.
4. Fotografia de Militão Augusto de Azevedo, c. 1870. In: KOSSOY, Boris; CARNEIRO, M. Luiza Tucci. *O olhar europeu: O negro na iconografia brasileira do século XIX*. São Paulo: Edusp, 1994.
5. Emil Bauch, *Largo do Corpo Santo*. Recife, meados do século XIX, gravura. Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas-Artes.
6. Fotografia de Revert Henrique Klumb, 1860. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.
7. Fotografia de Marc Ferrez, 1870. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.
8. Paul Harro-Harring, 1840, aquarela. São Paulo, Instituto Moreira Salles.
9. Cândido Mendes, *Atlas do Império do Brazil*. Rio de Janeiro, 1868, estampa. São Paulo, Coleção José Mindlin.
10. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, diversos anúncios, ago. 1852. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.
11. *Ibid.*, out. 1854. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.
12. Machado de Assis, *Helena*. Rio de Janeiro, 1876. São Paulo, Coleção José Mindlin.
13. *A Semana Ilustrada*. Rio de Janeiro, 1867. São Paulo, Coleção José Mindlin.
14. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, abr. 1853. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.
15. *Ibid.*, set. 1854. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.
16. *Ibid.*, ago. 1853. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.
- 17-19. *Ibid.*, diversos exemplares, 1854. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.
- 20-21. *Ibid.*, ago. 1851. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.
22. *Ibid.*, out. 1854. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.
23. c. 1850. Rio de Janeiro, Museu Histórico Nacional.
- 24-25. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, maio 1853 e ago. 1854. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.
26. *Ibid.*, dez. 1851. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.
- 27-28. *Ibid.*, ago. 1852 e fev. 1853. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.
29. *Ibid.*, set. 1851. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.
30. *A Semana Ilustrada*. Rio de Janeiro, 1863. São Paulo, Coleção José Mindlin.
31. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, mar. 1853. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.
32. *O Arlequim*. Rio de Janeiro, n. 28, p. 5, 1867. São Paulo, Coleção José Mindlin.
33. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, fev. 1854. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.
34. *Ibid.*, maio 1852. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.
35. Paul Harro-Harring, 1840, aquarela. São Paulo, Instituto Moreira Salles.
36. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, jan. 1852. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.
37. *Ibid.*, jun. 1853. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.
38. Fotografia de Henschel. Rio de Janeiro, c. 1870. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.
39. *Bazar Volante*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, ano 1, p. 4, 1863. São Paulo, Coleção José Mindlin.
40. *A Semana Ilustrada*. Rio de Janeiro, p. 2917, 1868. São Paulo, Coleção José Mindlin.
41. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, abr. 1852. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.
42. *Bazar Volante*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 27, ano 1, p. 8, 1863. São Paulo, Coleção José Mindlin.
43. A. Agostini, *Revista Ilustrada*. Rio de Janeiro, n. 10, 1876. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo.
44. *A Semana Ilustrada*. Rio de Janeiro, p. 3, 18616. São Paulo, Coleção José Mindlin.
45. *O Arlequim*. Rio de Janeiro, n. 27, p. 5, 1867. São Paulo, Coleção José Mindlin.

46. *A Semana Ilustrada*. Rio de Janeiro, p. 2692, 1867. São Paulo, Coleção José Mindlin.
47. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ago. 1853. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.
48. *A Semana Ilustrada*. Rio de Janeiro, p. 5533, 1874. São Paulo, Coleção José Mindlin.
49. *Doctrine de l'Ecole de Rio de Janeiro et pathogénésie brésilienne*. Paris; Rio de Janeiro, 1849. São Paulo, Coleção José Mindlin.
50. Fotografia de Christiano Jr., c. 1860. In: AZEVEDO, Paulo Cesar de; LISSOVSKY, Mauricio. *Escravos brasileiros do século XIX na fotografia de Christiano Jr.* São Paulo: Ex Libris, 1988.
51. In: ADONIAS, Isa; FRANCESCHI, Humberto M. (Orgs.). *IHGB: 150 anos*. Rio de Janeiro: Studio HMF, 1990.
52. E. Rensburg, *Álbum do Rio de Janeiro e seus arrabaldes*, s. d. Rio de Janeiro, meados do século XIX. São Paulo, Coleção José Mindlin.
- 53-54. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ago. e set. 1853. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.
55. *Ibid.*, nov. 1854. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.
56. *Ibid.*, ago. 1854. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.
57. *A Semana Ilustrada*. Rio de Janeiro, p. 5004, 1873. São Paulo, Coleção José Mindlin.
58. Fotografia de Christiano Jr., c. 1860. In: AZEVEDO, Paulo Cesar de; LISSOVSKY, Mauricio. *Escravos brasileiros do século XIX na fotografia de Christiano Jr.* São Paulo: Ex Libris, 1988.
59. J. M. de Macedo, *As vítimas-algozes*. Rio de Janeiro, 1869. São Paulo, Coleção José Mindlin.

2. O COTIDIANO DA MORTE NO BRASIL OITOCENTISTA

1. J. M. Rugendas, *Voyage pittoresque dans le Brésil*. Paris, 1833, gravura. São Paulo, Coleção José Mindlin.
2. Kidder e Fletcher, *Brazil and Brazilians*. Filadélfia (PA), 1857. São Paulo, Coleção José Mindlin.
3. J. M. Rugendas, *Voyage pittoresque dans le Brésil*. Paris, 1833, gravura. São Paulo, Coleção José Mindlin.
4. *A Semana Ilustrada*. Rio de Janeiro, 1863, p. 897. São Paulo, Coleção José Mindlin.
5. J. B. Debret, *Voyage pittoresque et historique au Brésil*. Paris, 1834, gravura. São Paulo, Coleção José Mindlin.
6. Ex-voto, século XIX, têmpera sobre madeira. Ouro Preto, Museu da Inconfidência.
7. J.-B. Debret, *Voyage pittoresque et historique au Brésil*. Paris, 1834, gravura. São Paulo, Coleção José Mindlin.
8. *Ibid.* São Paulo, Coleção José Mindlin.
9. *Ibid.* São Paulo, Coleção José Mindlin.
10. *Bazar Volante*. Rio de Janeiro, v. 3, n. 4, ano 3, p. 5. São Paulo, Coleção José Mindlin.
11. Estampa, 1912. Rio de Janeiro, Coleção Carlos Eugênio Dufriche.
12. J.-B. Debret, *Voyage pittoresque et historique au Brésil*. Paris, 1834, gravura. São Paulo, Coleção José Mindlin.
13. Madeira trabalhada. Ouro Preto, Museu da Inconfidência.
14. J.-B. Debret, *Voyage pittoresque et historique au Brésil*. Paris, 1834, gravura. São Paulo, Coleção José Mindlin.
15. *Ibid.* São Paulo, Coleção José Mindlin.
16. *Ibid.* São Paulo, Coleção José Mindlin.
17. J.-B. Debret, *Voyage pittoresque et historique au Brésil*. Paris, 1834, gravura. São Paulo, Coleção José Mindlin.
18. *Ibid.* São Paulo, Coleção José Mindlin.
19. Documentação de João José Reis. Salvador, 1996.
20. Mary Graham, c. 1824. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.
21. Fotografia de Augusto Riedel, 1868. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.
22. Fotografia de Felipe Augusto Fidanza, c. 1870. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.
23. *Ibid.*, c. 1870. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.
24. Fotografia de Augusto Riedel, 1868. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.

25-28. In: VALLADARES, Clarival do Prado. *Nordeste histórico e monumental*. Salvador: Odebrecht, 1981, v. 4, pp. 239-42. 4 v.

29. Documentação de João José Reis. Salvador, 1980.

30. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ago. 1853. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.

31. *Ibid.*, maio 1853. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.

32-33. Rodolfo Bernardelli (1852-1931), nanquim. Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas-Artes.

3. A OPULÊNCIA NA PROVÍNCIA DA BAHIA

1. In: FERREZ, Gilberto. *Bahia: Velhas fotografias — 1858/1900*. Rio de Janeiro: Kosmos, 1989. São Paulo, Coleção José Mindlin.

2. Cândido Mendes, *Atlas do Império do Brasil*. Rio de Janeiro, 1868. São Paulo, Coleção José Mindlin.

3. H. Lewis e Mary Graham, c. 1840, aquarela. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.

4. Fotografia anônima, c. 1877. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.

5. J. B. Debret, *Voyage pittoresque et historique au Brésil*. Paris, 1834, gravura. São Paulo, Coleção José Mindlin.

6. Medalhas em ouro, brilhante e rubi, c. 1850. Rio de Janeiro, Museu Histórico Nacional.

7. Medalhas em ouro e pedras preciosas. Rio de Janeiro, Museu Histórico Nacional.

8. Victor Frond, gravura. In: RIBEYROLLES, Charles; FROND, Victor. *Brazil pittoresco*. Paris: Lemercier Imprimeur-Lithographe, 1861. São Paulo, Coleção José Mindlin.

9. H. Lewis e Mary Graham, c. 1840, aquarela. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.

10. *A Semana Ilustrada*. Rio de Janeiro, p. 3668, 1869. São Paulo, Coleção José Mindlin.

11. *Ibid.*, p. 2700, 1867. São Paulo, Coleção José Mindlin.

12. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 1851. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.

13. Diversos utensílios do período imperial. Rio de Janeiro, Museu Histórico Nacional.

14-15. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 1851. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.

16. *Ibid.*, 1853. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.

17. Fotografia de Christiano Jr., c. 1860. In: AZEVEDO, Paulo Cesar de; LISSOVSKY, Mauricio. *Escravos brasileiros do século XIX na fotografia de Christiano Jr.* São Paulo: Ex Libris, 1988.

18. H. Lewis e Mary Graham, c. 1840, aquarela. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.

19. *Ibid.*, c. 1840. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.

20. Vassouras, Rio de Janeiro, Museu da Casa da Hera, MinC/IPHAN/6ª C.R.

21. Fotografia atribuída a Georg Barthordy, 1899. Rio de Janeiro, Coleção Roberto Menezes de Moraes.

22. Thomas Ender, 1817, aquarela. In: FERREZ, Gilberto. *O Brasil de Thomas Ender*. Rio de Janeiro: JMS, 1976. São Paulo, Coleção José Mindlin.

23. H. Lewis e Mary Graham, c. 1840, aquarela. Rio de Janeiro, Fundação Fundação Biblioteca Nacional.

24. *Alamach das senhoras*. Lisboa, 1875. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo.

25. H. Lewis e Mary Graham, c. 1840, aquarela. Rio de Janeiro, Fundação Fundação Biblioteca Nacional.

4. IMAGEM E AUTOIMAGEM DO IMPÉRIO

1. Ludwig e Briggs, *Ostensor Brasileiro*. Rio de Janeiro, 1843. Rio de Janeiro, Coleção Roberto Menezes de Moraes.

2. Fotógrafo anônimo, segunda metade do século XIX. Rio de Janeiro, Coleção Roberto Menezes de Moraes.

3. Victor Frond, gravura sobre fotografia. In: RIBEYROLLES, Charles; FROND, Victor. *Brazil pittoresco*. Paris: Lemerrier Imprimeur-Lithographe, 1861. São Paulo, Coleção José Mindlin.
4. Luis Compte, 1840. In: FERREZ, Gilberto. *A fotografia no Brasil: 1840-1900*. Rio de Janeiro: Funarte, 1985. São Paulo, Coleção José Mindlin.
5. Fotografia de Revert Henrique Klumb, 1880. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.
- 6-7. Fotografias de Marc Ferrez, 1882. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.
8. Fotografia de Marc Ferrez. In: FERREZ, Gilberto. *Babia: Velhas fotografias — 1858/1900*. Rio de Janeiro: Kosmos, 1989. São Paulo, Coleção José Mindlin.
9. *A Semana Ilustrada*. Rio de Janeiro, p. 1356, 1864. São Paulo, Coleção José Mindlin.
- 10-15. In: FERREZ, Gilberto. *Babia: Velhas fotografias — 1858/1900*. Rio de Janeiro: Kosmos, 1989. São Paulo, Coleção José Mindlin.
16. Bordalo Pinheiro, *O Besouro*. Rio de Janeiro, n. 23, 1878. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo.
17. *A Semana Ilustrada*. Rio de Janeiro, p. 925, 1863. São Paulo, Coleção José Mindlin.
- 18-19. Fotografia de Insley Pacheco e fotografia anônima de 1885. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.
20. A. Agostini. In: FERREZ, Gilberto. *A fotografia no Brasil: 1840-1900*. Rio de Janeiro: Funarte, 1985.
21. Fotografia de Revert Henrique Klumb, 1880. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.
- 22-25. Fotografias de Christiano Júnior, c. 1860. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.
26. Fotografia de Militão Augusto de Azevedo, 1879. In: KOSSOY, Boris; CARNEIRO, M. Luiza Tucci. *O olhar europeu: O negro na iconografia brasileira do século XIX*. São Paulo: Edusp, 1994.
27. Fotografia anônima, c. 1890. Rio de Janeiro, Coleção Ana Maria Mauad.
28. Fotografia de Augusto Stahl, c. 1870. Petrópolis, Museu Imperial.
29. Fotografia de Marc Ferrez, 1888. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.
- 30-31. Século XIX. Petrópolis, Museu Imperial.
- 32-34. Quadros a óleo atribuídos ao pintor C. J. Barandier e fotografia anônima. Rio de Janeiro, Coleção Roberto Menezes de Moraes.
- 35-36. Quadros a óleo atribuídos ao pintor Castan. Vassouras, Rio de Janeiro, Museu da Casa da Hera, MinC/IPHAN/6ª C.R.
- 37-41. Fotografias de Christiano Jr., Manuel Paula Ramos, Lopes, Pacheco & Filho e J. Gutierrez. Rio de Janeiro, Coleção Roberto Menezes de Moraes.
- 42-44. Fotografias de Manuel Paula Ramos. Rio de Janeiro, Coleção Roberto Menezes de Moraes.
45. Fotografia anônima, c. 1860. Rio de Janeiro, Coleção Roberto Menezes de Moraes.
46. Fotografia da loja fotográfica Kaufmann/Kreuzmach. Rio de Janeiro, 1880. Rio de Janeiro, Coleção Roberto Menezes de Moraes.
47. *Missa em Dorlândia*. Fotografia de Manuel de Paula Ramos, c. 1870. Rio de Janeiro, Arquivo particular do embaixador João Hermes Pereira de Araújo.
48. Otto Hees, Coleção Dom João de Orleans e Bragança. In: FERREZ, Gilberto. *A fotografia no Brasil: 1840-1900*. Rio de Janeiro: Funarte, 1985.

5. SENHORES E SUBALTERNOS NO OESTE PAULISTA

1. Cândido Mendes, *Atlas do Império do Brasil*. Rio de Janeiro, 1868. São Paulo, Coleção José Mindlin.
2. Fotografia de Augusto Riedel, 1868. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.
3. Thomas Ender, 1817. In: FERREZ, Gilberto. *O Brasil de Thomas Ender*. Rio de Janeiro: JMS, 1976. São Paulo, Coleção José Mindlin.
4. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 1851. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.
5. Thomas Ender, 1817. In: FERREZ, Gilberto. *O Brasil de Thomas Ender*. Rio de Janeiro: JMS, 1976. São Paulo, Coleção José Mindlin.
6. Victor Frond. In: RIBEYROLLES, Charles; FROND, Victor. *Brazil pittoresco*. Paris: Lemerrier Imprimeur-Lithographe, 1861. São Paulo, Coleção José Mindlin.

7. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 1854. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.
8. *A Semana Ilustrada*. Rio de Janeiro, p. 1861, 1865. São Paulo, Coleção José Mindlin.
9. Fotografia Carneiro & Tavares, c. 1880. Vassouras, Universidade Severino Sombra.
10. *A Semana Ilustrada*. Rio de Janeiro, p. 1861, 1865. São Paulo, Coleção José Mindlin.
11. Paul Harro-Harring, 1840, aquarela. São Paulo, Instituto Moreira Salles.
12. A. Agostini, *Cabrião*. São Paulo, p. 388, 1866-7. São Paulo, Coleção José Mindlin.
13. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 1854. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.
14. *Ibid.*, 1853. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.
15. Campinas, Arquivo do Centro de Memória, Unicamp.
16. Victor Frond, gravura. In: RIBEYROLLES, Charles; FROND, Victor. *Brazil pittoresco*. Paris: Lemercier Imprimeur-Lithographe, 1861. São Paulo, Coleção José Mindlin.
17. Alberto Henschel. In: FERREZ, Gilberto. *Babia: Velhas fotografias — 1858/1900*. Rio de Janeiro: Kosmos, 1989. São Paulo, Coleção José Mindlin.
18. *Folhinha Laemmert*. Rio de Janeiro, 1876. São Paulo, Coleção José Mindlin.
19. Victor Frond, gravura. In: RIBEYROLLES, Charles; FROND, Victor. *Brazil pittoresco*. Paris: Lemercier Imprimeur-Lithographe, 1861. São Paulo, Coleção José Mindlin.
20. Kidder e Fletcher, *Brazil and Brazilians*. Filadélfia (PA), 1857. São Paulo, Coleção José Mindlin.
21. Fotografia de Nicklesen, 1880. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.
22. A. Agostini, *Revista Ilustrada*. Rio de Janeiro, n. 508, 1888. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo.
23. Fotografia anônima, c. 1890. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Coleção Ana Maria Mauad.
24. Fotografia de Militão Augusto de Azevedo, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro. In: VASQUEZ, P. *Dom Pedro II e a fotografia no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, s. d.
25. Fotografia de Christiano Jr. In: AZEVEDO, Paulo Cesar de; LISSOVSKY, Mauricio. *Escravos brasileiros do século XIX na fotografia de Christiano Jr.* São Paulo: Ex Libris, 1988.

6. CARAS E MODOS DOS MIGRANTES E IMIGRANTES

1. A. Agostini, *Revista Ilustrada*. Rio de Janeiro, n. 12, 1876. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo.
2. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 1853. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.
3. Augusto Riedel, c. 1868. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.
4. Cândido Mendes, *Atlas do Império do Brasil*. Rio de Janeiro, 1868. São Paulo, Coleção José Mindlin.
- 5-6. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 1852 e 1853. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.
7. *Ibid.*, 1852. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.
8. *A Semana Ilustrada*. Rio de Janeiro, p. 1756, 1865. São Paulo, Coleção José Mindlin.
9. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 1853. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.
10. *Ibid.*, 1853. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.
11. Fotografia de J. A. Corrêa, 1877. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.
12. A. Agostini, *Cabrião*. São Paulo, p. 100, 1866-7. São Paulo, Coleção José Mindlin.
13. Rio de Janeiro, Museu Histórico Nacional.
14. São Paulo, Museu Paulista.
15. Porto de Hamburgo, meados do século XIX. Blumenau, Arquivo do *Jornal de Santa Catarina*.
16. Fotografia anônima de 1880, Blumenau. Blumenau, Santa Catarina, Centro de Documentação Hering Têxtil.
17. Mapa de João Breithamp, meados do século XIX. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.
18. Fotografia de Albert Richard Dietze, c. 1870. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.

19. Fotografia anônima, final do período imperial, Sul do Brasil. Blumenau, Santa Catarina, Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

20. *Casa de colonos alemães*, fotografia de Albert Richard Dietze, c. 1870. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.

21. Petrópolis, Museu Imperial.

22. A. Agostini, *Revista Ilustrada*. Rio de Janeiro, n. 81, 1877. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo.

7. LAÇOS DE FAMÍLIA E DIREITOS NO FINAL DA ESCRAVIDÃO

1. *Revue Française*. Rio de Janeiro, 1 mar. 1840. São Paulo, Coleção José Mindlin.

2. 1841. In: ADONIAS, Isa; FRANCESCHI, Humberto M. (Orgs.). *IHGB: 150 anos*. Rio de Janeiro: Studio HMF, 1990.

3-4. Paul Harro-Harring, 1840, aquarela. São Paulo, Instituto Moreira Salles.

5. *O Arlequim*. Rio de Janeiro, n. 3, p. 8, 1867. São Paulo, Coleção José Mindlin.

6. Foto de Revert Henrique Klumb, 1860. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.

7-8. Paul Harro-Harring, 1840, aquarela. São Paulo, Instituto Moreira Salles.

9. Fotografia Albert Richard Dietze, c. 1870. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.

10. Alambique de pedra-sabão, século XIX. Ouro Preto, Museu da Inconfidência.

11. *A Semana Ilustrada*. Rio de Janeiro, 1872. São Paulo, Coleção José Mindlin.

12. Kidder e Fletcher, *Brazil and Brazilians*. Filadélfia (PA), 1857. São Paulo, Coleção José Mindlin.

13. *A Semana Ilustrada*. Rio de Janeiro, p. 4668, 1872. São Paulo, Coleção José Mindlin.

14. Fotografia de Luís Ferreira, 1888. Rio de Janeiro, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. In: VASQUEZ, P. *Dom Pedro II e a fotografia no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, s. d.

15. A. Agostini, *Revista Ilustrada*. Rio de Janeiro, n. 499, 1888. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo.

16. *Ibid.*, n. 510, 1888. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo.

17. Fotografia de Revert Henrique Klumb, 1860. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.

8. O FIM DAS CASAS-GRANDES

1. Fotografia de Augusto Stahl, 1858. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.

2. In: SCHWARCZ, Lília Moritz. "D. Pedro é o pai dos brancos: Reflexões sobre a construção da imagem pública de d. Pedro II". Relatório de pesquisa apoiada pela FAPESP e pelo CNPq. São Paulo, 1997.

3. *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano*. Recife, n. 50, 1978.

4. Fotografia de Augusto Stahl, 1858. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.

5. Emil Bauch, meados do século XIX, gravura. Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas-Artes.

6. Joaquim Jeronymo Serpa, *Tratado de educação physico moral dos meninos*. Pernambuco, s. d. São Paulo, Coleção José Mindlin.

7. Cândido Mendes, *Atlas do Império do Brazil*. Rio de Janeiro, 1868. São Paulo, Coleção José Mindlin.

8. Fotografia de Augusto Stahl, 1858. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.

9. L. Buvelot e Auguste Moreau, *Rio de Janeiro pitoresco*. Rio de Janeiro, 1842. São Paulo, Coleção José Mindlin.

10-11. *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano*. Recife, n. 50, 1978.

12. *Ibid.*

13. *Ibid.*

14. 45 cm × 46 cm × 34 cm, século XIX. Rio de Janeiro, Museu Histórico Nacional.

15. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.

16. A. Agostini, *Revista Ilustrada*. Rio de Janeiro, n. 8, 1876. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo.
17. Emil Bauch, meados do século XIX, gravura. Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas-Artes.
18. Ibid.
19. Fotografia de Augusto Stahl, 1858. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.
20. Século XIX. Petrópolis, Museu Imperial.
21. Emil Bauch, meados do século XIX, gravura. Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas-Artes.
- 22-23. Recife, Fundação Joaquim Nabuco.
24. Luís Ferreira, 1888. Rio de Janeiro, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. In: VASQUEZ, P. *Dom Pedro II e a fotografia no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, s. d.
25. Fotografia de Felix Nadar, 1891. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional.

EPÍLOGO

1. Fotografia de João Ferreira Villela, c. 1860. Recife, Fundação Joaquim Nabuco.

ILUSTRAÇÕES CADERNOS COR

1. Bandeira do Brasil imperial, século XIX, Rio de Janeiro, Museu Histórico Nacional.
2. J. B. Debret, *Voyage pittoresque et historique au Brésil*. Paris, 1834. São Paulo, Coleção José Mindlin.
3. Ibid. São Paulo, Coleção José Mindlin.
4. In: RIBEYROLLES, Charles; FROND, Victor. *Brazil pittoresco*. Paris: Lemercier Imprimeur-Lithographe, 1861. São Paulo, Coleção José Mindlin.
5. Paul Harro-Harring, 1840, aquarela. São Paulo, Instituto Moreira Salles.
- 6-9. In: RIBEYROLLES, Charles; FROND, Victor. *Brazil pittoresco*. Paris: Lemercier Imprimeur-Lithographe, 1861. São Paulo, Coleção José Mindlin.
10. Cândido Mendes, *Atlas do Império do Brasil*. Rio de Janeiro, 1868. São Paulo, Coleção José Mindlin.
11. Rio de Janeiro, Museu Histórico Nacional.
12. Modesto Broccos (1852-1936), 1892, pintura a óleo. Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas-Artes.
- 13-15. In: RIBEYROLLES, Charles; FROND, Victor. *Brazil pittoresco*. Paris: Lemercier Imprimeur-Lithographe, 1861. São Paulo, Coleção José Mindlin.
16. Pedro Weingartner (1856-1929), final do século XIX, pintura a óleo. Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas-Artes.
17. Lawlis Duray, 1887, pintura a óleo feita em Paris. Vassouras, Rio de Janeiro, Museu da Casa da Hera, MinC/IPHAN/6ª C.R.
18. José Correia de Lima (1814-1857), meados do século XIX, pintura a óleo. Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas-Artes.
19. Rio de Janeiro, Museu Histórico Nacional.
20. Petrópolis, Museu Imperial.
- 21-23. In: VALLADARES, Clarival do Prado. *Nordeste histórico e monumental*. Salvador: Odebrecht, 1981, v. 4, pp. 126-8. 4 v.
24. Vassouras, Rio de Janeiro, Museu da Casa da Hera, MinC/IPHAN/6ª C.R.
25. Rio de Janeiro, Museu Histórico Nacional.
26. Petrópolis, Museu Imperial.
27. Rio de Janeiro, Museu Histórico Nacional.
28. *A Semana Ilustrada*. Rio de Janeiro, 1871. São Paulo, Coleção José Mindlin.
- 29-30. Petrópolis, Museu Imperial.
31. Fotografia de Manuel Paula Ramos, c. 1860. Rio de Janeiro, Coleção Roberto Menezes de Moraes.

CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS

Guilherme Fracornel

Capítulo 5: 24

Capítulo 7: 14

Capítulo 8: 24

Humberto Moraes Franceschiz

Capítulo 1: 551

Capítulo 7: 2

Ivson

Capítulo 1: 8, 35, 43

Capítulo 2: 25, 26, 27, 28

Capítulo 3: 24

Capítulo 4: 16, 48

Capítulo 5: 11, 24

Capítulo 7: 3, 4, 7, 8, 14

Capítulo 8: 24

Caderno cor 2: 6, 7, 8

João José Reis

Capítulo 2: 20

Lúcia Loeb

Capítulo 1: 2, 3, 9, 12, 13, 30, 32, 39, 40, 42, 44, 45, 46, 48, 49, 51, 52, 57, 59

Capítulo 2: 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 12, 14, 15, 16, 17, 18

Capítulo 3: 1, 2, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 22

Capítulo 4: 3, 4, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 20

Capítulo 5: 1, 3, 5, 6, 8, 10, 12, 16, 17, 18, 19, 20, 22

Capítulo 6: 1, 6, 8, 12, 22

Capítulo 7: 1, 2, 5, 11, 12, 13, 15, 16

Capítulo 8: 6, 7, 9, 16

Caderno cor 1: 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 13, 14, 15, 28

Robert W. Slenes

Capítulo 5: 9, 15

Rômulo Fialdini

Capítulo 1: 1, 23

Capítulo 2: 6, 13

Capítulo 3: 13

Capítulo 4: 28, 30, 31

Capítulo 6: 13, 14, 21

Capítulo 7: 10

Capítulo 8: 14, 20

Caderno cor 1: 1, 5, 11, 12, 19, 20, 25, 26, 27, 29, 30

Vicente de Mello

Capítulo 1: 5, 6, 7, 39

Capítulo 2: 11, 20, 21, 22, 23, 24, 32, 33

Capítulo 3: 3, 4, 9, 18, 19, 20, 21, 23, 25

Capítulo 4: 1, 2, 5, 6, 7, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 29, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47

Capítulo 5: 2, 21, 23
Capítulo 6: 3, 11, 17, 18, 20
Capítulo 7: 6, 9, 17
Capítulo 8: 1, 4, 5, 8, 17, 18, 19, 21, 25
Caderno cor: 16, 17, 18, 24, 31

FONTES E BIBLIOGRAFIA DA ICONOGRAFIA

FONTES

Almanak Laemmert. Rio de Janeiro.
O Arlequim (Rio de Janeiro)
Bazar Volante (Rio de Janeiro)
O Besouro (Rio de Janeiro)
Cabrião (São Paulo)
Iconografia de J. Nabuco (Recife, 1975. Fundação Joaquim Nabuco, Recife)
Jornal do Comércio (Rio de Janeiro)
O Ostensor Brasileiro (Rio de Janeiro)
O Professor (Fortaleza)
Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano (Recife, n. 50, 1978)
Revista Ilustrada (Rio de Janeiro)
A Semana Ilustrada (Rio de Janeiro)

BIBLIOGRAFIA

- ADONIAS, Isa; FRANCESCHI, Humberto M. (Orgs.). *IHGB: 150 anos*. Rio de Janeiro: Studio HMF, 1990.
- ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de; LOGATTO, Rosângela. “Imagens da seca de 1877-78 no Ceará”. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, n. 114, 1994.
- AZEVEDO, Paulo Cesar de; LISSOVSKY, Maurício. *Escravos brasileiros do século XIX na fotografia de Cristiano Jr.* São Paulo: Ex Libris, 1988.
- BUVELOT, Louis; MOREAU, Auguste. *Rio de Janeiro pitoresco*. Rio de Janeiro: Heaton & Rensburg, 1845.
- DEBRET, Jean-Baptiste. *Voyage pittoresque et historique au Brésil, ou séjour d'un artiste français au Brésil depuis 1816 jusq'en 1831 etc.* Paris: Firmin Didot Frères, 1839.
- FERREZ, Gilberto. *O Brasil de Thomas Ender*. Rio de Janeiro: JMS, 1976.
- . *A fotografia no Brasil: 1840-1900*. Rio de Janeiro: Funarte, 1985.
- . *Babia: Velhas fotografias — 1858/1900*. Rio de Janeiro: Kosmos, 1989.
- FREYRE, Gilberto. *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.
- KOSSOY, Boris. *Fotografia & história*. São Paulo: Ática, 1988.
- . *Origens e expansão da fotografia no Brasil: Século XIX*. Rio de Janeiro: Funarte, 1980.
- KOSSOY, Boris; CARNEIRO, M. Luíza Tucci. *O olhar europeu: O negro na iconografia brasileira do século XIX*. São Paulo: Edusp, 1994.
- LYRA, Heitor. *História de dom Pedro II*. Pref., iconografia e índices de Alexandre Eulálio. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977. 3 v.
- MELLO E SOUZA, Gilda de. *O espírito das roupas: A moda no século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- RIBEYROLLES, Charles; FROND, Victor. *Brazil pittoresco*. Paris: Lemerancier Imprimeur-Lithographe, 1861.
- RUGENDAS, J. M. *Voyage pittoresque dans le Brésil*. Paris: Engelmann & Cie, 1835.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. “D. Pedro é o pai dos brancos: Reflexões sobre a construção da imagem pública de d. Pedro II”. Relatório de pesquisa apoiada pela FAPESP e pelo CNPq. São Paulo, 1997.

VALLADARES, Clarival do Prado. *Nordeste histórico e monumental*. Salvador: Odebrecht, 1981. 4 v.
VASQUES, P. *Dom Pedro II e a fotografia no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, s.d.

AGRADECIMENTOS

Arquivo Histórico Nacional (Rio de Janeiro)
Casa de Rui Barbosa (Rio de Janeiro)
Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro)
Fundação Joaquim Nabuco (Recife)
Instituto de Estudos Brasileiros (São Paulo)
Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (Rio de Janeiro)
Instituto Moreira Salles
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Rio de Janeiro)
Museu Casa da Hera (Vassouras)
Museu Histórico Nacional
Museu Imperial (Petrópolis)
Museu da Inconfidência
Museu Nacional de Belas-Artes (Rio de Janeiro)
Museu Paulista (São Paulo)

Angela Alonso (São Paulo)
Beatriz e Mário Pimenta Camargo (São Paulo)
Boris Kossoy
Carlos Eugênio Dufriech (Rio de Janeiro)
Ciro Biderman (São Paulo)
Clotilde Paiva (Belo Horizonte)
Cristina Antunes (São Paulo)
Elza Berquó (São Paulo)
Francisco Bethencourt
Geraldo Di Giovanni (São Paulo)
Gilberto Ferrez (Rio de Janeiro)
Guita e José Mindlin (São Paulo)
Ismail Xavier (São Paulo)
Ítalo Campofiorito (Rio de Janeiro)
João Hermes Pereira de Araújo (Rio de Janeiro)
José Almino de Alencar (Rio de Janeiro)
José Arthur Giannotti (São Paulo)
Lígia Osório (Campinas)
Lorenzo Mammì
Miriam Dolnikhof (São Paulo)
Omar Ribeiro Thomaz (São Paulo)
Paulo Arantes (São Paulo)
Paulo Henrique Amorim (São Paulo)
Rachel Valença (Rio de Janeiro)
Roberto Menezes de Moraes (Rio de Janeiro)
Roberto Schwarz (São Paulo)
Rodrigo Naves (São Paulo)
Ronaldo Marcos dos Santos (São Paulo)
Wilma Peres Costa (Campinas)